

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Departamento de Estudos Latino-Americanos - ELA
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados
sobre as Américas - PPGECsA

INEQUIDADE EM TRÂNSITO

SOLIDARIEDADE E CAPITAL
SOCIAL NA EXPERIÊNCIA DE
MULHERES VENEZUELANAS
EM PORTO ALEGRE

ANA PAULA HENDGES

Brasília
2023



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Departamento de Estudos Latino-Americanos - ELA
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas - PPGECSA

**Inequidade em trânsito: solidariedade e capital social na experiência
de mulheres venezuelanas em Porto Alegre**

Ana Paula Jetske Hendges

Brasília
2023

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade de Brasília como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Área de concentração: Estudos Comparados sobre as Américas

Orientadora: Profa. Dra. Delia Maria Dutra da Silveira Margalef.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, globalização e migrações nas Américas.

Brasília
2023





Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

H497i Hendges, Ana Paula
Inequidade em trânsito: solidariedade e capital social na
experiência de mulheres venezuelanas em Porto Alegre / Ana
Paula Hendges; orientador Delia Dutra. -- Brasília, 2023.
121 p.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -- Universidade
de Brasília, 2023.

1. Migração internacional. 2. mulheres venezuelanas. 3.
capital social. 4. redes de solidariedade. 5. Porto Alegre.
I. Dutra, Delia, orient. II. Título.

BANCA AVALIADORA

Profa. Dra Delia Maria Dutra da Silveira Margalef

UDELAR
Presidente

Profa. Dra. Elizabeth Ruano Ibarra

Universidade de Brasília
Avaliadora Interna

Prof. Dr. Márcio de Oliveira

Universidade Federal do Paraná
Avaliador Externo

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti

Universidade de Brasília
Avaliador Suplente



Agradecimentos

O percurso da realização do mestrado foi intenso, apaixonante, árduo e indiscutivelmente desafiador. O processo, no entanto, mexeu comigo de formas não previstas, fazendo mais parte de mim a cada momento que o vivi enquanto mulher, LGBTQIA+, migrante, trabalhadora e pesquisadora. A travessia desses dois últimos anos não seria possível sem minhas próprias redes de apoio, por vezes a uma mensagem ou a um telefonema de distância, por outras a milhares de quilômetros de viagem.

À minha mãe, Marlise, e aos meus irmãos, Estela, Alexandre e Germano, o meu mais profundo obrigada pelas conversas, (muitas) risadas e todo o abraço à distância e fisicamente, quando possível, ao longo desses anos longe do que já foi uma vez casa. Ao meu pai, Paulo, com quem gostaria de dividir mais uma conquista em vida: o brindo, no décimo ano de sua ausência, por ter motivado em mim a necessidade política de questionar, desde tão cedo, e pelo tempo que foi possível como um dos principais atores de minha rede de apoio.

Ao meu cheiro, Mayra, com quem compartilho os sentimentos, as vivências, as dores e a experiência do poder de transformação pelo afeto no apoio entre mulheres. À Aurora, obrigada por me mostrar que, nas andanças, pertencemos e fazemos moradas também em pessoas.

À Associação Gaúcha de Prostitutas (NEP) e à Cruz Vermelha Brasileira – Filial Rio Grande do Sul, que me abriram caminhos, compartilharam panoramas e me prepararam para desafios futuros.

À minha amiga e maravilhosa orientadora, Delia, a quem ainda não consigo escolher as palavras adequadas para expressar o meu agradecimento pelas inúmeras conversas construídas para além do cotidiano operacional acadêmico. Muito obrigada por me auxiliar a manter a motivação e a tornar esse processo menos solitário. Estamos juntas.



A todas las mujeres viajeras que hicieron esta investigación tornarse el logro de un sueño para una más.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a migração feminina venezuelana, considerando o cenário macropolítico da indústria da migração e da globalização neoliberal na América Latina. Através da perspectiva interseccional de gênero e da relevância do capital social, este estudo versa sobre as experiências de mulheres migrantes venezuelanas que residem em Porto Alegre, com o objetivo geral de identificar como constroem redes de solidariedade, a partir da ação individual e coletiva, para reestruturar suas vidas naquela localidade de destino. Ademais, indagou-se acerca dos padrões das experiências com a rede de assistência humanitária, e buscou-se averiguar a construção da solidariedade e respectiva rede com base em vivências, valores e crenças e objetivos em comum. Para tanto, foi empregada a metodologia qualitativa, por meio das técnicas de entrevista em profundidade e de grupo focal, cujos universos foram examinados por meio de análise de conteúdo temática. A pesquisa permite avançar na compreensão de que a relação com a rede de assistência humanitária se constrói a partir da instrumentalização dela com o objetivo de suprir necessidades dos grupos familiares, estando fortemente associada com a posição dessas mulheres nas cadeias de cuidado. As narrativas permitiram inferir um grau de desnorteamento e, por vezes, ausência de consciência manifesta acerca de possíveis aspectos macropolíticos causadores da situação migratória vivenciada. Observou-se, ao mesmo tempo, o enfraquecimento da relação do pertencimento e da autoestima, em especial com o exercício laboral e, por conseguinte, com o processo de reestruturação pretendido, o que é indicado como uma das expressões padrão da migração feminina latino-americana e sua inerente repetição da vulnerabilidade.

Palavras-chave: migração internacional; mulheres venezuelanas; capital social; redes de solidariedade; Porto Alegre.

RESUMEN

Esta investigación aborda la migración femenina venezolana, considerando el escenario macropolítico de la industria migratoria y la globalización neoliberal en América Latina. A través de la perspectiva interseccional de género y la relevancia del capital social, este estudio se centra en las experiencias de mujeres migrantes venezolanas residentes en Porto Alegre, con el objetivo general de identificar cómo construyen redes solidarias, basadas en la acción individual y colectiva, para reestructurar sus vidas en ese lugar de destino. Además, se indagó sobre los patrones de experiencias con la red de asistencia humanitaria, y se buscó investigar la construcción de la solidaridad y su red a partir de experiencias, valores, creencias y objetivos comunes. Para ello se utilizó la metodología cualitativa, utilizando técnicas de entrevista en profundidad y grupos focales, cuyos universos se examinaron a través del análisis de contenido temático. La investigación permite avanzar en la comprensión de la relación con la red de asistencia humanitaria, que se construye a partir de su instrumentalización con el objetivo de satisfacer las necesidades de los grupos familiares, estando fuertemente asociada a la posición de estas mujeres en las cadenas de cuidado. Las narrativas permitieron inferir cierto grado de desorientación y, en ocasiones, una clara falta de conciencia sobre los posibles aspectos macropolíticos que provocan la situación migratoria vivida. Al mismo tiempo, se observó un debilitamiento de la relación entre pertenencia y autoestima, especialmente con el trabajo y, en consecuencia, con el proceso de reestructuración pretendido, que se señala como una de las expresiones estándar de la migración femenina latinoamericana. su inherente repetición de la vulnerabilidad.

Palabras clave: migración internacional; mujeres venezolanas; capital social; redes solidarias; Porto Alegre.



ABSTRACT

This research addresses the female Venezuelan migration, considering the macropolitical scenario of the migration industry and the neoliberal globalization in Latin America. Through the intersectional gender perspective and the relevance of social capital, this study focuses on the experiences of Venezuelan migrant women residing in Porto Alegre, with the general objective of identifying how they build solidarity networks, based on individual and collective action, to restructure their lives in that destination location. Furthermore, we inquired about the patterns of experiences with the humanitarian assistance network, and sought to investigate the construction of solidarity and its network based on common experiences, values and beliefs and objectives. To this end, qualitative methodology was used, using in-depth interview and focus group techniques, whose universes were examined through thematic content analysis. The research allows us to advance the understanding of the relationship with the humanitarian assistance network, which is built from its instrumentalization with the aim of meeting the needs of family groups, being strongly associated with the position of these women in the care chains. The narratives allowed us to infer a degree of disorientation and, at times, a clear lack of awareness about possible macropolitical aspects causing the migratory situation experienced. At the same time, a weakening of the relationship between belonging and self-esteem was observed, especially related to work and, consequently, with the intended restructuring process, which is indicated as one of the standard expressions of Latin-American female migration and its inherent repetition of vulnerability.

Keywords: international migration; Venezuelan women; social capital; solidarity networks; Porto Alegre.



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modalidades de interiorização através da Operação Acolhida	31
Quadro 2 - Perfil das mulheres entrevistadas	67
Quadro 3 - Categorias nativas de autopercepção depreciativa	73
Quadro 4 - Relação de participantes por região e bairro de PoA e Região Metropolitana	74
Quadro 5 - Reações a partir da temática da discriminação	78
Quadro 6 - Ocupação prévia à migração e ocupação atual	82
Quadro 7 - Engajamento em redes por laços religiosos em PoA	95
Quadro 8 - Disposições nas cadeias de cuidado	100



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos atendimentos por identidade de gênero	79
Tabela 2 - Perfil das mulheres entrevistadas	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número de pessoas em estado de subnutrição na Venezuela – 2002 a 2022.....	24
Figura 2 - Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil	29
Figura 3 - Número de trabalhadoras migrantes no mercado de trabalho formal, por ano, segundo principais ocupações – Brasil (2011 e 2021).....	33

LISTA DE SIGLAS

ACNUDH – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

CONARE – Comitê Nacional para Refugiados

CVBRS – Cruz Vermelha Brasileira – Filial Rio Grande do Sul

EUA – Estados Unidos da América

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

IFRC – Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

OIM – ONU Migração

ONU – Organização das Nações Unidas

PoA – Porto Alegre / Porto Alegre e Região Metropolitana

R4V – Response for Venezuelans (plataforma de monitoramento)

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

USAID – Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

WASH – Água, Saneamento e Higiene (*water, sanitation and hygiene*)

SUMÁRIO

Introdução	16
1. Sobre conflitos e pretensas solidariedades.....	24
1.1. As relações entre Venezuela e Estados Unidos no governo de Maduro	24
1.2. Brasil: alinhamentos políticos e a (en)cena(ção) da solidariedade (2015-2023)	28
2. Reconhecimento e contestação: atravessando referenciais teóricos.....	36
2.1. Integração e pertencimento em processos migratórios	36
2.2. Quem são as mulheres migrantes venezuelanas.....	51
2.3. Capital social: entre a inovação e o cânone	54
2.4. Redes de solidariedade: protagonismos que escapam aos cânones	56
3. Situação social e o processo de inserção como agente da pesquisa.....	60
3.1. A reconstrução de perspectivas e os delineamentos do percurso metodológico.....	60
3.2. A aproximação de mulheres venezuelanas em Porto Alegre	64
4. Grado 33: máscaras e confidências	68
4.1. Pertencimentos, estigmas e senso crítico	70
4.2. Luto e capitalização social: entre a nostalgia e a ação	82
4.3. O espaço das novas redes na construção da solidariedade.....	86
4.4. A categoria da religiosidade: solidariedade e valores compartilhados	94
4.5. As redes de cuidado como base e fomento da interação	97
Conclusões: nexos causais e possibilidades comparativas.....	104
Referências.....	109
ANEXO I – Roteiro de entrevista em profundidade	121



*Começando a vida de novo
Se fico ou se volto vai depender de algo novo
Que eu possa encontrar (...)
Do meu jeito, que é um jeito louco
O único jeito de ser proveitoso*

Flora Matos - Teia.

Introdução

O fenômeno da globalização se vê como acelerador de fluxos de mercadorias, de informação e do fluxo analisado neste projeto: o de pessoas. De acordo com a Organização Internacional para Migração (OIM), até o início de 2022, o fenômeno migratório registrou que quase 6 milhões de nacionais venezuelanos haviam migrado para outros países entre 2015 e 2021 (OIM, 2022, p. 98).

Desde 2014, a Venezuela vem experienciando um agravamento na instabilidade econômica, derivada da queda no preço internacional do petróleo (ACNUDH, 2017, p. 9), de outros fatores da economia doméstica e de sanções internacionais, o que estabeleceu uma crise econômica, política e social complexa, envolvendo “outros países, petróleo e luta pela liderança do país” (ALVES, 2021, p. 45). O agravamento das condições de subsistência nesse contexto resultou em um grande fluxo de saída do território, que segue expressivo.

A saída se deve, principalmente, às condições sociais e econômicas, que foram afetadas sobremaneira diretamente. Segundo o relatório de país de 2017 do ACNUDH, com o aumento da inflação e da taxa de pobreza de 48% em 2014 para 81,8% em 2016 (p. 10), o poder de consumo da população reduziu drasticamente: uma família de cinco pessoas precisaria de 14 salários-mínimos para comprar uma cesta básica de alimentos. O relatório chama atenção aos efeitos sobre a nutrição, sobre o acesso à saúde e a outros serviços, os quais acarretaram uma das maiores crises humanitárias do século XXI no mundo.

Conforme explicitado no Relatório Global da OIM (2022b, p. 98), nesse contexto, o Brasil se constitui como um dos países de destino para quem migra. Isso não se dá necessariamente por escolha, senão é condicionado pela influência e presença macropolítica estadunidense, considerando que “a Venezuela é o território de maior confronto e disputa dos Estados Unidos e seus aliados na América do Sul” (PEREIRA, W., 2020, p. 19).

Assim, evidencia-se a importância de abordar a temática da migração internacional de nacionais venezuelanos enquanto uma decisão norteada por macropolíticas, considerando as experiências com os efeitos da globalização neoliberal na América Latina (SØRENSEN; VAMMEN, 2016), vivenciadas por migrantes na região.

A partir desse enquadramento¹, o recorte destina atenção às experiências de mulheres migrantes venezuelanas. Partindo do pressuposto de que as categorias *mulheres, migrantes, trabalhadoras*, a tripla discriminação (PARELLA RUBIO, 2003) agregadas à categoria *venezuelanas* delineiam suas experiências, será analisado o desenvolvimento de redes de solidariedade, tomando esse contexto da ação estadunidense e da globalização como indutores sobre as condições nas quais mulheres migrantes venezuelanas migram e definem para onde, bem como sobre as formas com as quais agem sob ele na tentativa de reestruturar suas vidas através da inserção laboral no país de destino.

O problema de pesquisa

O processo migratório - da decisão de migrar à busca pela integração no país de destino - não impacta, nem é percebido e vivenciado por homens e mulheres da mesma maneira. Assim como o gênero, as categorias de raça, etnia e classe devem ser consideradas para identificar como a migração pode estar sobreposta a diferentes marcadores de discriminação, certificando a necessidade de partir de uma perspectiva interseccional para a análise da migração e das possibilidades de inserção em redes, grupos e organizações na experiência de mulheres.

A busca por emprego na migração, central para o desenvolvimento e garantia de formas de sobrevivência enquanto força de trabalho na ordem de produção capitalista, é impactada por desigualdades de ordem estrutural em países de origem, e ainda mais em países de trânsito e destino. Conforme afirmado por Dolores Juliano,

mulheres imigrantes vêm as suas opções de emprego condicionadas pelos problemas não resolvidos da sociedade de acolhimento. O trabalho das mulheres não apenas paga menos e goza de menos prestígio social do que o masculino, como também goza de menos proteção legal, feito sem contrato na maioria dos casos e carece de regulamentações que garantam que o trabalho seja realizado em condições aceitáveis (JULIANO, 2006, p. 13)

Tonhati e Macedo (2020) apresentam um estudo que evidencia em detalhes as vulnerabilidades na inserção laboral de mulheres migrantes, entre 2010 e 2019, no Brasil. Em suas experiências, é possível identificar que há “altos índices de desligamentos e baixo saldo empregatício no país em todos os anos da série histórica” (p. 136), indicando a continuidade

¹ Enquadramento, aqui, se relaciona como sinônimo de “delimitação”, e não em referência à técnica de análise de enquadramento. Ver em SARMENTO, Rayza. “Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas”. Revista Teoria & Pesquisa, v. 28, n. 3, 2019, p. 97-117.

desse padrão também recentemente, quando o quantitativo de mulheres migrantes de nacionalidade venezuelana aumentou no Brasil.

As autoras pontuam, ainda, que as “mulheres imigrantes com os maiores rendimentos são em sua maioria nacionais dos países ricos do chamado Norte Global, no entanto, essas ganham em média 50% a menos que os homens imigrantes com os maiores rendimentos.” (p. 153).

Essa análise, cuja série histórica compreende dois períodos distintos em termos de oscilação da taxa de desemprego geral no país², permite afirmar que as condições laborais impostas a mulheres migrantes venezuelanas no Brasil são, em geral, mais críticas do que aquelas que impactam a homens e mulheres brasileiras. Ainda, analisando “os postos de trabalho ocupados por imigrantes no país”, os homens ocupam aproximadamente 70%, mesmo com o aumento do quantitativo de mulheres tendo aumentado nos últimos anos (p. 137).

Segundo outra pesquisa³ acerca da inserção laboral e socioeconômica, realizada por uma iniciativa interagencial das Nações Unidas em parceria com a *Luxembourg Aid&Development*,

As mulheres, tanto as interiorizadas quanto as não realocadas, têm maior probabilidade do que os homens de estarem desempregadas ou subempregadas. As mulheres, principalmente as negras, também ganham uma renda média mais baixa do que os homens (ACNUR, 2021, p. 1)

Considerando a intersecção entre o fenômeno da migração e as experiências de mulheres venezuelanas com ele, a análise da construção de redes no processo de busca pela integração no país de origem se faz pertinente, situando o trabalho como primordial. Partindo do engajamento na busca pela inserção laboral, as redes construídas por mulheres em fluxos migratórios com grupos, comunidades, organizações e instituições no país de destino,

²Em 2010, a taxa de desemprego era de 6,7% no Brasil. Em 2019 (anteriormente à situação pandêmica de Covid-19), passou a ser de 11,7% (IBGE, 2011; 2020).

³Conforme afirmado no relatório da primeira fase, a pesquisa “Limites e desafios à integração local de refugiados e migrantes venezuelanos beneficiários da Estratégia de Interiorização durante a pandemia de Covid-19”, foi “realizada pelo ACNUR, ONU Mulheres e UNFPA e executado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (IPEAD) e pela equipe técnica do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG, da UFRR e da PUC Minas”.

elencadas no compartilhamento de valores, de vivências ou de objetivos políticos em comum, se constituem como centrais no desenvolvimento deste estudo.

Há uma diversidade no que tange a abordagem de *redes* por si só. Alguns conceitos se estabeleceram como centrais, tendo sido difundidos por repetição e centralizando seu debate a grupos sociais restritos. Dessa forma, propõe-se retomar um dos principais cânones no que tange à abordagem de redes sociais - o conceito de capital social -, pontuando sua relevância no que couber à análise e, em seguida, empregar esforços em resgatar definições priorizando a produção latino-americana, bem como de mulheres em sua produção.

Na urgência do tratamento do tema da migração na América do Sul - que nesta pesquisa se ampara na experiência de nacionais venezuelanas residindo em Porto Alegre (PoA) - se faz improrrogável sua abordagem através da perspectiva feminista e local (GARGALLO, 2004). Isso provoca mais do que se debruçar sobre as vivências de mulheres latino-americanas em fluxos migratórios, senão à prática epistemológica que as situa no protagonismo de seu estudo e de sua produção do saber.

Nesse movimento, se visualiza “uma forma de reconhecer a capacidade organizacional de tomada de decisão, a agência que constantemente se nega ou torna as mulheres em geral invisíveis, evidenciando as situações de injustiça que as atingiram” (CURCÓ apud CASTAÑEDA et al., 2019, p. 65-66). Buscando trazer visibilidade, ao referir-se a PoA, faz-se alusão à capital do estado e sua Região Metropolitana (RMPA).

Através da Operação Acolhida, estabeleceu-se uma política de interiorização, desenvolvida com o apoio de organizações intergovernamentais, para estimular a inclusão socioeconômica no Brasil (BRASIL, 2021). Das 27 unidades da federação no Brasil, o Rio Grande do Sul é o terceiro que mais recebeu migrantes e refugiados venezuelanos: foram 17.611 pessoas, das quais 8.103 pessoas foram para Porto Alegre e Região Metropolitana. Esse dado é relevante, pois o fluxo de trabalho, estudo e de redes entre Porto Alegre e outras localidades da RMPA não é estático. Porto Alegre se constitui e se define, também, com base em quem reside, traslada-se e se desdobra para construir a vida na Região Metropolitana.

No contexto da Operação Acolhida, o Rio Grande do Sul também é o estado fisicamente mais longínquo do principal ponto de ingresso terrestre em território brasileiro, o

estado de Roraima, o que impacta na amplitude do mapa de redes⁴ e resulta em uma guinada em direção à preponderância sobre as relações em função do trabalho. Ademais, configura uma localidade na qual, em posição de pesquisadora e trabalhadora da própria rede de assistência humanitária, foi possível desenvolver laços e inserir a si própria em redes, fazendo de Porto Alegre uma localidade familiar para o desenvolvimento da pesquisa.

Discorrendo acerca dessa contextualização com base nos conceitos elencados, o problema de pesquisa é elaborado com base na seguinte pergunta: como mulheres migrantes venezuelanas constroem redes de solidariedade em Porto Alegre?. Considerando essas mulheres como agentes da ação imersa no contexto da migração que, por sua vez, está condicionada pela globalização, o objeto da pesquisa está concentrado em suas experiências, cujos relatos serão registrados por meio da realização de entrevistas em profundidade e grupos focais, cujos registros foram estudados através da técnica de análise de conteúdo.

Objetivos

A pesquisa tem por objetivo geral identificar de que forma migrantes venezuelanas agem individual e coletivamente para se inserir e formar redes na cidade de Porto Alegre. Parte-se da premissa de que suas estratégias, para tal, instrumentalizam a rede de assistência humanitária com a finalidade da capitalização social, inserindo-as em e permitindo construir redes de solidariedade que contribuam para a sua reestruturação - em especial através da inserção laboral - e, conseqüentemente, para abrir vias de integração nas comunidades de destino.

Assim, os objetivos específicos, atravessados pela perspectiva interseccional de gênero, se configuram em:

- I. Apurar, a partir dos relatos de migrantes venezuelanas, aspectos de sua experiência com a rede de assistência humanitária, buscando padrões;
- II. Identificar as redes das quais fazem parte, classificando as respectivas naturezas dessas redes por critério identitário comum - como de gênero, origem nacional, etnia e valores políticos e religiosos; e mantendo as

⁴Becker e Borges (2015) realizaram um estudo com cinco famílias de diferentes nacionalidades residindo no Brasil, comparando a estrutura das redes e laços familiares, de amizades, trabalho e estudo anteriormente e após o processo migratório. Os resultados indicam uma fragilização e alta dispersão e, ao mesmo tempo, uma guinada em direção à preponderância sobre as relações sociais em função do trabalho.

classificações abertas à menção de categorias não abordadas no estudo teórico prévio;

- III. Averiguar a construção da solidariedade e respectivas redes com base em vivências, valores e crenças e objetivos em comum.

Além disso, foram elaboradas algumas operações de análise de conteúdo temática, consideradas relevantes para o curso de desenvolvimento para os objetivos, geral e específicos, conforme a seguir:

- Discorrer acerca de suas motivações de decisão e condições impostas centrais na manutenção de redes anteriores e na construção de novas redes;
- Detectar se há demonstração de consciência manifesta sobre os objetivos que levaram à manutenção em/construção de cada rede;
- Dissertar sobre a relação implícita e explícita, a partir do conteúdo de seus relatos, com as inflexões macropolíticas que contextualizam o tratamento do tema nesta pesquisa.

Justificativa

No contexto descrito, 85% dos nacionais venezuelanos que saíram do país migraram para outros países da América Latina e Caribe (OIM, 2022). Nesse cenário, o Brasil configura o quinto em termos quantitativo, e os outros quatro primeiros também estão situados na América do Sul: Colômbia, Peru, Chile e Equador. No entanto, a abordagem do tema e a escolha do recorte pela nacionalidade venezuelana, pelo Brasil e pela cidade de Porto Alegre se deram com base em fatores que consideram, porém excedem o aspecto quantitativo em sua justificativa.

Este estudo se justifica em constatações teóricas a partir de fatores macro e micropolíticos: por analisar um fenômeno que impacta expressivo quantitativo de pessoas pela situação socioeconômica e política na Venezuela e por seus aspectos causais, por sua vez pautados nos efeitos da globalização sobre a migração na América Latina.

Não obstante, a análise se dará em uma localidade não fronteiriça, distante do país de origem e para a qual as protagonistas foram direcionadas, através da Operação Acolhida, imbuída no contexto de decisões políticas e como política pública do Governo Brasileiro. Ainda, PoA é tida como um local que remete à palavra “desenvolvimento”, “oportunidades”, relacionando-se com o ideal da possibilidade de melhoria de qualidade de vida pela via do emprego, em parte porque a “indústria tradicional tem forte predomínio (...) como decorrência de seu potencial como grande absorvedora de mão-de-obra” (BARCELLOS; JARDIM, 2007, p. 135).

Ademais, vê-se a “articulação de políticas municipais específicas no que tange à formação de agentes públicos e da sociedade civil na compreensão da realidade migratória” (PERNA, 2023, p. 158) como um diferencial para o processo de integração. PoA seria, assim, vista como um “polo” de atração, percepção formulada com base nas oportunidades de inserção laboral (quantitativa, não qualitativamente) e na existência de estrutura de recepção.

Ademais, a distância é um fator que impacta na formação de redes, contribuindo à sua fragmentação, considerando-o como relevante para analisar a integração em comunidades que divergem em diversos sentidos da de origem, inclusive no aspecto idiomático. Sobre esse aspecto, em um estudo realizado em 2005, Sarriera, Pizzinato e Meneses abordam aspectos psicossociais presentes no processo migratório de seis famílias hispano-americanas na região metropolitana de Porto Alegre. Entre os resultados formulados, pontua-se que,

Mesmo antes da chegada no novo país, as percepções de similaridades e diferenças culturais afetam sua posterior adaptação [que surge como] necessidade (...) tanto em nível pessoal, como psicológico e sociocultural (SARRIERA, 2000 apud SARRIERA; PIZZINATO; MENESES, 2005, p. 10).

O referido estudo traz ponderações com base em alguns recortes em comum com os propostos no presente projeto, em especial a localidade, as dimensões de pertencimento e suas inflexões socioculturais. No entanto, não consolida informações através de uma abordagem centrada nas experiências de mulheres e nas especificidades estruturais que as demarcam. Assim, a perspectiva desta pesquisa se mostra relevante também na medida em que busca inserir a agência de mulheres - condicionada pelo contexto descrito - no centro da análise, a fim de compreender como driblam e/ou fazem uso dessas estruturas para sua integração no local de destino.

Dessa forma, a abordagem prevê o foco em mulheres migrantes venezuelanas como protagonistas, não como

meras vítimas de um contexto adverso, como a pobreza, mas protagonistas que atuam ativamente na elaboração de estratégias de sobrevivência e na reconstrução de suas vidas e trajetórias (RUSSI; DUTRA; BOTEGA, 2020, p. 135, tradução minha).

Assim, o objeto é configurado, nesta pesquisa, pela ação coletiva e individual de mulheres migrantes venezuelanas com a finalidade de construir e de se inserirem em redes, visando à reestruturação de suas vidas em Porto Alegre, sendo analisado para chegar a algumas respostas ao problema formulado.

Ademais, a partir da atuação laboral em iniciativas de abordagem comunitária com instituições atuantes na temática, o alcance a mulheres venezuelanas que residem em Porto Alegre é facilitado através de relações já construídas. Essa posição, associada à construção como cientista social durante e após a graduação, possibilitou identificar empiricamente a importância de abordar a análise de redes de solidariedade e de capital social no contexto de desigualdades de gênero pela perspectiva interseccional, onde os efeitos de decisões macropolíticas perfazem o contexto.



1. Sobre conflitos e pretensas solidariedades

Cuanto mayor sea la realidad del poder imperialista, menos se escribe, se habla de ella o siquiera se menciona.

James Petras

O primeiro capítulo desta pesquisa tem por objetivo apresentar o contexto delimitado e os olhares empregados sobre o contexto macropolítico analisado, para que a leitura subsequente seja acompanhada, tanto quanto possível, das lentes cujo uso foi escolhido. Dessa forma, propõe-se a exposição desses recortes dividida em dois subcontextos:

1. O contexto que abarca as relações entre Venezuela e Estados Unidos, bem como a atuação do segundo sobre a situação migratória de nacionais venezuelanas/os;
3. Os posicionamentos frente a essa situação política e questão migratória no contexto do Brasil.

A partir do falecimento de Hugo Chávez e da ascensão de Nicolás Maduro na Venezuela, o contexto político doméstico e internacional do país nutriu interesses e gerou desconfortos. A partir da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, o cenário também demanda resgate: as decisões no âmbito da política internacional bilateral com a Venezuela, bem como as políticas relativas ao cenário e às pautas migratórias tomam um direcionamento cujas implicações socioeconômicas foram e seguem sendo sentidas, de forma irreversível.

1.1. As relações entre Venezuela e Estados Unidos no governo de Maduro

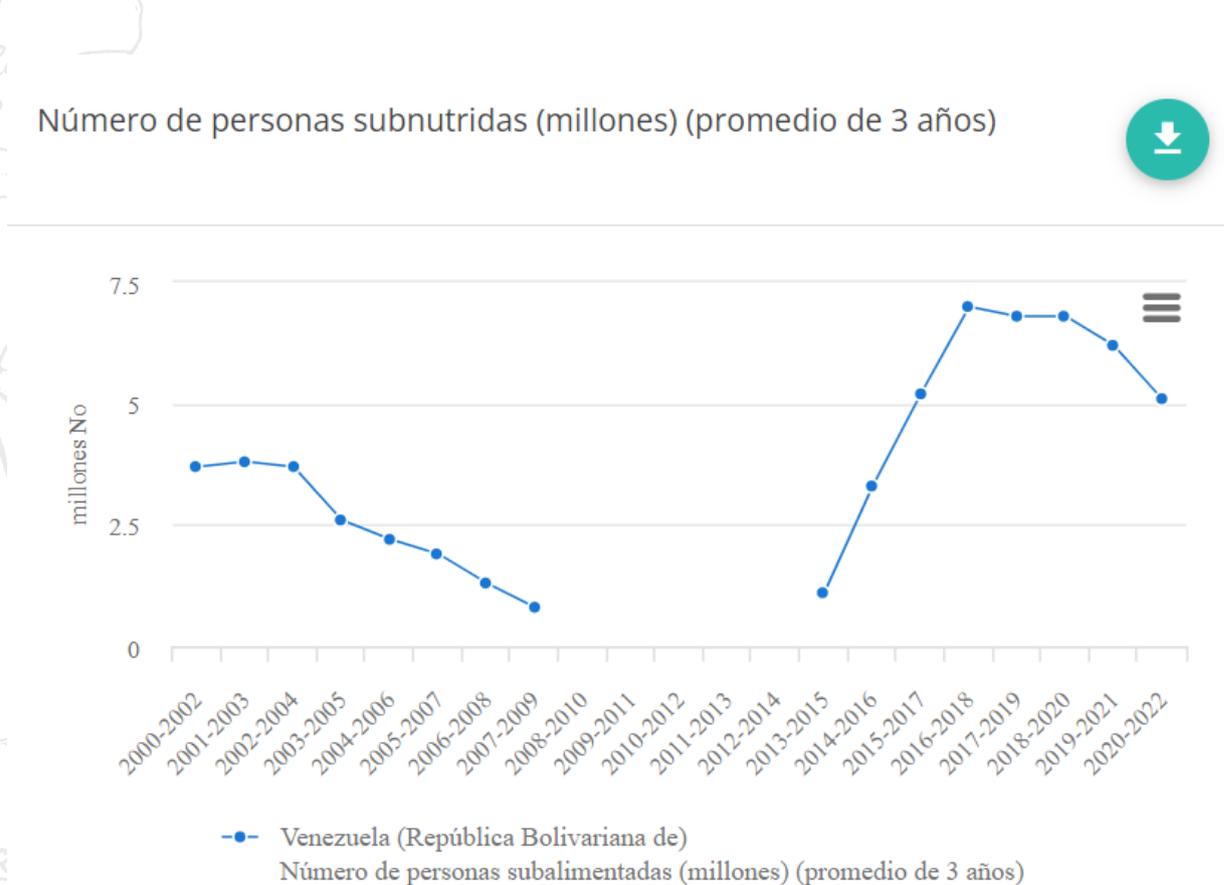
O falecimento de Hugo Chávez, em 2013, marca o início de um período em que o embate estadunidense contra a Venezuela e as simbologias ideológicas das políticas dos governos chavistas se acirra. Os EUA aproveitaram “a morte do líder do processo bolivariano

e o início da baixa dos preços do petróleo para criar as condições para excluir a Venezuela do mercado mundial” (LEÓN, 2022, p. 190).

Os desconfortos com Chávez viraram em fértil terreno, para os opositores de longa data, com a ascensão de Nicolás Maduro. O cenário interno começa a apresentar o fortalecimento de opositores, a realização de protestos e outras dinâmicas políticas de instabilidade resultantes do manejo político interno e da ingerência externa que eclodiu em 2014.

O cenário externo compreende desde apoio financeiro a opositores até sanções internacionais, dos EUA, Canadá e de outros países alinhados, que resultam em um impacto direto sobre as condições escassas de alimento, de mantimentos de saúde, no aumento da inflação, no racionamento de energia e, por conseguinte, no aumento da criminalidade (SANTOS, 2018, p. 87) que afetam diretamente a população na Venezuela.

Figura 1 – Número de pessoas em estado de subnutrição na Venezuela (em milhões) – 2002 a 2022



Fonte: FAO, out. 2023.

O país que, em 2012, foi reconhecido pela FAO como um exemplo de combate à fome, a partir de 2014 esteve entre os índices globais de insegurança alimentar mais preocupantes, como a exemplo da figura acima, que contribui à visualização da realidade da subnutrição ao longo dos anos.

Devido aos investimentos sociais terem adquirido dependência da renda petroleira, o que tornou essas políticas vulneráveis às flutuações do petróleo no mercado global, e ao embargo limitante ao comércio exterior (LEÓN, 2022, p. 69-71), a Venezuela já não supriria as necessidades alimentares nem de saúde essenciais de grande parte da sua população. Dessa forma, a milhões, a opção de sair do país começa a se apresentar como a melhor (menos ruim) ou a única alternativa.

Instaurada a situação migratória a partir da instabilidade social, econômica e política, o aumento do fluxo de saída do território para outros países da América do Sul acarretou outras questões nas localidades de destino, entre elas a sobrecarga nas redes de serviços básicos. Nesse quadro, o financiamento humanitário internacional emerge na região, principalmente por parte dos EUA e de países da Europa. O total destinado pelo governo dos Estados Unidos para a resposta à crise pela situação da Venezuela, de 2017 a 2023 (até o mês de junho), foi de U\$S 2.452,746,064 (USAID, 2023, p. 10, tradução minha).

A atuação da USAID sobre assuntos de interesse em relação à Venezuela não é iniciativa isolada ou restrita a territórios externos ao país. De 2002 a 2010, por meio de seu escritório *Office Transition Initiatives* (OTI), a agência financiou 450 partidos, ONGs e organizações de oposição ao chavismo (LEÓN, 2022, p. 66) no país sul-americano. A USAID apresenta o OTI como “parte de um esforço maior do governo estadunidense para promover a estabilidade democrática na Venezuela” (USAID, 2023b, tradução minha).

Através de doações realizadas à plataforma R4V⁵, ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e à OIM, instituições predominantes na atuação global com a assistência humanitária - incluso na América Latina e Caribe -, os Estados Unidos

⁵ A *Response for Venezuelans* (R4V) é uma Plataforma Regional de Coordenação Interagencial criada em 2018, com “estruturas de coordenação no Brasil, Colômbia, Equador, Peru e outros países e regiões afetadas, com a função de criar um plano de resposta harmonizado, articular ações no âmbito da Operação Acolhida e monitorar as atividades” (R4V, 2021).

despontam como maior doador⁶. O desenho de políticas, programas e projetos, sua implementação, o monitoramento e a avaliação de suas entregas dependem e operam de forma a obter a aprovação daquelas entidades, sejam públicas, privadas, organizações internacionais, Estados ou quaisquer sejam seus financiadores.

Assim, convém pontuar que, com base nesse exposto interesse político, toma-se em conta o envolvimento estadunidense na formulação e implementação de uma resposta humanitária regional como teia que tece a trama sob a qual o tema da migração venezuelana se esculpe nesta pesquisa.

Tanto o curso das definições políticas internacionais, principalmente no que tange às sanções aplicadas à Venezuela, quanto o investimento para o direcionamento da migração sul-sul indicam

la fase del capitalismo vinculada al desarrollo del sector de los servicios, la desterritorialización de la producción y la creación de zonas francas [que] ha traído como consecuencia una mayor demanda de fuerza de trabajo barata y flexible, en sectores como los servicios y los cuidados, **típicamente absorbidos por mujeres** (GARZIGLIA, 2022, p. 6, grifo meu)

Em suma, investe-se na replicação da lógica capitalista da migração sul-norte no sentido sul-sul. Assim, criam-se os trabalhos precarizados e se estimula a permanência de uma população em situação de complexa vulnerabilidade que preencherá os espaços desses trabalhos, não somente em territórios do norte global, mas em retroalimentação em países do sul global, que já operam há décadas com as dinâmicas de precarização de trabalho na globalização⁷.

Nessa lógica, pode-se estimular a manutenção de vínculos (redes de cuidado, por exemplo) pelos programas de reunificação familiar e social, como ocorre através da Operação Acolhida, sem precisar investir em ferramentas de garantia a empregos de qualidade, relacionados com o exercício laboral prévio. Isso requer compreender uma nova dinâmica nas lógicas da migração, onde se replica a estrutura dominante de precarização no sul global, reforçado com um vasto apoio financeiro. A

⁶Ver DE NEGREIROS, Pedro A. *O apoio à migração venezuelana como política externa estadunidense (2015-2021)*. 2022, p. 96.

⁷ Ver GARZIGLIA, 2022, p. 10: “Esos conceptos ponen en evidencia una articulación global y desigual entre países del Norte y del Sur Global, en el marco de un acrecentamiento de la pobreza estructural que se dio en las últimas décadas en regiones donde se han aplicado programas de ajuste y políticas neoliberales, como América Latina y el Caribe”.

natureza extraordinária desta diáspora reside em três aspectos: a sua explosão incontrolável e a sua escalada deslumbrante desde 2014; sua escassa tradição nacional como país emissor de emigrantes e sua incipiente preferência por destinos localizados no próprio continente americano, que em muitas ocasiões se enreda na dinâmica das migrações sul-sul no nível intrarregional, sem ignorar os fluxos que se dirigem para um território intracontinental —Estados Unidos (EUA) e Canadá— ou também extracontinental —Espanha ou Itália (SUÁREZ; TREJO, 2018, p. 251, tradução minha)

No âmbito das migrações latino-americanas, 2017 começou “testemunhando mais de 1.488.357 cidadãos venezuelanos repatriados em solo estrangeiro” (SUÁREZ; TREJO, 2018, p. 252). Em 2018, o governo Maduro investiu em uma iniciativa de retorno de nacionais venezuelanos que estavam no Peru, como uma das tentativas de enfrentamento ao posicionamento dos EUA na região e em relação à questão da migração venezuelana

Em setembro de 2023, um acordo firmado entre o governo estadunidense e o governo venezuelano prevê outras iniciativas de repatriação.

1.2. Brasil: alinhamentos políticos e a (en)cena(ção) da solidariedade (2015-2023)

A compreensão sobre a vivência migratória de mulheres venezuelanas no Brasil e em PoA requer retomar o caso da guinada ideológica sobre as decisões políticas tomadas pelo governo brasileiro frente à situação do fluxo migratório venezuelano desde o governo de Michel Temer (2016-2018) e, em especial, durante a gestão do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022)⁸. De 2017 a 2019, a opinião pública brasileira em relação à concordância sobre o fechamento de fronteiras cresceu em 3 pontos percentuais (Ipsos, 2019). A contradição de discurso de ódio e xenofobia, que alavancou desde aquelas eleições presidenciais⁹, se choca com o interesse ideológico de alinhamento subalterno.

Em 2019, o Brasil esteve representado, pela primeira vez, entre os 10 países que mais receberam solicitações de reconhecimento da condição de refugiado (OBMigra, 2020, p. 10).

⁸O relatório Refúgio em Números (OBMigra, 2021) indica que, no período entre 2017 e 2020, foram registradas 84,0% do total de solicitações de refúgio realizadas na última década no Brasil.

⁹Ver: LIRA; SIQUEIRA; MORENO, 2022, disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/proensino/article/view/1677/1549> / VASCONCELOS; SANTOS, 2022, disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/wfhZbCDRn47TP9JRGv3g5vd/?format=pdf&lang=pt> / e MINA; LIMA, 2018, disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2433/243360086015/html/>.

Segundo o relatório *Refúgio em Números* (2021) do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra),

o volume de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado analisadas pelo Conare cresceu substancialmente [e, a partir de 2018, passa a] apresentar um crescimento muito acelerado, que resultou em um aumento de 160,3%, no ano de 2019, e alcançou o seu pico histórico justamente no último ano da série analisada, 2020, quando o Conare analisou 63.790 processos de solicitação de reconhecimento da condição de refugiado, um crescimento de 95,4% em relação ao ano anterior (OBMigra, 2021, p. 40).

Analisando a série histórica de 2011 a 2020, considerando solicitações de refúgio e o número daquelas reconhecidas, 86,2% das solicitações que obtiveram reconhecimento da condição de refugiado são relativas à nacionalidade venezuelana.

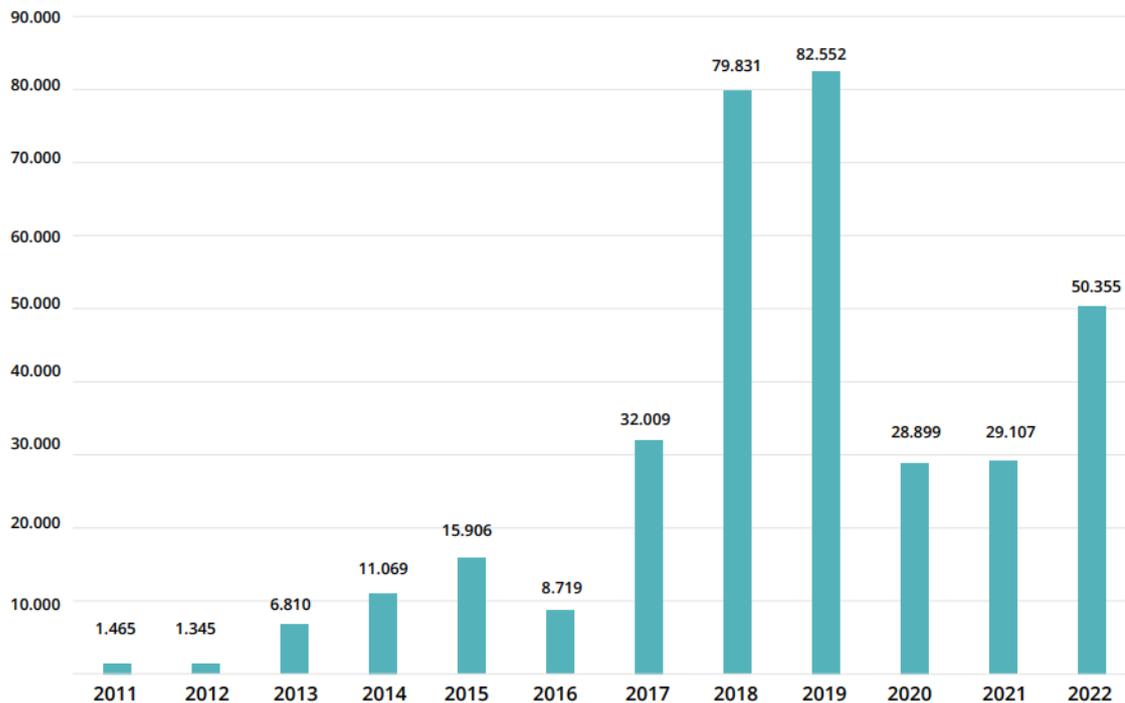
Não por coincidência, uma das decisões do Poder Executivo Brasileiro que fundamenta a alta no número de solicitações reconhecidas nesses casos se dá, em parte, com base em uma nota técnica¹⁰ do Ministério da Justiça e da Segurança Pública, assinada pelo Coordenador-Geral do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), em que é apresentado estudo que disserta sobre a incidência de “Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos - GGVDH na Venezuela.

A figura 2, abaixo, ilustra série histórica sobre o número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil. Ressalte-se que a baixa expressiva nos números entre 2020-2021 se deve ao fechamento de fronteiras em razão do contexto da pandemia de Covid-19¹¹.

¹⁰Ver Nota Técnica nº 3/2019/CONARE_Administravo/CONARE/DEMIG/SENAJUS/MJ.

¹¹ As restrições de entrada de migrantes no Brasil iniciaram em março de 2020.

Figura 2 - Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil



Fonte: OBMigra, a partir dos dados da CG-Conare, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado - Brasil, 2022.

Ainda, de acordo com o relatório, o número de pessoas reconhecidas como refugiadas declinou de 2015 até 2017, quando o número de pessoas de nacionalidade haitiana como principais solicitantes de refúgio reduziu, o Conare reconheceu 539 pessoas refugiadas no Brasil (OBMigra, 2021, p. 41). Porém,

no ano seguinte, 2018, o número de pessoas reconhecidas pelo Conare voltou a apresentar tendência de crescimento, então acelerado, o que resultou em um aumento proporcional muito significativo de **2.159,7%**, com 21.241 pessoas reconhecidas como refugiadas no ano de 2019. O pico da série histórica analisada foi alcançado no ano de 2020, quando o Conare reconheceu 26.577 pessoas (OBMigra, 2021, p. 41. Grifo meu).

A motivação macropolítica governamental que resulta no aumento do número de reconhecimentos da condição de refugiados recente e na estruturação da primeira política pública de acolhimento que envolve entidades em uma atenção tão integral, a Operação Acolhida, pode ser associada “como parte da estratégia do governo Bolsonaro em se opor, nos planos doméstico e internacional, às políticas alinhadas ao espectro político-ideológico da esquerda” (Martino e Moreira, 2020, p. 160).

Essa estratégia reforça o “alinhamento subalterno” (FARIA, 2020, p. 330) em perspectiva ideológica em discurso e prática aos Estados Unidos, bem como do tratamento da questão da proposta de expulsão da Venezuela do bloco do Mercosul, durante o governo Temer (VIDIGAL, 2020, p. 419). Considerando essa reflexão, se mostra pertinente a análise crítica sobre a pretensa solidariedade sobre o tratamento da migração venezuelana no Brasil.

Na América Latina,

o neoliberalismo implementado não desmantela um Estado de Bem Estar Social, pois aqui nunca o tivemos; esse período significa, para a região, corte de gastos sociais, maior concentração e centralização de renda, a entrega das empresas nacionais, a desvalorização da moeda nacional e o endividamento dos Estados (PEREIRA, J., 2015, p.82)

No Brasil, o alinhamento ao neoliberalismo, recentemente endossado com maior amplitude a partir do Governo Bolsonaro, também segue o discurso de retaliação a pessoas que migram, comumente empregado por Trump. Em algumas ocasiões, o político brasileiro definiu refugiados que chegam ao Brasil como “escória do mundo” (G1, 2019), e apoiou publicamente a proposta de construção de muros para impedir o ingresso de migrantes.

Se a imigração seria considerada “escória”, então se faz pertinente questionar os interesses públicos em promover e implementar a Operação Acolhida, que majoritariamente se destina ao apoio a nacionais venezuelanos no Brasil. Se contraditório ou não, cabe ser abordada.

Essa observação conjuntural permite considerar, primeiro, as motivações sobre o tratamento que o Governo Brasileiro destina à migração especificamente em casos de nacionais venezuelanos no país, para então buscar compreender os resultados desse tratamento associados a questões sociais que persistem e se reproduzem na experiência de mulheres migrantes venezuelanas.

Reconhecer um expressivo quantitativo de determinada nacionalidade como refugiada requer a leitura sobre as motivações, tanto de quem migra, quanto da instituição que defere o reconhecimento. O Brasil, que até então priorizava a concessão de vistos humanitários, seja de autorização de residência temporária ou permanente em casos de crise humanitária, inicia um processo inédito de deferimento de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, direcionado quase exclusivamente a nacionais venezuelanas.

O objetivo, aqui, não é atribuir juízo de valor aos deferimentos, senão levantar o questionamento acerca do tratamento da questão documental em larga escala com base na origem nacional. É importante no sentido de evidenciar que o tratamento se mostra alinhado a interesses externos e não necessariamente expressam interesses a longo prazo de países latino-americanos, senão são endossados por eles, entre os quais, o Brasil.

Em 2022, a Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos (GGVDH), categoria veiculada à situação venezuelana, foi responsável por 82,4% do total de fundamentações para o deferimento, seguida pela categoria “Opinião Política”, que representou 10,9% desse total (OBMigra, 2023, p. 30). Assim, é possível concluir que a categoria é empregada como manobra para associar o discurso político neoliberal e “antiesquerda” a explicações para a deterioração das condições sociais, econômicas, políticas e mínimas de sobrevivência no país de origem.

Uma das maiores respostas frente a essa situação e ao aumento exponencial da migração de pessoas venezuelanas ao Brasil, a Operação Acolhida, iniciou em 2018. A iniciativa tem por estrutura três eixos: 1. Controle de fronteira; 2. Acolhimento e abrigo; e 3. Estratégia de interiorização.

A estratégia de interiorização, um dos recortes para escolha das entrevistadas que residem em PoA, pode ser realizada de quatro formas: por via institucional, por reunificação familiar, reunificação social, ou através vaga de emprego sinalizada (VES). O quadro 1, abaixo, sintetiza a descrição de cada modalidade.

Quadro 1 – Modalidades de interiorização através da Operação Acolhida	
MODALIDADE	DESCRIÇÃO
INSTITUCIONAL	Saída de abrigos em Roraima para abrigos em uma das cidades de destino (Governamental ou sociedade civil parceira).
REUNIFICAÇÃO FAMILIAR	Migrantes que desejam reunir-se com seus familiares que residem regularmente em outras regiões do país, estejam dispostos e tenham condições de oferecer apoio e moradia.
REUNIFICAÇÃO	Migrantes que desejam reunir-se com indivíduos com quem possuam vínculo

SOCIAL	de amizade, ou afetividade, ou familiares cujo vínculo não possa ser comprovado por meio de documentação. Os receptores devem ter condições de garantir o sustento e a moradia dos acolhidos.
VES	Deslocamento de migrantes e refugiados que receberam sinalização de oportunidade de trabalho por empresas brasileiras de todas as regiões do país. Os migrantes selecionados são apoiados pela Operação Acolhida para o deslocamento até o município onde serão contratados. São verificados os antecedentes das empresas para prevenir situações de exploração laboral. Também recebem um apoio social tanto da empresa como de agências da ONU e entidades da sociedade civil parceiras por até três meses.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome – Operação Acolhida, 2023.

A estratégia de interiorização compreende um eixo que tem por objetivo auxiliar na resolução da calamidade pública gerada em relação aos serviços básicos em Roraima, e se estrutura, em parte dos casos, como iniciativa de manutenção e/ou resgate de vínculos familiares e sociais, importantes à integração. No entanto, o cenário não garante qualquer possibilidade de inserção laboral que não esteja no nicho do que seriam os “trabalhos para migrantes”¹².

Mesmo com a Operação Acolhida, a força de trabalho migrante é primordialmente precarizada. A situação se mostra ainda mais precarizada no que tange à experiência feminina. Considerando que “a Região Sul como um todo, passou a ser o principal polo de concentração de força de trabalho feminina imigrante” (OBMigra, 2022, p. 31), os dados da **Figura 3**, a seguir, são de especial relevância para esta pesquisa, ainda que concentrem informações apenas sobre relações formais de trabalho (o que pode mascarar dados ainda mais expressivos em casos de informalidade).

¹² A categoria e explicação formulada por Sayad será abordada no capítulo 2, em que se trata dos referenciais teóricos.

Figura 3 - Número de trabalhadoras migrantes no mercado de trabalho formal, por ano, segundo principais ocupações - Brasil, 2011 e 2021.

Principais ocupações	Ano	
	2011	2021
Total	19.095	60.868
Alimentador de linha de produção	125	5.095
Faxineiro	203	4.951
Magarefe	14	4.899
Auxiliar nos serviços de alimentação	29	2.326
Vendedor de comércio varejista	985	2.124
Operador de caixa	308	1.917
Assistente administrativo	1.080	1.635
Retalhador de carne	2	1.618
Auxiliar de escritório	910	1.469
Cozinheiro geral	273	1.434
Outros	15.166	33.400

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2011 e 2020 e base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2021.

Os resultados políticos da recusa de apoio do Governo Brasileiro desde o princípio da complexa situação venezuelana podem ser relacionados ao contexto que a tornou mais delicada, até o momento atual. O lançamento da Operação Acolhida, da posterior publicação da nota técnica do executivo que a define como GGVDH, bem como do consequente aumento exponencial dos deferimentos nas solicitações de refúgio, entre outras medidas macropolíticas, não seriam suficientes, por si só, para configurar o Brasil como apoiador humanitário.

Ainda que ofereça condições mínimas para mitigar ou reduzir danos dos efeitos da extrema vulnerabilidade que a migração forçada impõe à experiência de pessoas venezuelanas, disfarçadas de oportunidades e de solidariedade, os processos decisórios e alinhamentos sugerem ser tão cúmplice da situação que a originou e/ou potencialmente piorou suas condições quanto países ainda mais explicitamente alinhados ao posicionamento retaliativo estadunidense.



2. Reconhecimento e contestação: atravessando referenciais teóricos

Todo un desfile de cadáveres fue necesario para esto - también los millones de fantasmas hambrientos. (...) Los que llegan después, y ya han nacido en plena humanización del arte, son los que cumplen conscientemente su doble misión de belleza y de vida.

(Magda Portal)

Em movimento contínuo do *construir-se* cientista social e, em compromisso com os fantasmas famintos daquelas que padeceram (e padecem) para tanto, esta pesquisa denota um processo e um esforço de reconhecer e sustentar identidades femininas latino-americanas nos campos de saberes e práticas sociais (WUENSCH, 2015, p. 132) que esculpem essa iniciativa. Nesse sentido, o processo emergente se configura, por decisão consciente, destinar ao conceito de capital social o papel coadjuvante. Protagonismo teórico é uma decisão política, sendo esse delegado, aqui, aos conceitos de redes de solidariedade.

Neste capítulo, serão apresentadas as definições consideradas sobre “integração” e “pertencimento”, “mulheres migrantes”, “capital social” e “redes de solidariedade”, a serem empregadas para a análise do problema proposto. Assim, considera-se inerente a contextualização dessas categorias, bem como sua aplicação às experiências de mulheres migrantes venezuelanas em Porto Alegre, no contexto da globalização.

2.1. Integração e pertencimento em processos migratórios

As implicações ocasionadas em virtude de processos migratórios se mostram temática de interesse de políticas governamentais, não governamentais e, em especial no contexto da globalização, internacionais. Para tanto, convém analisar a categoria *integração* e abordar a categoria *pertencimento* como essencial à primeira. Este capítulo traz a discussão sobre esses elementos e aborda algumas das práticas empregadas por organismos internacionais no tratamento do fluxo migratório venezuelano ao Brasil.

Assim como qualquer categoria de análise em diferentes áreas, a terminologia *integração* passou e passa por processos de reformulação de natureza epistemológica. O mesmo ocorre nas ciências sociais, até adquirir representação similar ao significado atualmente empregado de forma predominante, seja no contexto da produção científica ou por organizações que atuam com a temática da migração e refúgio.

A produção da Escola de Chicago trouxe os conceitos de aculturação e assimilação aos estudos do fenômeno durante a década de 1920, muito anteriormente ao uso recente da categoria *integração*. Oliveira (2014) sintetiza as principais produções sobre a migração no escopo da Sociologia estadunidense daquele período, destacando Park (1928), Wirth (1928), Stonequist (1937), Green (1947) e Johnson (1960): as temáticas se centravam no estudo do processo de “americanização” (assimilação), da produção da marginalidade e em seus efeitos e sobre a construção do homem marginal, fazendo alusão ao indivíduo que fazia parte de um só grupo (o que migra) e àquele que integrava, em parte, os dois grupos (o que migra e o que “pertence” à sociedade no país de destino).

Posteriormente, Milton Gordon (1964) estipulou uma definição do conceito de assimilação que fazia distinção entre a assimilação cultural/comportamental e a estrutural. Conforme afirmado por Nancy Green (2008), Gordon explica que:

A assimilação comportamental inclui a aquisição de padrões linguísticos, sociais, rituais e culturais da sociedade hospedeira enquanto permite a manutenção de certo sentido de alteridade. Assimilação estrutural, a grande porta de entrada nos clubes e instituições da sociedade receptora, incluindo, eventualmente, inter casamentos, leva ao desaparecimento final do particularismo. (GORDON, 1964 apud GREEN, 2008).

Green (2008) resume que a perspectiva de Gordon associa à esfera pública a assimilação estrutural, enquanto reserva à esfera privada a alteridade comportamental. Ainda, de acordo com a autora, a terminologia *assimilação* remete a um processo de desvanecimento cultural, no qual os indivíduos incorporariam aspectos do país de destino visando à sensação de integrar e pertencer, estreitamente relacionado com o proposto pela perspectiva da “americanização”.

Apesar de a análise de Gordon permitir uma compreensão da complexidade do fenômeno por atentar à dimensão pública e privada, seu desuso e inadequação se devem ao pressuposto de subordinação de identidades de um grupo a outro, como um processo de mão

única (p.27). Desconsidera o prevalecimento de normas compartilhadas, tradições e outros aspectos culturais empregados por indivíduos que migram concomitantemente à troca com aspectos encontrados no país de destino, originando a perspectiva de assimilação ou aculturação completa.

O assimilacionismo como política de integração se manifesta com proeminência em algumas políticas, destacadas a do governo francês. A política francesa aplica uma estrutura pautada em seus ideais republicanos e impacta, principalmente, indivíduos migrantes ou de ascendência da região do Magreb e do Sahel. Esse processo unilateral obstinado à homogeneização, fazendo face em especial à negação da expressão de religiosidade em nome de seus ideais de igualdade e laicidade, contribui para o sentimento de legitimidade de movimentos de xenofobia internos e nutre o sentimento de não pertencimento de diversos grupos.

Se no campo prático político a iniciativa assimilacionista encontra seu espaço em um dos países centrais, no campo teórico, conforme afirmado por Cavalcanti e Oliveira (2018), pode-se considerar que a perspectiva assimilacionista e aculturativa podem ter encontrado seu fim na crítica

i) aos estudos de comunidades, considerados descritivos e incapazes de ensejar generalizações científicas (WORTMANN, 1972; KOFFES, 1996) e ii) aos estudos folclóricos, que, como se dizia então, naturalizando as manifestações culturais particulares, afastaram-se da cientificidade sociológica em expansão (FERNANDES, 1977; MICELI, 1999 apud CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2018).

Com o advento de abordagens do multiculturalismo no âmbito científico e de políticas públicas, a abordagem neoliberal apresenta um novo movimento de aproximação das pautas identitárias como mercadoria para adaptação. Algumas reflexões, como a de Boaventura de Sousa Santos (1997), atentam para o fato de que, ainda que o multiculturalismo empregue um entendimento plural das identidades (no sentido objetivo da palavra, numérico), isso não impede que seja utilizada como “novo rótulo de uma política reacionária” e mercadológica, afinal, “o carácter emancipatório da hermenêutica diatópica não está garantido a priori” (p. 29).

Pode-se identificar a iniciativa multiculturalista com maior ênfase em países anglo-saxões, propiciando “diferentes espaços para a diversidade” (CAVANCANTI; SIMÕES,

2014, p. 155). A explícita relação do multiculturalismo, pautado na promoção da diversidade, com uma expressão adaptativa capitalista é colocada por Zizek (2005):

A forma ideal de ideologia deste capitalismo global é o multiculturalismo, a atitude que, a partir de uma posição global vazia, trata cada cultura local da maneira como o colonizador trata o povo colonizado - como 'nativos' cujos costumes devem ser cuidadosamente estudados e 'respeitados'. [...] Em outras palavras, o multiculturalismo é uma forma repudiada, invertida e autorreferencial de racismo, um 'racismo com distanciamento' - 'respeita' a identidade do Outro, concebendo o Outro como uma comunidade 'autêntica e autocontida em relação à qual ele, o multiculturalista, mantém uma distância possibilitada por sua posição universal privilegiada. [...] O respeito do multiculturalista pela especificidade do Outro é a forma mesma como afirma sua própria superioridade (ZIZEK, 2005, p. 33)

No entanto, mesmo as abordagens emergentes do multiculturalismo liberal defrontaram iniciativas de assimilação/absorção residuais. O caso da política *québécoise* de desenvolvimento cultural (1978) enfrentou a perspectiva multiculturalista, determinando que as minorias residentes em Québec deveriam aceitar e mesmo convergir culturalmente em respeito à diversidade cultural canadense (OLIVEIRA; KULAITIS, 2014). Conforme afirmado por Cavalcanti e Simões (2014), mesmo sendo vista atualmente como um modelo bem-sucedido, é possível afirmar que ele se encontra em xeque, tendo políticas e leis reformuladas após os atentados das torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 (p. 158).

Dessa forma, é seguro afirmar que a integração toma diferentes formas, discursos e estimula diferentes propostas a partir da respectiva interpretação do que significa integrar. Ora simboliza o desejo de englobar a pluralidade cultural advinda de outros espaços, ora a intenção de a suprimir totalmente e a submeter ao contexto cultural hegemônico do país de destino.

É ainda mais seguro, no entanto, afirmar que se visualiza consistentemente o que Rita Segato (1998) afirma ser “os efeitos perversos de uma política de identidades que responde a uma agenda global mais fiel a questões nacionais internas dos países centrais que a problemáticas e idiomas políticos locais” (p. 188).

Assim, a obstinação pela integração, seja promovida por políticas governamentais, não governamentais ou internacionais, assume um padrão no contexto da globalização: um padrão congruente com a proposta de inserção socioeconômica da migração, e que não necessariamente considera os aspectos do pertencimento em sua prática, evidenciando

alinhamento com a “lógica do mercado e da produtividade que se pelos canais abertos no mundo ‘globalizado” (p.188), o que possibilita não associar a migração somente à uma identidade nacional, mas à uma identidade globalizada.

O paradigma do pertencimento dos indivíduos a grupos constitui um aspecto das problemáticas concernentes - porém, não limitado - aos processos migratórios. Em *O dualismo da natureza humana e suas condições sociais* (1973), Durkheim enfatiza a relevância da contribuição da psicologia aos estudos sociais e disserta acerca da necessidade de considerar o enfoque no indivíduo, em razão de ser parte inerente à formação de um grupo (p. 35), para que se compreenda de maneira mais adequada como a sociedade se constitui.

Se a audácia do ensaio é inerente ao fazer das ciências sociais, permite-se sugerir que a análise de uma trajetória particular pode ter sido explorada sob esses fundamentos por Albert Camus em *O Estrangeiro* (2005). O clássico da literatura argelina provoca a reflexão sobre a independência e o conflito entre as atividades morais e as tendências sensoriais, conforme ensaiado por Durkheim. A inadequação do indivíduo às normas sociais é refletida na apatia manifestada pelo personagem Mersault a eventos socialmente constituídos como traumáticos, como a morte natural e o homicídio, e o apetite sensorial em sua relação com o não pertencimento.

A perspectiva da pertença e da inadequação a normas sociais pode ser empregada na análise de diferentes processos de integração no contexto da migração: imigração, migração de retorno, deslocamento interno. São cenários latentes, distintos entre si e que, no entanto, expressam a mesma natureza do conflito do pertencimento.

A integração supõe fazer parte de um grupo, sociedade, e é frequentemente associada à perspectiva conservadora da constituição de um “Estado-nação” e, dessa forma, o sentimento de pertencimento é inerente à sua concretização. Considerando que o processo migratório como se constrói atualmente é um dos efeitos da globalização, que “coloca em evidência a profunda reorganização geográfica do capitalismo” (HARVEY, 1996) e resultado de um processo de expulsão (SASSEN, 2015), pertencer se torna um desafio. Do país de origem, se é expulso, no país de destino, se é rejeitado.

Simmel (1971) afirma que o que constitui a sociedade “são os seus elementos conscientes e peças sintetizadoras: os indivíduos” (p. 19). O autor traz a questão do risco da

inquestionabilidade da “harmonia” entre o indivíduo e a sociedade, que pode ser interpretado sob o contexto do não pertencimento como ruptura da expectativa de harmonia:

“[...] a vida social pressupõe uma harmonia inquestionável entre indivíduo e sociedade como um todo. Essa harmonia, claro, impede violentas dissonâncias éticas e eudemonistas. Se a realidade social fosse determinada por sua suposição de harmonia por si só, sem a interferência de outros fatores, resultaria ser a sociedade perfeita” (SIMMEL, 1971, p. 20. Tradução livre)

Assim, é importante destacar que a integração, como discurso ou política, carrega o peso da necessidade – calcada em um desejo - de construir coesão social, com a finalidade de manter uma “harmonia inquestionável” da sociedade. Para tanto, na perspectiva da priorização da integração, ao pertencimento é relegada posição de inferior importância: contanto que se esteja trabalhando, contribuindo à economia e seguindo a normas sociais estabelecidas anteriormente à sua chegada, fazendo parte da sociedade local, sentir-se parte se torna secundário.

De fato, a inserção socioeconômica e a garantia de manutenção da estrutura básica para sobrevivência contribuem para evitar a desigualdade e conseqüentemente conflitos sociais de algumas naturezas. No entanto, o espectro da psicologia social de não pertencimento é extensamente analisado e associado como uma das causas de diversas rupturas sociais: o suicídio, a mera apatia e mesmo como impulsionador de movimentos de ódio.

Durkheim, em “O Suicídio” (2003), apresenta a falta de integração como causa de situações de “fracasso das regras que regem as funções sociais criadas pela divisão do trabalho, fato que, em algumas situações, poderiam levar ao ato extremo”, conforme recordado por Oliveira (2014, p. 78). O clássico da Sociologia faz referência à dimensão da psicologia social do fenômeno do não pertencimento para a integração de orientação socioeconômica. Isso não supõe que na reflexão de Durkheim os conceitos sejam descritivos de um mesmo fenômeno, mas sim que seja atenta à importância do primeiro para a concretização do segundo.

Fernandes (2019) apresenta um estudo de grande relevância para o contexto atual da migração venezuelana para o Brasil com aplicabilidade do conceito consolidado por Durkheim. Em sua análise, apresentou a correlação entre “suicídio, migração e desigualdades políticas” (p. 54) através do discurso de três pessoas de nacionalidade venezuelana que

realizavam acompanhamento em um Centro de Assistência Psicológica Especializada (CAPES) de Boa Vista e tiveram episódios de suicídio. Em cada discurso, se sobressaem os sentimentos que remetem ao não pertencimento: “incompreensão”, “inadequação” e “inutilidade”, todos com relação aos processos migratórios vivenciados e ao sofrimento a eles condicionado.

Em observações realizadas no Observatório, no Posto de Triage, Setores das ONGs, Abrigos Rondon 03 e centros de comércio em Boa Vista (Roraima), RueyLing e Pacheco (2020) realizaram entrevistas semiestruturadas com nacionais venezuelanos após alguns grupos terem invadido e saqueado estabelecimentos comerciais, o que as autoras descrevem como manifestações de “atitudes atípicas frente a situações-limite de sobrevivência” (p. 292). A partir da análise das entrevistas, as autoras concluem que foi possível identificar

(...) diversos fatores psicossociais que constelam “uma soma de sofrimentos e de rancor claramente evidenciados nos refugiados venezuelanos [...] Impedidos de se desenvolverem na sua função social em conformidade com seu desejo e objetivo, [são] levados ao ressentimento, em primeira instância. (RUEYLING; PACHECO, 2020, p. 290-292)

Percebe-se que o sentimento de ressentimento surge e se fortalece à medida que os indivíduos não se sentem valorizados devido ao impedimento de desempenhar uma função social desejada, o que permite fazer alusão ao “fracasso das regras” de Durkheim. O sentimento de ressentimento surge em meio à sensação da inadequação, inadequação ao proposto como norma social (de sentir-se “útil”) e aos seus próprios objetivos de realização.

No mesmo sentido, o sentimento de ressentimento pelo não pertencimento é identificado por Silva (2019) em uma fala marcante entre venezuelanos entrevistados na Casa do Migrante João Batista Scalabrini, em Manaus, através de um processo descritivo: “*somos como uma panela de pressão: estamos funcionando, mas a qualquer momento podemos explodir*” (p. 118). Pode-se constatar que, na afirmação descrita, os indivíduos apresentam sólida consciência do sofrimento psíquico ocasionado pelo processo de migração, sobre a constante frustração com a “*integração e sua burocratização*” (p.119) e com o sentimento de solidão (p. 77-79), encontrando-se sem rede de apoio.

A atomização dos indivíduos em grande escala foi indicada por Adorno (1985) como um dos - entre diversos - fatores de impulsão do movimento fascista europeu da primeira metade do século XX, afirmando que “o comportamento antissemita é desencadeado em

situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se veem soltos enquanto sujeitos” (p. 81). O isolamento ao qual faz referência é um atributo que pode contribuir para a rápida propagação de ideologias aglutinantes que pretendem atribuir o senso de pertencimento através do discurso de Estado-nação com base em seus pressupostos étnicos, como a fascista.

O exemplo dissertado por Adorno não é associado à migração ou comparável aos “novos fluxos migratórios” (CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2018, p. 101), mas sim às relações sociais constituídas com base na alienação do trabalho na sociedade capitalista e no não pertencimento: ou no “não ser um sujeito”, ser objeto.

Essa associação com a reflexão de Adorno não objetiva conectar os processos migratórios com qualquer expressão dos acontecimentos daquele período ou com determinismos, senão extrapolar os conceitos através de um exemplo histórico relevante, no qual a dominação discursiva encontrou sólido espaço de propagação. Aqui, considera-se apenas o aspecto da atomização no contexto capitalista das relações como um fator impulsionador de sentimentos de inadequação, apatia social - como exemplificado pelas ações do protagonista fictício no clássico de Camus -, ou mesmo de expressões intensificadas de ódio.

Considerando que processos migratórios acarretam, para os indivíduos, mudança de espaço, idioma, valores e tradições, uma análise integral do pertencimento deve englobar a perspectiva cultural. Bhabha (2007), apresenta o conceito do “terceiro espaço”, que define como algo “capaz de abrir a caminho a conceitualização de uma cultura, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura” (p. 69), algo que representaria a negociação entre aspectos culturais – na perspectiva da migração – de culturalidade de origem e de destino, formando algo entre elas: um terceiro domínio entre as polaridades.

Carreira e Bezerra (2020) formulam uma análise das relações interculturais e afirmam que viver no terceiro espaço, entre duas culturas distintas, denota a “incapacidade de adesão absoluta” (p. 407) a qualquer delas. Os autores exemplificam essa conclusão através do romance *Tempo de migrar para o norte* (2004), de Tayeb Salih, na qual o narrador e Mustafa Said (personagem principal que migra do Sudão à Inglaterra e posteriormente retorna) seriam “híbridos culturais, passageiros no terceiro espaço” (p. 407).

Assim, o terceiro espaço representa potencial de ser algo entre, porém não parte, de nenhuma das culturas dicotomicamente dispostas no processo migratório, tornando-se contexto de atomização e se relacionando com as discussões já abordadas sobre integração, assimilação/aculturação e com a atomização em um dado grupo ou sociedade. Porém, mais do que expressão de culturalidade para a integração, mostra-se como o campo da alteridade, do não encaixe: da não pertença.

Abdelmalek Sayad (1998) contribui para a discussão do pertencimento na medida em que apresenta uma das definições fundamentais da categoria *imigrante*, para compreender como se dá o interesse por sua integração a partir da lógica capitalista do trabalho:

Um **imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito**. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. [...] **A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho**, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem — sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez "nascer" o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz "morrer" o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. (SAYAD, 1998, p. 54)

Se o processo migratório é relevante para a sociedade que acolhe apenas na medida em que o indivíduo que migra contribui como força de trabalho, convém identificar se a perspectiva de integração empregada por organizações que atuam com esse eixo da migração está aliada à essa perspectiva estritamente economicista das relações sociais, e se deixa, assim, em segundo plano os fatores psíquicos do pertencimento.

Dentre as iniciativas aplicadas por organizações, algumas sobressaem e adquirem maior popularidade devido à amplitude de sua atuação. Assim, a seguir convém destacar as mais recentes, que podem evidenciar uma guinada sólida nas políticas e programas de integração.

Para subsidiar a análise descritiva aqui proposta, foram realizadas pesquisas em relatórios e nos *websites* oficiais de organizações internacionais que atuam com a temática da migração no Brasil, através de busca pelos termos “integração”, “inserção”, “trabalho” e “pertencimento”, resultando na identificação de relatórios, notícias e documentos oficiais. Ao

longo da análise dessas categorias, percebeu-se a proeminência da terminologia “empreendedorismo” em constante repetição. Assim, esse aspecto foi incluído de forma central na análise.

A palavra “integração” resultou em uma variedade de resultados, com destaque para a categoria “empreendedorismo”, junto de “emprego formal”. Lançado em 2020, o relatório “Empregos Verdes” (2020), do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), destaca o “Incentivo ao Empreendedorismo e Associativismo” como uma de suas estratégias para que o ACNUR possa catalisar a integração laboral de refugiados e migrantes venezuelanos na Economia Verde do Brasil” (p.71), enfatizando que, no entanto,

o nível de formalização é baixo. [...] Pode-se dizer que não há uma oferta estabelecida de empregos verdes formais. Há muitos relatos de violações de direitos humanos básicos e, de forma geral, a remuneração é baixa (p. 86).

Em 2020, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) desenvolveu um programa em parceria com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), voltado ao fomento da inserção no mercado de trabalho, com especial foco na estratégia do empreendedorismo. Posições semelhantes foram tomadas por outras organizações desde documentos internacionais que situam o empreendedorismo como alternativa para o desenvolvimento em países “emergentes”.

No âmbito geral das Nações Unidas, o empreendedorismo surge como pauta para o desenvolvimento sustentável, presente no Relatório do Secretário-Geral (2018) e na Resolução Adotada pela Assembleia Geral (2020). A resolução apresenta o empreendedorismo em alusão ao objetivo de erradicação da pobreza (p. 2) e como proposta de “catalisar a transformação social através do fortalecimento das capacidades produtivas de grupos vulneráveis” (p. 7); o relatório apresenta boas práticas para a implementação do empreendedorismo em políticas, sua promoção em níveis regionais e locais, bem como seu impacto positivo sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável.

No contexto brasileiro, há inúmeras iniciativas voltadas à integração de migrantes através de sua inserção no mercado de trabalho, sendo as mais proeminentes aquelas voltadas ao empreendedorismo. O Projeto Refugiado Empreendedor, de 2016, foi uma iniciativa organizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em

parceria com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), que recebeu o apoio da Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2016), e desponta o que viria a ser uma estratégia amplamente aplicada nos anos seguintes visando à integração.

Posteriormente, em evento realizado pelo ACNUR em Boa Vista (Roraima), a iniciativa “Inspira Boa Vista” reuniu mais de 80 instituições focadas em educação financeira e empreendedorismo e ofereceu serviços gratuitos à população brasileira e venezuelana em Roraima, objetivando “promover oportunidades de integração social e econômica em Roraima” (ACNUR, 2018). Na cidade de Manaus, em 2018, uma Assessoria de Empreendedorismo conduzida pelo Consulado da Mulher (ação social da empresa Consul) em parceria com o ACNUR ofertou cursos de qualificação a mulheres venezuelanas para desenvolverem seus próprios negócios. Segundo publicação no *website* oficial, “sem conseguir empregos formais, as solicitantes de refúgio apostaram na gastronomia como forma de buscar novas oportunidades no Brasil (ACNUR, 2018).

O Projeto Oportunidades, implementado pela OIM em 2020, em parceria com o setor público, privado e organizações da sociedade civil e financiado pelo USAID (OIM, 2020) visando à integração em diversos estados brasileiros, exemplifica essa estratégia: foram 1.861 pessoas capacitadas em empreendedorismo e apoiadas com “capital semente” e 846 pessoas incluídas em empresas do setor formal naquele ano. Até janeiro de 2020, o USAID havia fornecido quase US\$ 20 milhões para o financiamento de programas similares em apoio a nacionais venezuelanos no Brasil (OIM, 2020b).

Alguns de seus resultados merecem destaque: os setores de inclusão e o espectro de gênero. Os principais setores que realizaram as contratações foram a indústria têxtil, construção, comércio, serviços gerais, transporte, logística, agropecuária e frigorífico: atestando a abertura para o mercado somente em áreas determinadas conforme a condição de migrante ou, nas palavras de Sayad (1998), “são trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam dessa forma trabalhos para imigrantes” (p. 55).

Ainda, entre as pessoas participantes, 70% são mulheres, o que expressa as vulnerabilidades sob as quais, ora em setores de emprego formal, ora no âmbito do empreendedorismo, enfrentam a precarização, que surge em disfarce de oportunidade no contexto da globalização. Conforme afirmado por Dutra (2013), “a questão é que o processo

de globalização criou mais empregos para as mulheres, porém, trata-se de empregos vulneráveis e precários” (p. 104).

Iniciativa voltada a mulheres e implementada em 2021, o programa Liderança, Empoderamento, Acesso e Proteção para mulheres migrantes, solicitantes de refúgio e refugiadas no Brasil (LEAP) se trata de ação conjunta entre a ONU Mulheres, ACNUR e UNFPA, financiado pelo governo de Luxemburgo. Sua proposta também oferece apoio financeiro como incentivo ao empreendedorismo a refugiadas e migrantes venezuelanas no Brasil. O programa garante auxílio mensal às que participarem das capacitações e capital para investimento inicial em um negócio próprio (ONU Mulheres, 2021).

Parte expressiva do discurso empregado para condensar a justificativa de optar pela estratégia do empreendedorismo em projetos advém com os argumentos relacionados ao aquecimento de economias locais, fonte de renda para autonomia, integração socioeconômica, contribuição ao desenvolvimento econômico, social e cultural no Brasil (ACNUR, 2020; OIM, 2021; ONU Mulheres, 2021). Essa perspectiva é endossada por diversas organizações locais que atuam em conjunto aos projetos e as quais são responsáveis por implementá-los em rede.

O projeto “MSG LAB: Costurando Oportunidades” traz a cooperação entre OIM e a organização Mulheres do Sul Global com a oferta de capacitação pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), com o objetivo de qualificar profissionalmente mulheres migrantes para o setor da costura industrial. A proposta traz, como aspectos para a integração socioeconômica no Brasil, a identidade, o autocuidado, os direitos humanos, o mercado profissional e o foco nos projetos de vida. No entanto, esses aspectos são empregados com a mesma lógica, pois através da valorização desses aspectos, desvaloriza-se a força de trabalho: vislumbra-se como “uma chance” ou “oportunidade” que as participantes possam “ser encaminhadas para outras fábricas e/ou atuar como empreendedoras” (OIM, 2021b).

Mais recente, o “Projeto Revoada: Promovendo o Desenvolvimento Sustentável em Minas Gerais através da Diáspora Brasileira” (OIM, 2022b), que compõe um projeto regional intitulado “Empoderando a Diáspora Sul-americana como Agente do Desenvolvimento Sustentável”, sinaliza uma possível guinada de investimentos com propostas similares voltada para a migração de retorno. Na pesquisa divulgada sobre o projeto, afirma-se que

“(…)é recorrente na literatura sobre a temática migratória que o migrante é **um empreendedor em potencial, ainda que por necessidade**, uma vez que o próprio deslocamento envolve iniciativa, planejamento, investimento, ação e retorno. Verifica-se a atuação dos emigrantes brasileiros no mercado de trabalho em todos os setores, para muito além do conhecido “mercado étnico”, o que movimenta a economia local do país de destino, especialmente de bairros inteiros e pequenas cidades” (OIM, 2022c, p. 59, grifo meu).

Verifica-se que, no texto, há a constatação de que o empreendedorismo pode se dar em razão da necessidade. No entanto, ao situá-lo como potencialidade, o texto aplica a romantização da vulnerabilidade. As etapas de “iniciativa, planejamento, investimento, ação e retorno” que compõem o projeto de deslocamento se mostram facilitadas ou não a depender das condições socioeconômicas que são compulsórias. Inferir que uma condição socioeconômica restrita para realizar o processo migratório acarrete um potencial empreendedor se mostra uma análise fantasiosa.

O projeto “Acolhidos Por Meio do Trabalho”, da Associação Voluntários para o Serviço Internacional Brasil (AVSI) tem por objetivo capacitar e inserir 250 refugiados e migrantes venezuelanos no mercado formal de trabalho. Conforme informativo da iniciativa, “o projeto também beneficia brasileiros com a formação profissional de jovens e adultos em diferentes segmentos, **beleza, mecânica e gastronomia**” (AVSI, 2022, grifo meu).

Conforme reflete a revisão bibliográfica sobre *integrar e pertencer*, anteriormente realizada, os aspectos socioeconômicos pontuados de fato exercem grande papel para o processo de integração em uma dada localidade de destino. No entanto, enquanto há relatos de casos como algumas narrativas disponíveis na página oficial da OIM, nos quais os indivíduos encontram o pertencimento no respectivo exercício de uma atividade laboral¹³, há relatos em maior quantidade que parecem refletir um roteiro: primeiro pautado na situação de vulnerabilidade e, posteriormente, na inserção em uma função laboral dentre as destinadas a imigrantes¹⁴ ou mesmo vinculado apenas à gastronomia étnica e ao empreendedorismo (RUSTOMGY; BASTOS, 2020).

¹³ Ver o relato de Ali Hassan, nacional de Bangladesh que encontrou sentimento de pertença no exercício do paisagismo, disponível em <https://brazil.iom.int/integra%C3%A7%C3%A3o-econ%C3%B4mica-de-migrantes-conhe%C3%A7a-hist%C3%B3ria-de-ali-hassan>.

¹⁴ Ver o relato de Ivette Karina, que trabalha no setor de serviços gerais em um centro comercial, disponível em: <https://brazil.iom.int/integra%C3%A7%C3%A3o-econ%C3%B4mica-de-migrantes-conhe%C3%A7a-hist%C3%B3ria-de-ivette-karina>.

As iniciativas que visam à capacitação para empreender contribuem, dessa forma, para construir o que Coan (2013) define como um trabalhador de novo tipo:

Convencido de estar apto a enfrentar os desafios do atual mercado de trabalho vendendo sua força de trabalho sob diversos moldes, quer seja prestando serviços, fazendo consultorias, realizando trabalho terceirizado, temporário, a domicílio, subcontratado, quer seja com bolsas de estudo, estágio ou arranjos flexíveis e precários similares. (COAN, 2013, p. 2)

O autor aponta, ainda, que

(...) disseminado por organismos internacionais e governos [...] o ‘aprender a empreender’ reduz o trabalho educativo à produção de mais-valia em contexto de crise estrutural; aproxima, dessa forma, a educação ao complexo da alienação, “pois pretende, em vão, adaptar o indivíduo à sociedade capitalista de forma a tentar inutilmente harmonizar os conflitos entre capital e trabalho, ao desconsiderar o conteúdo desumano que existe durante a produção de mais-valia. (SOUZA, 2009, p.15 *apud* COAN, 2013, p. 12)

Dessa forma, o indivíduo situado no contexto migratório se encontra não somente em um processo de acúmulo de sofrimento psíquico ocasionado pelo rompimento de vínculos, de normas culturais: ainda enfrenta a pressão de “se reinventar” para enquadrar à norma social do que é exigido dos indivíduos também no local de destino, pela constante ameaça à sobrevivência.

A busca por “pertencimento” não encontrou resultados expressivos, exceto quando vinculado ao aspecto econômico. Uma notícia da página do ACNUR faz referência descritiva (sem associar à categoria da integração) a uma poeta sudanesa que descreve o sentimento de “caos”, “guerra” sobre ser refugiada e o senso de pertencimento:

O poema explora a experiência de ser sul-sudanês. Tendo nascido como refugiada e sendo bastante jovem, quando penso nisso, é quase como se você entrasse em um novo caos (...) você entra em uma nova guerra que é bastante sutil e **você não tem tempo e espaço para perguntar de onde você veio ou por que você está onde está** (ACNUR, 2019d, grifo meu)

Outra notícia faz referência ao pertencimento vinculado à pauta identitária de pessoas com deficiência em relação à Equipe Paralímpica de Refugiados nos jogos Paralímpicos de Tóquio de 2020, promovida pela empresa parceira Airbnb (ACNUR, 2020b). Uma terceira, que noticia um evento de integração artística e sobre esporte entre jovens, afirma que

As práticas esportivas ajudam os refugiados a serem integrados na sociedade, fazerem amigos e a desenvolverem um **sentimento de pertencimento** no novo local. Além disso, essas pessoas trazem

consigo experiências, culturas e capacidades diversas de contribuições ao país. (ACNUR, 2021b, grifo meu).

Além que não perfazer expressão em número de iniciativas noticiadas¹⁵, a dimensão do pertencimento não reúne, em quantitativo expressivo, iniciativas centradas nele como objetivo-fim, senão relacionado aos projetos centrados na geração de renda, promoção de autonomia e integração através do empreendedorismo e da inserção laboral nos setores “destinados a imigrantes”.

Nesse contexto, a malha de programas e iniciativas, de atores como organizações (locais e internacionais), associações, possíveis empregadores, Estado e de políticas concentradas na consolidação de países da América Latina e do Caribe como novos lugares de destino tece uma “indústria da migração” (HERNÁNDEZ-LEÓN, 2012, p. 53) regional.

A relevância da categoria do pertencimento e do sentimento de inadequação a normas sociais para a integração foi identificada através dos discursos da experiência migrante que apresenta sentimentos como de “inutilidade”, “inadequação”, “incompreensão”, “solidão”, “ressentimento”, “caos” interno e de “uma panela de pressão prestes a explodir”. Dessa forma, conclui-se que a perspectiva da pertença e da inadequação a normas sociais contribui para a análise da integração à medida que não se pode considerar a segunda sem a primeira.

Pautadas em um processo de legitimação da precarização (ainda que sutil e não necessariamente orientado a ela), é possível concluir que as iniciativas abordadas e outras semelhantes não consideram, em nível expressivo, a categoria do pertencimento para o sentimento de integração socioeconômica, cultural e social, senão entusiasmo a tolerância à precarização do trabalho pela sobrevivência enquanto a sinaliza como uma oportunidade, uma chance ou uma alternativa.

A partir dessa perspectiva, considera-se que a identidade e a autoestima, o multiculturalismo ou mesmo a integração cultural se apresenta, antes de qualquer coisa, como pauta mercadológica, na medida em que gere algo útil, lucrativo ou “benefício econômico” (em primeiro grau) no local de destino. Na indústria da migração, o pertencimento é instrumentalizado como motor da força de trabalho precarizada.

¹⁵Ainda, não foram encontrados materiais sobre o sentimento de pertencimento vinculado à migração e integração em sites de outras organizações, como ONU Mulheres, UNFPA e OIM. As iniciativas voltadas ao empreendedorismo predominam nos projetos que abordam a temática.

Ao mesmo tempo em que ela transmite os ideais pautados na diversidade e na promoção da mesma, a obstinação à integração se dá pelo processo da promoção da autonomia, do que é mais individual nos indivíduos, contribuindo à sua desconexão, à sua atomização. Não há expressão de inquietação de nível massivo quanto ao que levaria ao processo da “panela de pressão” (SILVA, 2019). Enquanto as pessoas que migram trasladam em meio à constante angústia de não pertencer e precisar sobreviver, a “harmonia social” é buscada por outros meios.

O estímulo ao multiculturalismo e o apoio à integração carregam, assim, o ideal do que Castro-Gómez (2004) define ser o poder libidinoso, que “pretende modelar a totalidade da psicologia dos indivíduos, de tal maneira que cada qual possa construir reflexivamente sua própria subjetividade sem necessidade de opor-se ao sistema” (p. 92).

Nessa concepção, a acumulação de capital já não demanda a supressão através da assimilação, mas sim a produção de diferenças, afinal, gera-se utilidade ao imigrante e à força de trabalho direcionada aos setores de “trabalho para imigrantes”.

Pode-se afirmar que a integração, empregada nesse contexto da indústria da migração no Brasil, se pauta na manutenção e na produção de diferenças, já que estas não se mostram como empecilhos, senão como aspectos úteis ao processo capitalista.

2.2. Quem são as mulheres migrantes venezuelanas

Em sua Política relativa à Migração (2009), a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho - IFRC define que, por migrante, se entende quem deixa seu lugar de residência habitual para se deslocar a outro lugar em busca de oportunidades ou perspectivas melhores e mais seguras, considerando-se que solicitantes de refúgio e refugiados constituem uma categoria especial conforme o direito internacional. Assim, a migração poderia ser voluntária ou involuntária, porém, quase sempre consistiria em uma combinação de decisões e limitações (p. 3).

O conceito é empregado para definições do tratamento institucional e normativo da migração, sendo sua retomada relevante para pontuar alguns aspectos no que tange a um discurso institucional padronizado e sua insuficiência. Considera-se que os conceitos empregados e sua fundamentação ideológica são insuficientes para abarcar as complexidades da expressão social do que é ser uma pessoa migrante. Essas definições institucionais,

empregadas no contexto de globalização pela ação humanitária “padronizada sobre essas sociedades (...) serve à ordem global para controlar, evitar a indesejada migração e incutir-lhes o modelo econômico, cultural e social globalmente aceito” (MEZZANOTTI, 2015, p. 152).

No contexto desse discurso, as categorias “migração internacional”, “refúgio”, “deslocamento interno” e “solicitação de refúgio” se diferenciam, desde a motivação do fenômeno até as diretrizes internacionais e domésticas de proteção que os abrangem. Esse aspecto é importante para definir as categorias em seu tratamento normativo e institucional, no entanto, essas definições acabam por não ser suficientes para caracterizar a complexidade social do que significa *ser e sentir-se migrante*, do fenômeno migratório nessa ordem mundial, bem como das situações em que se encontram a maioria das mulheres de nacionalidade venezuelana residindo no Brasil.

Compreendendo a grande amplitude do fenômeno das migrações internacionais como expressão da globalização e, considerando que parte integrante desta é a segregação espacial, a progressiva separação e a exclusão (BAUMAN, 1999), é importante considerar a sobreposição de desigualdades estruturais sobre o processo migratório, como a de gênero, bem como seu impacto sobre a agência individual e coletiva de pessoas em situação de mobilidade.

O termo globalização “coloca em evidência a profunda reorganização geográfica do capitalismo” (HARVEY, 1996), sendo a migração e seus efeitos no sul global uma de suas expressões. Concomitantemente à migração imersa na lógica da globalização, a identidade é tida como fluida no sentido de que se viaja e desloca de um ponto a outro, na romantização do pertencimento múltiplo, onde esse ideário é empregado na criação de “práticas de assimilação” e trata a diversidade cultural como “anexo útil às necessidades do mercado” (CANCLINI, 2010 apud HURTADO, 2012, p. 2), útil e relevante enquanto gerar lucro.

Conflitos internacionais de ordem política, econômica e de valores, sob essa nova dinâmica, acarretaram o esgotamento no sentido humanitário das condições de vida, resultando este na expulsão (SASSEN, 2015) de nacionais venezuelanos a outros países, principalmente da América do Sul. Com base no conceito de “imigrante” estruturado por Sayad (1998), compreende-se que, nos países de destino, mulheres migrantes enfrentam as

premissas de integração de maneira ainda mais violenta, em especial às formas com as quais sua força de trabalho “provisória” é tratada.

Na correlação entre processos de globalização, migração e gênero, Emma Martín Díaz (2006) sinaliza os padrões insurgentes sobre a inserção laboral para mulheres migrantes:

À medida que os processos de globalização determinam o aumento de desigualdades econômicas em escala planetária, as migrações femininas tornam-se um pilar fundamental na estratégia dos grupos domésticos. Ao mesmo tempo, aumenta o número de mulheres chefes de família e de famílias monoparentais, o que determina que essas mulheres ingressem em empregos e condições de trabalho dificilmente aceitos por uma porcentagem significativa de homens imigrantes. É justamente essa maior “disponibilidade”, que se traduz em pouco “conflito”, medido em termos de reivindicação de seus direitos trabalhistas, sociais e até mesmo individuais, o fator que as torna cada vez mais “adequadas” em determinados nichos laborais (DÍAZ, 2006, pp. 55-56. Tradução minha).

Mencionada a precarização, cabe pontuar que há uma persistência no emprego da abordagem simplista do recurso do empreendedorismo, identificada sobre iniciativas de capacitação e inserção laboral para mulheres migrantes venezuelanas.

O que se consolida, a partir da abordagem desses conceitos, é a construção da mulher que migra como força de trabalho que, pela condição de vulnerabilidade, violência, instabilidade econômica ou outros fatores que motivaram a emigração do país de origem, é vista, tratada e têm sua força de trabalho posta como inferior à de identidades masculinas e também femininas no país de destino.

Assim, mulheres migrantes venezuelanas vivenciam um cenário no qual “o processo de globalização criou mais empregos para as mulheres, porém, trata-se de empregos vulneráveis e precários” (DUTRA, 2013, p. 104). Nesse pressuposto, à migração e ao gênero se soma o fator da nacionalidade venezuelana, que delinea a vivência de um contexto migratório que se dá a partir de mudanças repentinas nos modos de vida, além de refletir aquele país que se situa como maior adversário frente aos Estados Unidos e seus objetivos na América Latina, em um emaranhado de fatores estruturais que degradam ainda mais as suas possibilidades de garantia de condições laborais não exploratórias.

O emprego do conceito de gênero sob a perspectiva interseccional é introduzido por Kimberlé Crenshaw (2000, p. 176) e, aplicado a esta pesquisa, propõe uma análise que

considera a influência de questões estruturais de diferentes naturezas sobre o fenômeno da migração para mulheres venezuelanas, bem como sobre o processo de formação e inserção em redes no país de destino, em suas experiências.

A pretensão na análise das experiências, sem partir do determinismo dicotômico dominação-vitimização (GREGORI, 1993), compreende considerar como desigualdades construídas socialmente e, especificamente a condição de nacionais venezuelanas, influenciam na forma com a qual essas estratégias e seus diferentes objetivos são construídos no processo migratório. Requer considerar em como a articulação entre gênero, sexualidade, raça, etnia e nacionalidade contribui para compreender as suas experiências a partir da constatação das limitações concomitantemente às possibilidades de agência (PISCITELLI, 2008, p. 272).

A partir da conceituação de gênero, enfatize-se que a categoria *mulheres* aqui empregada visa abranger mulheres *cis* e *trans* em uma perspectiva interseccional. Isso não sinaliza tentativa de equiparação analítica sobre as experiências vividas por mulheres auto identificadas por elas, senão uma decisão política de reconhecer e buscar contribuir, opondo-se a percepções monolíticas de opressão (PISCITELLI, 2002, p. 22), com uma reivindicação¹⁶ importante de pessoas da comunidade LGBTQIA+¹⁷, cujo movimento, para além de pesquisadora, também faço parte.

Assim, optou-se por não realizar um recorte de mulheres *cis* ou mulheres *trans* prévio aos estudos em campo, senão deixá-lo em aberto, sendo nele consideradas migrantes venezuelanas que se identifiquem como mulheres: tão plural (não universal) quanto a abordagem interseccional dessa categoria e a diversidade dos resultados possam ser.

2.3. Capital social: entre a inovação e o cânone

O conceito de capital social, amplamente aplicado em diferentes campos das Ciências Sociais (BAQUERO, M.; BAQUERO, R., 2007), em especial da ciência política, foi

¹⁶Jaqueline Gomes de Jesus escreve sobre a conceituação e terminologias empregadas na abordagem da identidade de gênero, pontuando que mulheres *trans* reivindicam o reconhecimento como **mulheres** (2012, p. 8, grifo meu). Dedicada ao estudo sobre transexualidade, racismo e suas intersecções sob a ótica da psicologia social, a autora brasileira consolida reflexões sobre o conceito de gênero para além de sua propositura de conceituação com base na binariedade de sexos biológicos designados no momento do nascimento (2015).

¹⁷A sigla sinaliza um movimento formado por pessoas cujas identidades, sexualidades e expressões divergem daquelas definidas socialmente conforme a normatividade heterossexual e cisgênero. Aqui, exprimindo sua diversidade, LGBTQIA+ retrata o movimento coletivo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Travestis, *Queer*, Intersexo e Assexuais.

endossado, debatido e reprisado, fazendo dele um cânone¹⁸. Nas palavras desafiadoras de Mary Louise Pratt (2000), se compreende que esse conceito foi e permanece instituído nessa posição pela “forma canônica do ensaio, o monólogo masculino” (p. 74).

Ponderando essa observação, cumpre considerar que não há proposição de sua abordagem de maneira a desmerecer seu valor por tomar dita posição. O objetivo deste capítulo é refletir sobre os aspectos relevantes do conceito canônico para esta análise, sustentada na manifesta consciência crítica sobre a arbitrariedade através da qual foi instituído.

Coleman (1990) apresenta a teoria de que as relações e vínculos sociais impactam em como a economia se comporta, agindo sobre seu desenvolvimento. Mais robusto e em contribuição à sua consolidação como um cânone nas ciências sociais, o conceito é definido por Bourdieu como

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2001, p. 67).

Para Putnam, capital social são as conexões existentes entre os indivíduos de uma comunidade: suas redes e as normas de reciprocidade e confiança, que derivam dessas relações (PUTNAM, 2000). O conceito traz um caráter material (redes) e cultural (normas) (NORRIS apud SACCHET, 2009).

O conceito de capital social se mostra relevante na medida em que consolida ações diversas, como fazer parte de redes, organizações e a construção de vínculos e da confiança interpessoal na comunidade na qual se vive, relacionando-as como recursos que convergem para um poder de ação que se acumula, o capital social.

Situar a condição de acúmulo de capital nas ações de indivíduos e em sua construção coletiva adquire, às formulações do conceito, um caráter de balanceamento que traz maior

¹⁸Por “cânone”, entende-se a repetição do conceito em si mesmo.

atenção à agência, ao sujeito político (O'DONNELL apud BULCOURF; DUFOUR, 2012, p. 17), sem desconsiderar as contribuições das perspectivas que consideram as estruturas sociais ou o próprio Estado em processos políticos e sociais.

As dimensões posteriormente formuladas na construção do “capital econômico” permitem a elaboração de análises que consideram as capacidades e limitações da ação de mulheres migrantes venezuelanas para a “adaptação” no país de destino (RIBAS, 2004 apud DUTRA, 2013, p. 72).

Considerando as condições de trabalho não somente disponíveis, mas impostas como a possibilidade laboral mais tangível, essa perspectiva abre caminhos para identificar também a ação, o protagonismo, para o objetivo da melhoria de vida, ascensão (ou restauração da) posição social no país de destino frente à impossibilidade de retornar.

Realizada a retomada do conceito conforme sua norma do monólogo, do reconhecimento das contribuições do cânone se parte para a análise de perspectivas mais multifacetadas, sem embargo do apagamento dessas.

2.4. Redes de solidariedade: protagonismos que escapam aos cânones

A definição de *redes* se dá com base em relações sociais que estruturam oportunidades, tanto de partir quanto de se colocar no novo país (RAMELLA, 1995 apud TRUZZI; SCOTT, 2006, p. 6). O conceito de redes de solidariedade pode abranger diferentes espectros em conformidade com espaços comuns aos indivíduos, como religiosos, humanitários ou políticos (KAUCHAKJE, 2008). Principalmente no que tange um espaço já compartilhado, a rede de solidariedade também pode “apresentar o sentido de noção ética existente com a coletividade, enquanto um ‘contrato social’ que se estabelece junto a um grupo social ou uma sociedade” (CHAUI apud LOLIS, 1999).

Aplicado aos estudos sobre migração, é possível inferir que a construção dessas ações em redes com base em objetivos, vivências e aspectos identitários comuns impacta em como a integração no país de destino se desenvolve ou acaba não se desenvolvendo, em parte construído no sentimento de pertencimento ou no desejo de restaurá-lo. Se tratando da migração, Milton Santos a aborda como um processo que “agride o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar, e

desterritorialização é frequentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são, também, desculturalização" (SANTOS, 2007, p. 82).

Conforme afirmado por Rita Segato (2018), essa lógica da globalização impõe ao pertencimento identitário “os efeitos perversos de uma política (...) que responde a uma agenda global mais fiel a questões nacionais internas dos países centrais que a problemáticas e idiomas políticos locais” (p. 188).

A capacidade de formar/fazer parte de redes e de compartilhar normas influi no sentimento de pertencimento dos indivíduos e no desejo de permanência, sendo crucial no objetivo de estabilidade e de motivação para ação substantiva na busca por melhoria/recuperação da qualidade de vida no país de destino. Por abordar aspectos identitários, é válido salientar que esta pesquisa não se propõe a individualizar problemas sociais, senão o contrário, opondo-se a qualquer abordagem reducionista (FERNANDES, 2020, p. 157) do problema.

Uma análise interessante e que parte da relevância do cânone apresentado anteriormente se trata do *capital de mobilidade*, formulada pelos brasileiros Márcio de Oliveira e Fernando Kulaitis¹⁹, que permite estender a perspectiva de capital social sobre a integração no país de destino. Sua contribuição está na interpretação de que a detenção de conhecimento de “formalidades administrativas, idioma e costumes (...)” opera como aceleradora da integração. Dessa maneira, resta analisar em que medida esse conceito pode contribuir para entender que redes são consideradas “úteis” na perspectiva de mulheres migrantes para esse processo de capitalização.

Nesse contexto, diferentes vínculos são considerados úteis a partir de perspectiva subjetiva, que adquire expressão coletiva. É importante considerar que se configura de forma diferente e com adendos de complexidade, para mulheres migrantes, a busca por inserção em grupos, a busca do pertencer enquanto experiência da mobilidade e por lograr êxito na manutenção de condições básicas ou no desejo pela reestruturação das suas vidas em um dado país de destino.

Com base na atuação empírica desta pesquisadora, denota-se que mulheres em situação de mobilidade buscam as redes de assistência com maior frequência com a finalidade

¹⁹Ver OLIVEIRA, M.; KULAITIS, F., 2015; 2017.

de suprir necessidades básicas de sua família, por seus filhos, ainda que não desempenhassem atividades domiciliares ou restritas ao cuidado familiar e/ou do lar anteriormente ao processo migratório.

Enquanto homens reportam objetivos de melhoria através da busca por soluções duradouras, engajando-se em cooperativas e encontrando maior espaço em redes de inserção laboral, bem como buscando oportunidades de atuação política no terceiro setor, mulheres enfrentam níveis ainda mais complexos de precariedade na busca pela inserção no mercado de trabalho, e uma precisa associação, em grande parte imposta estruturalmente, com as cadeias do cuidado.

Em *Mujeres estructuralmente viajeras: estereotipos y estrategias (2000)*, Dolores Juliano aborda a necessidade de “repensar todo o modelo de migração ao considerar a variável de gênero” (p. 381), e não considerá-lo apenas mais um dado isolado. A autora afirma que os serviços assistenciais parecem ser a alternativa mais rápida identificada por mulheres para se inserirem em redes:

mujeres inmigrantes, incluso las que conocen poco el idioma, son usuarias recurrentes de los servicios de salud y servicios asistenciales. Estos datos nos indican que en lugar de estar tan aisladas como se piensa, las mujeres inmigrantes aprenden muy pronto a sacar partido de estos servicios (JULIANO, 2000, p.387).

Essa constatação permite partir do pressuposto de que mulheres migrantes latino-americanas em situação de mobilidade não estão isoladas no sentido da privação da capitalização de suas redes: se encontram, na realidade, em condições que as compelem a buscar estratégias diferentes das empregadas por homens *cis* e/ou heteronormativos, espaço-tempo em que as redes de solidariedade ambientam o sentido da ação.

Nesses contextos, as redes que se estruturam no contexto da migração feminina e no curso de sua busca pela integração se constroem a partir de driblar estruturas sociais que complexificam as situações de vulnerabilidade às quais mulheres se encontram ainda mais expostas que homens.

Driblando o cânone, as redes diversificadas construídas por mulheres detêm potencial de operar por princípios desconhecidos pela experiência masculina. Enquanto a experiência masculina pode se guiar por redes de solidariedade com base em sua

nacionalidade, raça, etnia e idioma, por exemplo, as redes de solidariedade femininas operam em circuito com base nas particularidades de uma experiência atravessada por esses mesmos princípios, somados a um agrupamento de adversidades ainda maior.

Para além do que um conceito estruturado com base na experiência masculina e fortalecido em seu próprio monólogo pode inferir, redes femininas estabelecem espaços onde mulheres expressam agência individual e coletiva. Não é mais exequível qualquer análise que nos situe em outro espaço que não o da ação, pelo saber e pela práxis.



3. Situação social e o processo de inserção como agente da pesquisa

3.1. A reconstrução de perspectivas e os delineamentos do percurso metodológico

Maria Isaura de Queiroz (1999) compreende que, ao pesquisador, é “necessário conhecer sua própria posição diante de conjuntos teóricos” (p. 16), afirmando que o processo de construção da pesquisa depende “da assimilação crítica das teorias” (p.17). Ainda, pontua que

a concentração do interesse do pesquisador em determinados problemas, a perspectiva em que se coloca para formulá-los, a escolha dos instrumentos de coleta e análise do material não são nunca fortuitos; todo estudioso está sempre engajado nas questões que lhe atraíram a atenção, está sempre engajado, de forma profunda e muitas vezes inconsciente, naquilo que executa (QUEIROZ, 1999, p. 13).

Em uma reflexão mutável sobre ser cientista social e trabalhadora atuante com as temáticas de migração e gênero, a narrativa do percurso metodológico oscila para a experiência subjetiva. Refutando princípios desordenados de imparcialidade ao estudar e ao fazer ciências sociais, a motivação dessa pesquisa parte de experiência pessoal com a migração interna, partindo de um lugar de perdas e ganhos em pertencimento, assim como da formulação de moldes às percepções de pesquisa e de prática epistemológica.

No momento da escolha inicial pela cidade de PoA, estava trabalhando na localidade com a rede de assistência a migrantes. O trabalho, que sempre orientou os pontos de destino, também delinearam o percurso da investigação e da escrita, havendo duas mudanças significativas de estado e de região: a primeira para o Centro-Oeste (Brasília/DF) e a segunda e mais recente, para o Norte (Boa Vista/RR).

O processo de construção desta pesquisa é permeado por algo muito diferente do distanciamento, premissa do pensamento positivista. Ele parte da experiência pessoal com a migração interna, entre cidades, estados e regiões diferentes no mesmo país, guiada pelo objetivo de inserção laboral e pela busca incessante por melhoria de qualidade de vida. Esse contexto exigiu o exercício do trabalho em tempo integral para além do contexto acadêmico,

conciliação que, por diversas vezes, se mostrou um desafio para a realização da pesquisa, entre reuniões de trabalho, demandas e tempo e energia mental suficientes para executá-la.

Acrescenta-se, à migração e ao trabalho em tempo integral, a experiência com a cadeia de cuidado intrafamiliar com pessoas que residiam em estados e regiões distintas, sob a qual a pesquisa foi atravessada por duas vezes. Considerando o papel de gênero atribuído socialmente, a responsabilidade pelo cuidado tornou a execução da pesquisa ainda mais desafiadora, por um lado, mas estreitou o vínculo pessoal com o tema, por outro. A distância física intermitente nesse período e os aspectos que delinearam a experiência pessoal impulsionaram reflexões primordiais para a escrita desta dissertação.

Decorrentes da migração, os processos de perda são cumulativos: perda de sotaque, de vínculos, de sentimento de *fazer parte* de ritos e tradições locais. Como os processos de perda, nesse caso, são acompanhados concomitantemente de ganhos - de outros sotaques, de outros vínculos, da inserção em outros ritos e tradições -, a sensação de insuficiência e inadequação a normas se constrói lentamente sobre os espaços já ocupados: é não ser totalmente “de lá”, nem “daqui”, o que caracteriza um sentimento construído com base em uma relação ambígua, no “fato especial da distância e da proximidade” (SIMMEL, 2005, p. 269). O retorno, mesmo dentro do mesmo país, parece insustentável; tampouco as trajetórias de adaptação são de todo prazerosas.

Outro aspecto da motivação que embala esse percurso trata do engajamento político e social. Inconscientemente ou fundamentado no subconsciente, apoio foi buscado onde se permitia ver a si mesma espelhada (em pequenas partes), o que resultou na relação laboral com a temática de gênero e migração. Configurou, na perspectiva pessoal, a iniciativa de unir fragmentos do subjetivo e de dar sentido aos processos que o colocam em movimento.

A memória de pertencer se faz potente para associar a motivação também para voltar a atenção aos Estudos Latino-Americanos e algumas fronteiras perenes, considerando heranças e o direito de construir identidade (CISTERNA, 2004, p. 150). A partir da perspectiva de Queiroz, é possível identificar esse exercício da escolha inconsciente e da gradativa tomada de consciência sobre alguma relação sutil entre uma vivência pessoal fragmentada em outras atravessadas por aspectos de grande amplitude, sendo estes considerados para a construção dessa pesquisa.

Diante disso, a metodologia qualitativa se mostrou a mais adequada para a abordagem, considerando o objetivo de identificar as estratégias de formação e de inserção em redes empregada por mulheres migrantes, pois se pretende reunir informações trabalhando “com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2001, p. 21-22).

A coleta de dados foi dividida em três etapas: a realização de entrevistas em profundidade; (2) a realização de grupo focal; e (3) a análise dos dados recolhidos mediante a técnica de análise temática (categorial) de conteúdo. Para as entrevistas, foram definidas perguntas chave a partir de uma teorização prévia sobre o tema (MARTINS; BÓGUS, 2004), para que as entrevistadas comentassem questões essenciais para compreender o problema da pesquisa. Ao mesmo tempo, isso permitiu analisar a narrativa das entrevistadas com maior profundidade, mantendo a possibilidade de captar informações não abordadas no trabalho teórico preliminar.

Para tanto, o processo de construção das inquietações teóricas e de preparação para o trabalho de campo requer estar consciente, ao entrar em contato com o mundo social,

de que [se] penetra no desconhecido; é necessário que se sinta em presença de fatos, cujas leis são tão insuspeitas quanto o eram as da vida, antes da constituição da biologia; é necessário que esteja preparado para fazer descobertas que hão de surpreendê-lo e desconcertá-lo (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 140).

Inicialmente, foi planejada a condução de entrevistas semiestruturadas: foram elaboradas perguntas abertas em estrutura de uma conversa informal, com a finalidade de manter a atenção, no momento desse trabalho e inserção na situação social, para dirigir perguntas adicionais quando identificada necessidade (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). No entanto, com base na relação construída previamente entre as entrevistadas e a pesquisadora, onde surgiram diversos momentos de diálogos em forma de confiança (MINAYO, 2001, p. 59), os momentos se delinearão como entrevistas em profundidade, que se mostrou técnica mais frutífera diante do contexto e da especificidade das relações estabelecidas previamente.

Nesse sentido, foi importante a reflexão prévia para o caso da identificação de narrativas surpreendentes e/ou desconcertantes ao que foi previamente idealizado na construção desse projeto, em atenção à necessidade de estar preparada, conforme a passagem de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2010), acima.

Na primeira etapa, foi priorizado, quando possível e acordado com a entrevistada, o registro por meio de gravação e simultaneamente no diário de campo. Em apenas uma entrevista não foi possível gravar, tendo o registro sido realizado em notas no diário de campo durante e imediatamente após a entrevista.

A segunda etapa, que compreende a realização do grupo focal, tomou em conta a definição de Morgan (1988), que

define grupo focal como uma técnica de pesquisa que coleta dados através de interações em grupo com base em um tópico determinado pelo (a) pesquisador (a). Essencialmente, é o interesse do pesquisador que orienta o foco, enquanto os dados surgem da interação em grupo. (MORGAN, 1988, p. 8. tradução livre).

Em complemento a esta definição, a segunda etapa possibilitou observar a interação e o compartilhamento de experiências entre algumas mulheres, tanto fomentado pelos tópicos e questionamentos trazidos por mim na condição de mediadora, quanto espontaneamente suscitado por elas, ainda que relacionado aos tópicos indiretamente.

As informações subtraídas das gravações, transcrições e das anotações foram registradas em planilhas com tipologias definidas preliminarmente e adaptadas conforme o curso das entrevistas. As gravações, após transcritas, foram analisadas na finalidade de identificar percepções compartilhadas, em comum, bem como aquelas divergentes. Para essas últimas, foram elaborados eixos temáticos com o objetivo de explicar sua manifestação através do corpo teórico, com base nas categorias e referenciais aqui elencados.

A análise de conteúdo temática proporciona o desenvolvimento de tipologias para apurar aspectos da experiência de mulheres migrantes venezuelanas com a rede de assistência humanitária, a natureza e classificação das redes elencadas nos relatos, bem como as motivações e os objetivos pessoais, consolidando uma abordagem a partir de um método feminista: na formulação da questão, na razão prática feminista e na conscientização (CAMPOS, 2019, p. 7), onde situa a produção e reprodução de perspectivas da dimensão subjetiva através da linguagem.

A aplicação dessa técnica, inicialmente, se deu com o objetivo de empregar uma análise das narrativas de mulheres migrantes venezuelanas que permitisse “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (MELO; GONÇALVES, 2003, p. 4). Com isso, pretendeu-se relacionar a construção teórica com as

informações selecionadas a partir da análise das entrevistas, com a finalidade de sugerir possíveis significados, em forma de subsídio à elaboração de respostas ao problema elencado, com base no enfoque microssocial (DUTRA, 2015, p.184).

3.2. A aproximação de mulheres venezuelanas em Porto Alegre

A experiência como trabalhadora da rede de assistência a migrantes foi e é, ao mesmo tempo, impulsionadora da escolha pelo tema e facilitadora da estratégia de inserção no campo empírico. Foi desenhado um recorte que permitisse identificar diferenças e semelhanças em diferentes faixas etárias, entre mulheres venezuelanas que passaram pelo programa de interiorização da Operação Acolhida no Brasil, a partir de uma rede construída com lideranças e com mulheres migrantes com quem havia maior proximidade.

Para esta pesquisa, as primeiras mulheres contatadas foram aquelas que sobressaem em espaços de minha memória vinculados à minha atuação em um projeto de uma organização internacional em 2020. O engate à memória já perfaz um recorte, pois sabe-se que poderia alcançar a um grupo de mulheres com diferentes perfis: Naquele período, construí vínculos, observei situações de relevância sociológica e elaborei reflexões, cujas anotações mantive em um diário de campo, hábito construído durante a graduação e mantido posteriormente.

Essas anotações guiaram o processo de construção do projeto para a seleção de mestrado (2021), seguiram sendo alimentadas esporadicamente a partir de reflexões e seguem embalando a construção desse estudo até o presente momento. Atualmente, finalizo esta etapa residindo em Boa Vista/RR, onde sigo atuando na rede de assistência a migrantes e abasteco o diário, que agora é digital, com novas reflexões e novos olhares sobre as antigas.

Importante enfatizar que, às participantes, foi solicitado que escolhessem uma flor para representá-las com nomes fictícios no lugar de seus nomes reais, para garantir o anonimato e a privacidade. Essa definição se deu a partir da primeira mulher a quem contatei para convidar à entrevista, que optou pelo uso de um símbolo nacional em sua escolha. À Orquídea Amarela, recorri por ter construído vínculo de parceria naquele e em outros trabalhos em que atuamos juntas na rede porto-alegrense.

A primeira foi também a conversa mais longa, realizada em 20 de novembro de 2022. Da mesma forma que recorria a ela para executar projetos entre 2020 e 2021, recorri para pedir auxílio nas duas etapas empíricas planejadas para a pesquisa: sendo 1) a realização de uma entrevista com ela e o processo de contatar mais mulheres para realizar outras entrevistas e 2) a concretização do grupo focal.

O contato na primeira entrevista se mostrou proveitoso para a identificação da necessária adequação da técnica, considerando que o diálogo se desenvolveu em estrutura de confiança, conforme a passagem de Minayo (2001), citada anteriormente. A partir da primeira conversa, com o auxílio de Orquídea Amarela, foram contatadas outras duas mulheres, com as quais foram realizadas algumas tentativas não bem-sucedidas de agendamento para entrevistá-las.

O contato que não se mostrou bem-sucedido também sinaliza para a adaptação que foi necessariamente realizada do presencial para o virtual. Com os desafios para realização presencial, a proposta de realização virtual possibilitou outros momentos na agenda tanto minha quanto das participantes.

As entrevistas em profundidade foram realizadas por meio de ligação de vídeo com sete mulheres, das quais três também participaram da segunda etapa, a realização de um grupo focal. A estruturação de ambas as etapas se deu através da modalidade virtual, decisão fundamentada em duas manifestações inerentes a esta pesquisa:

- 1) Desafios para a conciliação de disponibilidade de tempo e energia (principalmente mental) das participantes para o deslocamento e participação presencial;
- 2) Limitação de tempo pessoal, na condição de pesquisadora, estudante de mestrado e trabalhadora em tempo integral, tendo como residência a cidade de Brasília/DF e, posteriormente, de Boa Vista/RR.

As condições acima foram elencadas após algumas tentativas de realização de grupos focais de forma presencial em Porto Alegre. A presença na cidade dependia de minha disponibilidade pessoal, que se restringia à conciliação do período de férias do trabalho e do calendário letivo, bem como à disponibilidade e conciliação não somente com as rotinas das participantes, mas com os imprevistos decorrentes da situação social como migrantes

internacionais, mulheres e trabalhadoras, o que acarretou desistências e, por conseguinte, falta de quórum.

Isso significa que, estando atenta à alta frequência de cancelamentos e reagendamentos, optou-se pela realização de ambas as etapas, entrevistas em profundidade e grupo focal, na modalidade virtual. Os relatos de justificativas pelos cancelamentos regularmente se davam em razão da necessidade de cuidado de alguma pessoa do grupo familiar (filhos/as, sobrinhos/as e pessoas idosas), ou em razão de alguma circunstância relativa às jornadas de trabalho, cuja carga física e/ou mental é alta. O trabalho e a função do cuidado são dois elementos determinantes no processo de integração para mulheres migrantes.

Assim, o necessário replanejamento do grupo focal tomou como limite a participação de três mulheres (e não seis, conforme inicialmente planejado para a modalidade presencial), e considerou os instrumentos de acesso à tecnologia disponíveis e o recurso do tempo. As salas para ligação de vídeo permitiam maior fluidez e interação com menos pessoas participando: são 4 participantes que podem aparecer nas telas usando suas câmeras ligadas, de forma que o grupo focal foi realizado com a pesquisadora na posição de mediação e outras três mulheres, as participantes.

O emprego das ferramentas através do uso de tecnologia e da internet foi uma possibilidade calculada no projeto devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, tendo sido aplicado posteriormente pela praticidade frente às adversidades encontradas para a realização da pesquisa de campo, quais sejam as que me acometeram enquanto pesquisadora e as que acometeram as mulheres enquanto sujeitos da pesquisa.

A decisão por Porto Alegre considerou, entre suas justificativas, a proximidade com a rede local de migração e refúgio, o que facilitaria o alcance às participantes. Considerando o dispêndio de energia/tempo com atividades do trabalho e do mestrado, a inserção na rede de migração em Brasília (onde residi por boa parte da elaboração desta pesquisa) exigiria mais recursos para a inserção na rede local de forma similar à que já existia e se mantinha com Porto Alegre.

Assim, optou-se pela manutenção da escolha pela cidade de Porto Alegre, uma vez que a internet possibilitaria o desenvolvimento da coleta de dados à distância com maior flexibilidade de horário, alinhando-se com as necessidades do contexto, e que poderia enriquecer os resultados, considerando que as participantes poderiam se mostrar (e se

mostraram) “mais à vontade em participar de um estudo pela conveniência de estar em sua própria casa” (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020, p. 962).



4. Grado 33: máscaras e confidências

A partir do momento em que se iniciaram as tentativas de contato, foi possível confirmar alguns aspectos que caracterizam o campo empírico a partir da vivência de cada uma dessas mulheres. São marcadores, aspectos que caracterizam com tamanho impacto, que narram, por si só, dados qualitativos importantes para a pesquisa.

Início este capítulo com a referida reflexão, pois essas percepções se construíram partir de um processo de aprendizado. As situações defrontadas requereram a capacidade de trabalhar, com sensibilidade, as frustrações pessoais com o curso do desenvolvimento da pesquisa. Alguns marcadores, apesar de imaginados na etapa de planejamento, como as rotinas de trabalho, o exercício do trabalho nas cadeias de cuidado e a restrição de acesso à internet, se mostraram desafios persistentes e condicionadores da execução desse estudo.

São mulheres venezuelanas que vivem a experiência da migração internacional e, acima de tudo, são trabalhadoras, com os atributos sociais que todas essas categorias implicam. Representativo da realidade da migração feminina latino-americana, as participantes trabalham de forma similar ao que se visualiza na migração sul-norte, porém, migraram no espaço sul-sul.

O Quadro 2, abaixo, sumariza características observadas e registradas como informações chave para a análise proposta.

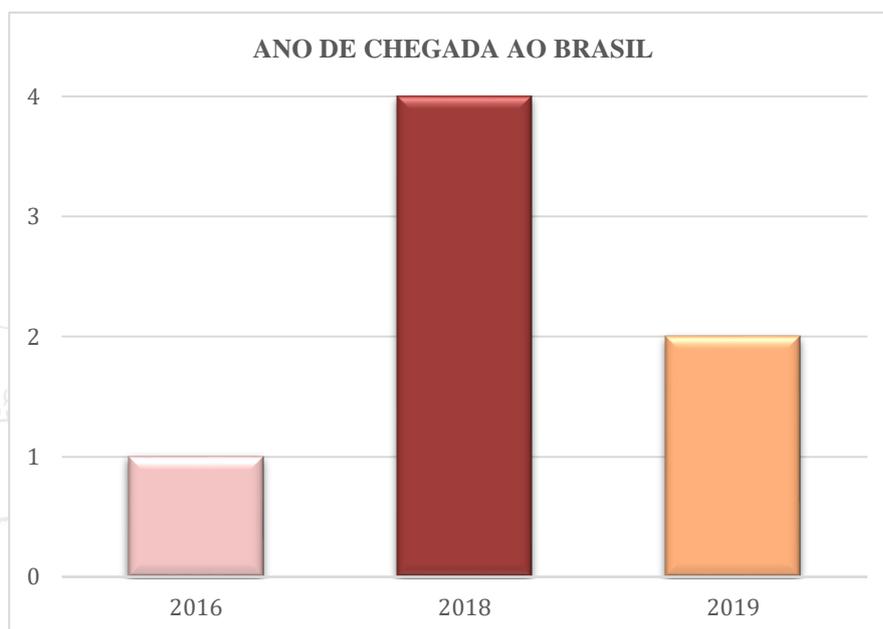
Quadro 2 – Perfil das mulheres entrevistadas							
<i>Informações gerais</i> √	Girassol	Lírio	Margarida	Orquídea Amarela	Orquídea Rosa	Rosa	Hibisco
Idade	26	37	42	41	62	26	60
Ano de chegada ao Brasil	2019	2016	2018	2018	2018	2019	2018
Estado Civil	Casada	Casada	Casada	Casada	Solteira	Divorciada	Casada
Grupo familiar no Brasil	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Grupo familiar na Venezuela	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Escolaridade	Ensino	Ensino	Ensino	Ensino	Ensino	Ensino	Ensino

	Superior	Superior	Superior Incompleto	Superior	Superior	Superior	Superior
Vínculo com as cadeias de cuidado	Filho (a)	Filhos (as)	Filhos (as)	Filhos (as)	Sobrinho (a) e outra mulher idosa	Filho (a)	Não
Interiorização	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração própria para essa pesquisa.

Entre as entrevistadas, prevalece em mais da metade 2018 como o ano de chegada, conforme distribuição no gráfico 1, abaixo. Todas as mulheres convidadas às entrevistas e grupo focal chegaram a Porto Alegre através do programa de interiorização.

Gráfico 1 – Ano de chegada ao Brasil



Fonte: elaboração própria para essa pesquisa.

Este capítulo aborda o resultado das entrevistas em profundidade, conversas que se embalsamaram ora ao tom de confiança, ora pela evitação, pela demonstração das máscaras criadas como barreiras protetivas. As dores e os espaços onde residem as forças para a ação individual e coletiva foram escutadas, observadas e reescritas a partir de 5 temáticas principais, a partir da abordagem de gênero interseccional:

1. O pertencimento, a produção do estigma e a estruturação da autoestima sobre a experiência individual e coletiva da migração;
2. O trabalho e a sua precarização como condicionantes do contexto das novas redes;
3. As redes possíveis de serem construídas e de fazer parte a partir da migração;
4. O espaço do engajamento à religiosidade e suas inflexões nas práticas e nos discursos;
5. O cuidado e sua expressão na migração sul-sul.

4.1. Pertencimentos, estigmas e senso crítico

O estigma, definido como um rótulo social negativo (GOFFMAN, 1988) com base em características pessoais e/ou sociais que levam à interpretação de que as pessoas que as carregam seriam desviantes do “normal”, acompanha o projeto migratório associado às pessoas venezuelanas, nesse caso, também mulheres. A partir de algumas falas identificadas nas entrevistas e no grupo focal, presume-se que há fortes indícios de internalização de um estigma associado, principalmente, à origem nacional.

Esse processo de internalização traz duas reflexões: a da relevância sobre a reprodução de discriminações e a da origem dessa legitimação, que se relaciona com a deterioração da autoestima coletiva. Ao mesmo tempo em que a reprodução do discurso que reforça preconceitos suscita o olhar sociológico em si mesma, ela encontra respaldo em um lugar extremamente doloroso e que se legitima na necessidade de se sentir pertencente (ou menos “diferente”) à sociedade de destino.

Assim, a deterioração da autoestima é alimentada pelo estigma e este foi identificado como reproduzido pelas mulheres venezuelanas com a finalidade de identificar-se menos com “eles” e mais com o “nós”, conforme elencado por Goffman:

“O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que “nós” temos; isso é um fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma “pessoa normal”, um ser humano como qualquer outro, uma

criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima (GOFFMAN, 2004, p. 9).

Isso infere no paradoxo da alteridade, onde a internalização do estigma estimula a interpretação sobre características atribuídas a pessoas venezuelanas como aspectos negativos, reduzindo o apreço pela autoestima individual e coletiva, e reproduzindo seus efeitos sobre os pertencimentos, que, por conseguinte, se reconfiguram e inferem sobre o preterido processo de integração e mesmo sobre a possibilidade de retorno.

A reprodução de estigmas dentro do próprio aspecto de gênero, no contexto migratório, toma a proporção de juízo de valor, em que há uma escala de mulher produtiva vs. mulher não produtiva:

*Yo soy una mujer de que a mí no me gusta estar pidiéndole así como que el dinero... no, a um hombre? No, no, nada de eso. A mí me gusta trabajar y ser una mujer independiente yo misma, tener mis cosas, nada mejor que yoganarme mi dinero, ganar por ti y sentir que eres una **mujer que produce...** sabes? Productiva (Lírio, grifo meu).*

A fala implica o desejo pela independência econômica, e a compreensão de que ser independente, ganhar dinheiro, trabalhar fora é o que a faria ser “uma mulher que produz”, “produtiva”. Assim como nas outras entrevistas, não há menção ao trabalho doméstico e do cuidado a familiares como trabalho – não se reconhece como trabalho, é tido como obrigação/mínimo na condição de mulher.

Uma fala similar é trazida por Rosa, que indica que há diferenças entre mulheres que trabalham e mulheres que “são donas de casa”:

Hay algunas que basta que... bueno, vas a perceber si eran y todavía siguen como “donas de casa” o si trabajan (Rosa)

As categorias estigmatizantes trouxeram abertura ao debate sobre discriminações. Ainda que tenha abordado o tratamento desumanizado que recebeu em diferentes espaços de trabalho, a fala abaixo, de Margarida, atesta a dificuldade em reconhecer situações de discriminação e de assumir verbalmente:

*Toda persona, hombre o mujer, tiene derecho a trabajar independientemente de cualquier sector. Aquí yo vi que sí, hay oportunidad y no, no hubo discriminación alguna. **De verdad***

no puedo decir que me trataron mal ni nada, ninguna parte de esos servicios que he hecho, temporal o fijo, que me hayan tratado mal, física o verbalmente, no puedo decir nada (Margarida, grifo meu).

A fala de Girassol também implica a negação da discriminação, porém, usa do relato de uma amiga para entrar no assunto, na ocasião do grupo focal:

*(...) y me dijo que su chefa disse unas cosas, creo que fue racista, así... **no me pasó nada como eso**, pero ya vi cuando trabajaba en este supermercado y escuché otras cosas de mis amigos (Girassol, grifo meu)*

Na mesma linha, Orquídea Rosa apresenta sua dificuldade de reconhecer-se e de pertencer à categoria “migrante”:

*No estoy aqui por necesidad, es por mi sobrino que estoy aqui, tratamientos son aqui, todo aquí. La verdad es que no puedo trabajar en mi país. Hay migrantes que sí, sufren para llegar hasta aqui. Con respecto a mi caso, no fue por un caso de situación económica como realmente se passa con muchas personas venezolanas. Ahora trabajo en Carrefour, pago el alquiller y tengo dinero para pagar por electricidad, por servicio, sabes? **Es diferente, mi caso.** (Orquídea Rosa, grifo meu).*

Na ocasião do grupo focal, apenas Rosa abordou, com relutância, e após algumas rodadas de temas, uma experiência com o racismo e xenofobia no ambiente de trabalho:

*Fue en uno de mis trabajos como ayudante de cocina, en una de esas grandes cadenas de fastfood. La gerente me trató mal, me insulto por cosas horribles, fue racista. Bueno, no sé si fue racismo o xenofobia. **Me sentí mal, humillada, pero sólo logré irme cuando conseguí outro trabajo, necesitaba del ingreso** (Rosa, grifo meu).*

A leitura mais contundente desse cenário seria a de que a interação através das redes construídas propiciaria o reconhecimento sobre a discriminação e sobre os processos estigmatizantes que tocam a realidade de cada uma dessas mulheres. No entanto, a recusa pelo

reconhecimento se apresenta como uma das partes mais dolorosas do processo de integração, e se trata também de um processo mais complexo, por violência direta e por reproduções de discursos, onde a estigmatização se mostra de múltiplas formas e direcionamentos, partindo de nacionais para com migrantes, migrantes-nacionais e migrantes-migrantes.

Nesse sentido, surgem as narrativas que se referem à sociedade de destino. Os brasileiros seriam mais “contidos” na percepção dessas mulheres, mais conservadores e mais sexistas, “retrógrados”. No entanto, essas percepções se misturam com narrativas que oscilam para noções atreladas ao teor de juízo de valor sobre atitudes de nacionais brasileiros, onde as entrevistadas visualizam “libertinagem”, e que aqui os jovens se “despreendem com facilidade” das famílias.

*Es cosa de que nosotros, lo hemos entendido a transcurrir del tiempo. Hago para que le caigo bien a esa persona, pero no es su cultura. Son así, son muy tranquilos, son muy callados, son muy cerrados y ellos viven en su mundo. Cada persona aquí, **brasileños viven en su mundo**, en su trabajo o en sus cosas y bueno, ahí uno se va, como que adaptando a eso, no?*
(Margarida).

A oscilação das narrativas traz conteúdos baseados em categorias nativas negativas, reproduzidas e direcionadas a migrantes. No trecho abaixo, de Lírio, associa-se as categorias “bulla” e “bochinche” a um padrão de comportamento que, por ela, é visto como “algo latino-americano”:

Entonces, nosotros, la cultura latina, tu sabes que donde quiera el latino llega con la bulla. Una bulla es un bochinche como le decimos nosotros, un bochinche total a toda hora
(Lírio).

Pode-se interpretar que parte de sua percepção se associa com a mencionada por Margarida, de que nacionais brasileiros seriam “mais contidos”, em contraposição à cultura latina. Nesse caso, não se visualiza o Brasil nem como parte da América Latina, nem daquilo que seria lido como “sua cultura”, ao mesmo tempo em que se atribuem características sutilmente elencadas com teor negativo sobre si mesmas, com base na origem nacional. O

quadro 3, abaixo, reúne algumas categorias nativas de autopercepção depreciativa que surgiram nas conversas:

Quadro 3 - Categorias nativas de autopercepção depreciativa	
<i>Terminologia</i>	<i>Explicação formulada a partir do emprego narrativo das participantes</i>
Bochinche	Grande festa
Bulla	Barulho
La cultura latina	Agitada, tumultuosa, calorosa
Mujer no productiva	Mulheres que não trabalham com funções externas ao cuidado no âmbito familiar e do próprio lar

Fonte: Elaboração própria para essa pesquisa.

As percepções negativas também perpassam o universo de significados atribuídos à culturalidade, às crenças, a códigos sociais e de vestimenta. O trecho abaixo, do grupo focal, abre caminho para esmiuçar algumas reflexões a partir desse ponto inicial:

G: *Veo muchas cosas como de... cómo se dice? Hay mucha “libertinagem” aquí.*

R: *Verdad. Hay cosas que no se ve tanto allá en Venezuela.*

A: *Cuando hablan de esa “libertinagem”, hay algo que se acuerden como un ejemplo?*

G: *Dónde vivimos se ve muchas niñas llevando ropas cortas, faldas cortas. Y son niñas... [pausa] así que, bueno, supongo que a sus madres les dá igual (Girassol e Rosa, Grupo Focal).*

As participantes do grupo focal incumbem às mães o papel de observar (ou deixar de fazê-lo, em suas impressões) a adequação da vestimenta de meninas. Essas constatações permitem sustentar algumas reflexões sobre um posicionamento moral compartilhado. As falas referentes à vestimenta curta em meninas brasileiras, observada por Girassol e Rosa (ambas com 26 anos), pode ser relacionada alguns pensamentos, dentre os quais: 1) sobre o que é produto da periferia: aspectos, expressões e experiências vistas como imorais, marginais ou libidinosas; 2) sobre a responsabilidade materna de orientar e observar a forma de vestir de meninas; e 3) acerca da adesão a discursos que passem o sentimento de pertencimento, a partir de um pensamento compartilhado com a comunidade local.

A Quadro 4, abaixo, traz informações referentes às regiões e bairros de residência das participantes/entrevistadas. Todas residem em bairros periféricos de Porto Alegre e Região Metropolitana.

Quadro 4 – Relação de participantes por região e bairro de Porto Alegre e Região Metropolitana		
<i>Região</i>	<i>Bairro</i>	<i>Quantidade de participantes</i>
Zona Norte	Sarandi; Comunidade Asa Branca; Rubem Berta	4
Região Metropolitana	Novo Hamburgo; São Leopoldo, Sapucaia do Sul	3

Fonte: Elaboração própria para essa pesquisa.

Esses valores são compartilhados não somente no Brasil, com base na ideologia da classe média latino-americana (JAGUARIBE, 2017, p. 35). Isso desponta uma discussão retomada frequentemente nas ciências sociais em relação à criminalização da pobreza, ao mesmo passo em que esta é demonizada e tudo relacionado a ela é percebido como indecente, generalizado com percepções e terminologias de cunho policiaisco (TAVARES, 2010, p. 316). Girassol e Rosa carregam, com base em suas vivências no país de origem, a trajetória distanciada do cotidiano periférico e, com base no projeto migratório, o percurso para pertencer.

Apesar de jovens, no país de origem ambas residiam em bairros centrais, cursaram ensino superior e conduziram um estilo de vida totalmente diferente do que vivenciam atualmente, residindo na periferia de Porto Alegre. O estranhamento surge frente a uma forma de vestir, porém, pode-se inferir que seus discursos expressam, mesmo que implicitamente, esses valores de moralismo (OLIVEN, 1992, p. 56) através da reprodução de um discurso que emprega uma terminologia comumente utilizada no Brasil.

A adesão ao emprego do discurso e do termo em si, comumente utilizado no Brasil, podem refletir o esforço para a adequação, suscitado a partir do sentimento de inferioridade, da falta de estima social que surge pela origem nacional, que então leva a ocupar lugares e trabalhos que carregam a percepção de falta de honra/prestígio social (WEBER, 1969, p. 65). O marcador social, apontado na experiência de mulheres peruanas por Dutra (2013, p. 236), se mostra relevante para as condições de inserção laboral das venezuelanas. No entanto, a origem nacional acaba por transparecer como um dos primeiros marcadores de sua condição social ou de uma situação de vulnerabilidade atual.

As questões estruturais que atravessam as experiências dessas mulheres destinam os exercícios laborais aos setores precarizados e invisibilizados, em especial o marcador de origem nacional. Acompanhando os aspectos estruturais, o marcador de origem nacional é associado necessariamente às condições socioeconômicas no país de origem. Assim, esses marcadores se condensam e são utilizados para direcionar essas mulheres aos espaços de trabalho que “estiverem disponíveis”.

A autoestima e o valor social de mulheres migrantes venezuelanas são abordados e trabalhados, na construção de programas de assistência à integração, com o viés da emancipação econômica, da autonomia financeira. Conforme os achados do capítulo 2.1, é possível inferir que os aspectos que delineiam o reforço da autoestima identitária são limitados de acordo com seu poder sobre o espectro da obediência (MOORE JR, 1987). Enquanto não interferirem no processo de legitimação da precarização da força de trabalho migrante, são permitidos e reforçados, contanto que instiguem a submissão frente ao contexto socioeconômico ao qual estão condicionadas.

Assim, a autoestima seria trabalhada o suficiente para gerar engajamento a um contexto de aceitação e de falsa sensação de controle sobre o mérito, não para gerar revolta. O discurso das participantes em relação à autoestima positiva surge quando mencionado o desejo de trabalhar, de “seguir em frente”, as “capacidades de superação”, de “se moldar/renovar” e a “força de mulheres venezuelanas”, como se fosse possível e só dependesse do desejo e do mérito a reestruturação de suas vidas como um dia foram.

Apenas uma das participantes trouxe, em suas falas, a relação da autoestima e do reconhecimento identitário à revolta, à sensação de injustiça e ao desejo de mudança,

advindos com a sua vivência do projeto migratório e as suas ações desempenhadas como agente em redes relevantes na comunidade de destino:

*La experiencia de migrar sendo una mujer, aunque tenga mi esposo a mi lado, cambió mi visión. Soy espontánea, sabes? Creo que no se puede tapar el sol con un dedo. Siempre pienso, me pregunto: “cómo puedo ayudar?”. Cómo puedo hacer un brasileño comprender que la migración forzada no es un problema, que los venezolanos no están invadiendo? Que tienen que tener sensibilidad? Hay cosas que las personas no están preparadas para oír, les gustavivir con un tabu, como si nada estuviera se pasando, como si todo estuviera bien, pero es mentira, y nadie va a callar a mi boca. **Hice un monólogo conmigo misma: “Mira, eres mujer, madre, negra. No sé si soy indígena, pero si soy, mira! Qué bueno!” Y si alguien me discrimina por eso es problema suyo, no mío, ella es que está en retroceso** (Orquídea Amarela, grifo meu).*

O trecho acima foi retirado de parte da conversa que adentrou a experiência de migrar sendo mulher, de Orquídea Amarela em seu cotidiano, em uma situação vivida em seu espaço de trabalho. Na ocasião, ela presenciou um caso de discriminação contra uma colega da mesma origem nacional que a sua, com a qual também compartilha a vivência de ser mulher negra. Ao buscar, obter negativa de apoio e de ser ameaçada internamente na empresa em que trabalha, orientou a colega a prosseguir com o encaminhamento pela rede.

O teor do restante da conversa sobre este tópico e demais detalhes serão mantidos em sigilo, para mitigar quaisquer danos à proteção e segurança da entrevistada. Limite-se a registrar que o sentimento trazido em suas palavras é de que, quanto mais se fala, mais se é perseguida. Após relatar que agiu no âmbito micropolítico ao seu alcance para apoiá-la, compartilhou a reflexão acima, trazendo indicativos sobre o trabalho realizado consigo mesma, em seu monólogo, sobre a autoestima, que então leva ao questionamento e à revolta frente aos estigmas. A revolta, em sua fala, é transformada em ações.

Seu relato permite exemplificar um gesto e um discurso de resistência que está no âmbito da infrapolítica (DORNELAS, 2021, p. 7). Nesse caso, é possível presumir que o engajamento micropolítico local na comunidade de destino impulsionou a consolidação de uma percepção crítica, sobre a valorização da autoestima e da identidade, que se contrapõe e desobedece ao persistente emprego de uma gama de características individuais e coletivas como estigma na sociedade receptora.

Em meio às conversas sobre o estigma, compartilhamos a frustração sobre nossos sotaques, que diverge mesmo dentro de um mesmo país, e sobre o incômodo que o questionamento referente a ele causa internamente, a partir de uma contestação simbólica trazida na fala e na linguagem corporal de quem formula e realiza perguntas em formatos invasivos e/ou estigmatizadores acerca de um sotaque ou outro. Orquídea Amarela viveu essa experiência em seu país de origem e no Brasil, com os trânsitos inter-regionais.

No que tange ao pertencimento e os estigmas, as demais entrevistas seguiram rumos diferentes. Na fala de Hibisco, apresentou-se o reconhecimento sobre o estigma, em um posicionamento de normalização no esquema de máscara de proteção, mas sem expressar aderência destrutiva à autoestima:

A mi no me importa esas personas hablando de esas cosas como de venezolanos quitando sus empleos. Mi experiencia con la migración fue increíble, no puedo decir nada así. Pienso sobre encaminar mi solicitud de ciudadanía brasileña y quedarme en Brasil (Hibisco).

O direito de construir, expressar e viver identidades, é algo que se organiza para além do espaço interno. Nas palavras de Natalia Cisterna (2004), a identidade “não se efetiva apenas a partir do eu autodefinido, mas também na inclusão do olhar do “outro” (p. 141). Partindo disso, o quadro 5, abaixo, esboça a relação de reações apresentadas a partir da abordagem e do desenvolvimento da temática sobre a discriminação, durante as entrevistas e o grupo focal.

Quadro 5 – Reações a partir da temática da discriminação		
<i>Forma de posicionamento</i>	<i>Descrição formulada para cada posicionamento</i>	<i>Quant.</i>
Posicionamento Explícito	Alto senso de percepção de injustiça consigo e com pares; Discurso de revolta; Apropriação do estigma para reversão dos danos à autoestima.	1
Posicionamento comedido	Percepção modesta da injustiça, principalmente com pares; Discurso da superação;	2
Posicionamento de fuga	Negativa de percepção sobre injustiça consigo; Discurso de reconhecimento sobre acontecimentos similares com pares;	4

Fonte: elaboração própria para essa pesquisa.

Além do estigma, um dos tópicos mais sensíveis e que gerou mais incômodo ao ser abordado se refere às motivações contextuais macropolíticas para migrar. A pergunta fora estruturada de forma a permitir que a reflexão fosse trazida de forma espontânea ao ouvi-la e, em 6 das 7 entrevistas, se mostrou sob a máscara da evitação ou mesmo ausente.

Em uma única entrevista a participante adentrou o tema diretamente, justamente uma das mulheres que atuava como liderança comunitária e apresentou posicionamento explícito e senso crítico em relação a diversas temáticas. No caso dessa, seu discurso exime qualquer influência política internacional das causas da migração forçada venezuelana, associando-as a uma questão estritamente doméstica:

Mi marido siempre me estimulaba, porque dentro del sistema social venezolano nosotros no estábamos. Voy a hablar de eso porque es importante para mí. Nuestro error fue pensar que podríamos superar allá en Venezuela con nuestros propios recursos, pero no somos ricos, y el social no estaría por nosotros. Lo que se pasa en PoA es que muchas personas tienen como un chip en la cabeza que les dice “nos quedamos tres meses y después vámonos de aquí”. Intentábamos hacer charlas para explicar, para conscientizar de que no es así, de que la estabilidad económica de nuestro país no regresaría así. Ahí se viene la ideología... de creer que “es culpa del imperio, de los EEUU”... eso es mentira. Es culpa de nosotros, de nuestra falta de expertise, de la ilusión de seguir viviendo en un país donde ya no se produce nada, ni turismo, ni petróleo, ni siquiera para mantener la estructura burocrática del Gobierno (Orquídea Amarela, grifo meu).

Ao mesmo tempo em que se identificou uma fuga e evitação no tratamento de questões políticas que notoriamente tocam ao espaço público, nota-se que o pertencimento se dá, em grande parte, na auto utilidade sentida no espaço privado. O contexto de falta de oportunidades laborais desejadas, que restringe os espaços do pertencimento, são substituídos pelas ações e pelos espaços em que se visualizam como “úteis”, “necessárias”, majoritariamente no âmbito familiar e do lar, indo de encontro à feminização da sobrevivência²⁰ (SASSEN, 2003, p. 79).

²⁰ Ver Sassen (2003, pp. 77-80): “as mulheres são cada vez mais o veículo pelo qual todas essas formas de sobrevivência operam, de lucro e aumento da receita do governo. A isto podemos acrescentar o rendimento adicional dos governos através das poupanças geradas nas graves cortes nos cuidados de saúde e na educação.

A partir das observações empíricas realizadas no período de trabalho na rede de PoA e dos dados de atendimento acessados, tomou-se como premissa, confirmada a partir das entrevistas e do grupo focal, que essas mulheres se dedicam e encontram validação na instrumentalização da rede de assistência local com base no propósito de sanar necessidades básicas do grupo familiar. A média percentual de atendimentos realizados diretamente no espaço da Cruz Vermelha Brasileira - Filial Rio Grande do Sul²¹ concentra 64% em demandas realizadas por mulheres. A feminização dos atendimentos pode ser visualizada na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS ATENDIMENTOS POR IDENTIDADE DE GÊNERO		
<i>Categoria</i>	<i>Atendimentos</i>	<i>Percentual</i>
Feminino	116	64%
Masculino	64	36%
Total	180	100%

Fonte: Cruz Vermelha Brasileira – Filial Rio Grande do Sul – dados de atendimento a migrantes e refugiados na sede em PoA – 2021.

O dado referente à identidade de gênero, nesse contexto, se faz relevante à medida que as principais frentes de apoio da instituição se referem ao suprimento para necessidades básicas, de itens essenciais de alimentação e higiene. As mulheres buscam esse espaço no intuito de suprir as necessidades básicas não somente suas, mas de todo um grupo familiar, que se estende a filhos, companheiros (as), pais e sogros, por exemplo. A Tabela X, a seguir, reúne informações de demandas e apoio em ações externas, que compreendem um total de 180 famílias, cerca de 700 pessoas:

**Tabela 2 – CRUZAMENTO DE ATENDIMENTOS
EXTERNOS X IDENTIDADE DE GÊNERO**

São As reduções são muitas vezes parte do esforço para tornar o Estado mais competitivo como exige o Programas de Ajustamento Estrutural e outras políticas relacionadas com a atual fase da globalização. É reconhecido em geral, que estes tipos de cortes afetam as mulheres de uma forma particularmente dura, na medida em que são principais responsáveis pela saúde e educação de os membros da unidade familiar.”

²¹ Agradeço à CVBRS, em especial à Diretoria, pela disponibilidade em providenciar as informações e garantir que as percepções empíricas e registros aqui relatados enquanto Coordenadora de Migração, há alguns anos, tomassem forma em números.

Categoria	Quantitativo	Percentual entre atendimentos	Cruzamento (I.G.F. e DM)²²
Alimentação e saúde	287	41%	71%
Documentação	154	22%	51%
Inserção laboral	147	21%	39%
Outras categorias	112	16%	61%
Total	700	100%	N.A.

Fonte: Cruz Vermelha Brasileira – Filial Rio Grande do Sul – Relatório Departamento de Migração – 2021.

O cruzamento entre o percentual distribuído por identidade de gênero feminina e a categoria da assistência requerida concentram a esmagadora maioria da demanda por itens essenciais de alimentação e demandas relativas à saúde nos atendimentos a mulheres (71%). Enquanto isso, a valorização e a autoestima profissionais tomam posição de prioridade secundária, sendo que apenas 39% dos atendimentos referentes à inserção laboral são realizados enquanto demanda do público feminino.

Assim, para mulheres que migram, evidencia-se um espaço que, ao mesmo tempo, restringe ao cuidado familiar e limita as alternativas laborais aos trabalhos que, retomando a perspectiva de Sayad (1998, p. 55), são trabalhos que requerem mulheres imigrantes, para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para mulheres imigrantes.

Essa peculiaridade na migração feminina afasta, ainda mais, o objetivo idealizado de reestruturação e de integração local, fomentando os consecutivos sentimentos de perdas, não só sentidos pela desestruturação de redes, vínculos e das próprias condições de vida antes da migração forçada, senão também pela perda de uma carreira. Esse aspecto guia à temática abordada no capítulo seguinte, sobre o processo do luto e da necessidade de desenvolver estratégias pela capitalização social a partir do exercício laboral que se mostra ao alcance.

²² I.G.F: Identidade de gênero feminina; D.M: tipo de demanda.

4.2. Luto e capitalização social: entre a nostalgia e a ação

A expressão do sentimento de perda, de luto, é associada à transição forçada entre a formação e ocupação exercidas previamente à migração internacional e aquelas desempenhadas posteriormente, em Porto Alegre. Tal sentimento foi observado de forma unânime, em todas as entrevistas e no grupo focal.

O emprego da categoria “perda” surge e se fez frequente quando indagado sobre as relações laborais prévias à migração, principalmente como “perda da minha carreira” ou “perda da minha profissão”, perde-se muito. O luto, representado na perda, alia-se com a demora vivenciada, com unanimidade entre as participantes, para lograr a inserção laboral, até mesmo informal. O quadro 6, abaixo, contém a relação de formação, de ocupação prévia à migração e da ocupação atual dessas mulheres.

Quadro 6 – Ocupação prévia à migração e ocupação atual							
	Girassol	Lírio	Margarida	Orquídea Amarela	Orquídea Rosa	Rosa	Hibisco
Formação	Pedagogia	Administração e Comunicação Social	Segurança Industrial	Contabilidade	Direito	Enfermagem	Artes Plásticas
Ocupação prévia	Assistente administrativa no âmbito da administração federal	Gerente de Recursos Humanos	Assistente Administrativa e Financeira	Administradora Contábil	Advogada	Enfermeira	Professora
Ocupação atual	Atendente de caixa	Produtora de Conteúdo Digital	Auxiliar de serviços gerais	Auxiliar de produção	Operadora de caixa e cuidadora	Auxiliar de cozinha	Cuidadora de crianças

Fonte: Elaboração própria para essa pesquisa.

No presente, todas as participantes se encontram em vínculos laborais com jornadas exaustivas, sejam formais ou informais. Algumas trabalham 6 dias por semana no setor de

serviços e setor metalúrgico, como operadoras de caixa, auxiliares de serviços gerais e de produção, e as folgas são realizadas com escala mensal, tudo intercalado com o exercício do cuidado.

Algumas realizam outras atividades para garantir o complemento de renda, principalmente com serviços de limpeza pontuais, as diárias. Em 6 das 7 entrevistas e com as três participantes do grupo focal o tema do cuidado surgiu como um aspecto presente, mas não com indícios de inconformismo ou revolta. Pelo contrário, o cuidado é abordado como algo natural da condição de mulher, dentro e fora do grupo familiar.

Uma das entrevistas suscitou uma reflexão que posteriormente redesignou o curso da análise das outras transcrições: narrativa de Lírio, que hoje atua em uma área aproximada de sua formação, ainda que não o seja de sua ocupação prévia. Apesar do sentimento de perda, do luto, surge com maior força que nas outras entrevistas o discurso da superação, o que abre espaço para concluir que “sofrer seria perda de tempo”, uma crença que opera como um mecanismo de defesa.

Dessa forma, não haveria espaço ou permissão para processar o sofrimento que se relaciona com algo no país de origem, há que se trabalhar e superar, como se o sofrimento tivesse de ser encerrado ao cruzar a fronteira:

*Pero el destino y la situación económica de nuestro país no nos permite seguir y continuar. Ah ya, pero igual estamos con vida y no podemos estar llorando todo el tiempo porque no estoy en mi país, porque todavía no estoy ya, me entiende? Entonces **hay que superarlo** (Lírio, grifo meu)*

No entanto, assim como as outras, essa narrativa oscila e traz as dores do processo de inserção laboral na condição de mulher migrante, já vivido por 6 anos pela entrevistada:

[...] estuve haciendo crochet porque me impidió mucho hablarle a el idioma. Yo no conocía nada del português, y se me hizo difícil un poquito em hablar em portugués y expresarme com los brasileños para yo poder conseguir trabajo (Lírio).

O trecho acima foi retirado de parte da entrevista, decorrente de algumas perguntas realizadas ao final sobre como havia sido o princípio da inserção laboral, após constatar algumas fugas de tema quando tentava perguntar sobre os desafios iniciais. Essa fuga, em si, simboliza um dado empírico: falar repetidamente da importância de superar e se adaptar às adversidades para “merecer” a reestruturação de partes da vida prévia à migração (que resta

na memória) constitui uma estratégia de barreira protetiva. Hoje, com domínio fluente do português e contente com alguns aspectos de seu processo de integração, falar sobre a dificuldade vivida com o aprendizado do idioma retoma um período doloroso em sua memória, de privação da inserção laboral.

Da mesma forma que Lírio, Orquídea Rosa retorna ao tema contrapondo uma fala anterior, de que a questão da migração “não era o seu caso”. Nessa, a conversa se dava sobre o cuidado que exerce acompanhando uma amiga mais idosa. Ao destacar as diferenças da casa de sua amiga para a sua, compartilha que

*Tengo un cuarto en nuestra casa también, pero es diferente.
Ser migrante... es muy fuerte, Ana (Orquídea Rosa, grifo meu)*

Além disso, pode-se compreender que, a partir desse mecanismo de defesa, também se torna menos doloroso presenciar as vulnerabilidades que acometem a pessoas de mesma origem nacional, enquadramento racial e de gênero que o seu. Com isso, as explicações para a existência desses percalços estariam mais distantes, centradas no individual, no querer e em ter capacidade para superar, não no fato de uma experiência pessoal ser vista como exceção em meio a muitas trajetórias menos bem sucedidas e que também são atravessadas pelos estigmas.

Ao lado do luto das perdas consecutivas, o sentimento de frustração surge com muita força na narrativa de Orquídea Rosa:

Me siento tan frustrada, Ana. Después de graduarme en Derecho, después de haber construido mi propia empresa. Tenía mi casa. Gracias a Dios estoy viva... pero estoy “de caixa”, sabes? Hasta fui demitida en la pandemia porque soy idosa (Orquídea Rosa).

O relato de Hibisco também traz uma potente fala sobre a sua relação com a formação e sua profissão anterior, como professora de artes plásticas, que associa com algumas partes de sua ocupação presente. Nossa conversa durou duas horas e, desse tempo, metade se desenhou através da sua fala sobre a paixão pela arte, pelos movimentos, pelo seu estudo teórico, pela história da arte e sobre as sensações que atuar na educação nessa área despertavam. Hoje, atuando como cuidadora de crianças na Região Metropolitana de PoA, a professora venezuelana encontra espaço para processar o luto através do trabalho com as crianças que cuida, cujas trajetórias educativas ela acompanha:

*Sentía que conducir las clases mantenía mi cabeza creativa, renovando a todo momento. Tuve muchas oportunidades de intercambiar con la niñez y aprender la libre expresión artística que tienen. Para mí, el arte es vida, y **las descubiertas con los niños que cuido también me encantan porque me traen una buena memoria. Pero se ve que el Rio Grande del Sur es un espacio “del agro”, como se dice por ahí... no hay mucho espacio para el arte** (Hibisco, grifo meu)*

O olhar de Hibisco também permite entender como ela interpreta a localidade em que reside, em um estado “do agro”, que deixaria um espaço limitado à arte, uma interpretação que atrela (inclusive no tom de sua voz) a percepção sobre a comunidade local ao conservadorismo.

A fala de Girassol sobre a ocupação que tinha na Venezuela traz o pesar pelo exercício laboral que hoje consome boa parte de seu dia. No entanto, é no fato de ter tido a oportunidade de viver uma rotina que a permitia passar mais tempo com seu filho, algo que já não faz parte de sua realidade, onde reside a maior ênfase do luto em sua narrativa:

*Logré estabilizarme ahí con él, con el colegio, me llevaba muy bien. Yo salía al mediodía a buscar a mi hijo al colegio y luego cuando mi madre no lo cuidaba, que estaba trabajando, lo llevaba conmigo a recogerlo. Él se quedaba en mi sala conmigo, yo le daba un juguetito y él se sentaba en la sala, porque las cosas que él hacía y yo trabajaba, gracias a Dios siempre estaba muy tranquilo. Nunca me di una pequeña molestia. **Es una muy buena rutina, ¿verdad? Pude pasar más tiempo con él. Ahora no hay eso, ya no puedo** (Girassol, grifo meu)*

Esse aspecto relativo ao papel socialmente designado, aceito (contrariadamente ou não) e executado pelas mulheres em relação ao cuidado toma proporções ainda mais palpáveis na comunidade de destino. A intersecção desse nicho temático com o trabalho é analisada no capítulo 4.5, a partir da compreensão de uma reprodução do padrão das cadeias de cuidado visualizado da migração feminina sul-norte na realidade da sul-sul.

A experiência com a migração também traz, de volta, alguns medos com base na condição de gênero que poderiam estar amortecidos previamente à migração – no caso, à exposição a vulnerabilidades que a migração forçada impõe a mulheres. Para as participantes, a os medos de violações são muito presentes:

No sé, siento como si me hubiera mudado a un país que se remonta a cien años atrás. En Venezuela trabajé en un sector em el cuál los hombres constituían algo como 90% de la

clientela, así que no tenía la costumbre de agachar la cabeza. Aquí es diferente. Tuve que aprender muchas cosas en Brasil. Todavía tengo miedo de que me violen, de que me amenacen pero no quiero, no voy a cambiar. Intento ser más prudente, más reservada, pero de esa manera te sujetas a lo que un hombre quiere, a lo que una sociedad machista quiere. Tengo una lucha conmigo misma: entre lo que soy y lo que es mejor para mi familia (Orquídea Amarela).

A divergência nos medos (que se confirmam) pré vs. pós migração, no discurso, é primariamente associado à posição de trabalho. A migração forçada condiciona a exposição a inúmeras vulnerabilidades, e é no vínculo de trabalho que as mulheres retomam um dos primeiros e mais palpáveis sentimentos em relação a elas, ainda mais em situações em que se posicionam. No entanto, a percepção sobre o fato de a representação da clientela naquele setor ser esmagadoramente masculina passa como algo que não seria uma questão de gênero, ou seria como uma realidade mais tolerável.

Nesse trecho, também se reforça o sentimento de necessidade de priorização do que seria melhor para a família, como algo que controla as reações ou suprime a percepção de injustiça dessas mulheres, frente a um papel de responsabilidade sobre o bem-estar do grupo familiar, destinado a elas.

4.3. O espaço das novas redes na construção da solidariedade

Me siento bien, útil... para mí. La protagonista soy yo, pero fuera de aquí no soy nadie.

(Orquídea Amarela)

A construção de novas redes no projeto migratório deve ser analisada, necessariamente, como condicionada pelo contexto em si. O universo de motivações, significados e da ação coletiva se constitui com base na experiência migratória com as suas especificidades de origem nacional, aspectos impulsionadores de vulnerabilidades, e no recorte causal das condições impostas, que cria as necessidades e condições de estabelecimento, inserção e gestão dessas redes.

A trama que engloba o espaço do trabalho e das relações laborais se faz central, tanto no objetivo de reestruturação das condições de vida, quanto no desenvolvimento das redes para tal. Isso evidencia a conversão do papel que as redes ocupavam antes da vivência da

migração internacional e que passam a ocupar com ela: antes, as redes poderiam ser formadas com base em objetivos de vida secundários; com a migração, o olhar se volta aos objetivos primários de sobrevivência, a começar pelo trabalho.

Nesse âmbito, os grupos formados por meio de redes sociais adquirem relevância, sendo o método mais empregado para vinculação em rede, por ser acessível a grande parte dessas mulheres, mais um aspecto que advém do contexto da globalização. São grupos criados entre pessoas venezuelanas, entre mulheres venezuelanas, entre lideranças e representantes institucionais de organizações que atuam localmente com a temática, entre outros. Todas as entrevistadas estão inseridas em grupos do tipo, especialmente grupos gerais comunitários, como Venezuelanos – PoA ou Venezuelanos – RS²³ e grupos de mulheres, também regional e localmente estabelecidos.

Os trechos abaixo, de Lírio e Margarida, permitem dimensionar a amplitude de alcance que a interação através desses grupos pode gerar:

Mis comadres, amigas, con ellas hasta tengo un grupo de madres en WhatsApp, hasta un grupo de zumba (Lírio).

*Bueno, entonces me empecé a integrarme en grupos de WhatsApp, grupos de Facebook de inmigrantes venezolanos en Brasil y empezaron a hacer la divulgación, a divulgar **vagas para inmigrantes**. Por allí fue que conseguí mi primer empleo (Margarida, grifo meu).*

Essas redes podem ser entre amigas ou entre pessoas que não se conhecem/não possuem vínculo estreito, que compartilham desde informações do cotidiano com base em um critério em comum, como a origem nacional, a identidade de gênero (no caso de Lírio, a maternidade), atividades de lazer coletivas e sobre vagas de trabalho. Nesse contexto, é possível afirmar que as interações e encontros nesses espaços tendem a reforçar os vínculos de solidariedade (SÁNCHEZ, 2010, p. 39).

A partir da fala de Margarida, também é possível associar a categoria “vagas para imigrantes” com a conceituação de “imigrante” de Sayad (1998), a autoestima de Moore Jr. (1987) e o estigma de Goffman (2004). A categoria “trabalho/vaga para imigrantes” se fez presente com o mesmo significado na ocasião do grupo focal:

Nos conocimos [Girassol, Rosa e Margarida] en Roraima, en Boa Vista. Tenía 3 semanas allá y me añadieron a un grupo

²³ Nomes fictícios elaborados a fim de exemplificação.

dónde se enviaban vacantes para inmigrantes, cupos para cursos de Portugués y otros cursos para empezar a trabajar. Hice el de Portugués y entonces un de camarera (Girassol, grifo meu).

O emprego de “vagas para imigrantes”, denota a incorporação do processo de deterioração da autoestima inclusive na pauta que gera a conexão. Há um processo de reconhecimento e aceitação (imposta e, por isso, inevitável) sobre as vagas e os empregos que seriam “para imigrantes”, a partir da deterioração da autoestima.

No grupo focal, uma das discussões mais presentes foi acerca do tópico da rede de assistência à migração em PoA. O principal aspecto sobre elas é que, por meio das organizações, as participantes se uniram a outras pessoas, em especial mulheres, que passam e passaram contextos semelhantes, e aprendem o domínio de códigos sociais e funcionamentos da própria rede e da indústria migratória. Formam-se grupos pequenos, dos quais alguns se tornam redes e geram espaços para a troca de informações, dicas, acesso a donativos, recomendações de vagas de emprego, para a realização de diárias e outros “bicos”, de possíveis pessoas para confiar o cuidado dos filhos, entre outros intercâmbios que facilitem o cotidiano.

A partir desses grupos, também se inicia a circulação de informações procedimentais referentes à regularização documental, o cadastramento na rede SUS e SUAS, o funcionamento do atendimento e referenciamento à rede no local, bem como vias para o aperfeiçoamento dos conhecimentos sobre o idioma e sobre aspectos culturais do lugar. O capital de mobilidade (DE OLIVEIRA; KULAITIS, 2014), conforme tratado no capítulo 2.1, toma delineamentos distintos na experiência de mulheres migrantes e em sua busca por integração. A seguir, serão tratadas as especificidades identificadas na experiência das entrevistadas.

O domínio sobre aspectos-chave de instrumentos normativos se mostra uma das principais ferramentas a partir do conceito de capital de mobilidade, apesar de não ser o único aspecto visto como importante. O conhecimento sobre procedimentos burocráticos e outros necessários à tramitação relativa à documentação é valorizado, e atribui características de distinção frente aos olhos das comunidades de migrantes, o que se direciona com frequência à

definição de alguém como liderança comunitária ou ao menos como uma referência aos olhos da comunidade.

O espaço da rede representa uma via de acesso para a reestruturação, para a garantia de renda mais ou menos constante, e para encontrar os espaços de pertencimento:

Les decía: “no tengo mi estructura, por eso estoy aquí y ya, La tengo que buscar, tengo que buscar por mi estructura, para hacer mi dinero”. Desde muy joven trabajé para pagar por mis estudios, entonces no estaba acostumbrada (Orquídea Amarela).

Nesse contexto, o capital de mobilidade possibilita ampliar também o acesso à informação sobre direitos e sobre os encaminhamentos adequados, tornando possível acionar apoio também para garantir o acesso à rede de proteção. Como relata Girassol em um caso de exploração o laboral, ela pôde acionar a rede por já ter aprendido sobre disposições da legislação trabalhista no Brasil:

*¿Lo sabes, eh? **Puedes ayudar a otras personas cuando ya sabes como hacerlo. Como ya lo sé, puedo decir a alguien:** “Mire, no, ella no puede” Como mi suegra ahora, está teniendo un problema con su trabajo y entonces le dije, no, **ya no puede trabajar más de 8 horas, el máximo es de 10 horas y hay un descanso de 1 hora y media, 1 hora y 15 minutos. No puedes trabajar 12 horas al día. Hubo un problema en su trabajo, trabajaba demasiado, hacía 3 trabajos en el mismo día, cuidaba ancianos y hacía servicios generales y como auxiliar de cocina. Fui con una amiga de [instituição religiosa da rede] y ahora tiene un abogado ahí** (Girassol, grifos meus).*

Em cada localidade do Brasil de vários Brasis, o funcionamento em rede opera de forma diferente, apesar da padronização mínima com base na legislação nacional. Conhecer o funcionamento dos serviços, na prática, na região, cidade e comunidade local, possibilitam acessar e repassar informações sobre os caminhos para o conhecimento, acesso e garantia a direitos a outras pessoas. No entanto, conforme pertinentemente lembrado por Orquídea Amarela:

*Mira el trabajo que se hice con la red de PoA, como se ha estructurado. Hemos tenido errores y acertos, pero es así, “todo por todo”. Hay articulación con universidades, programación todo el sábado, muchas equipos. Y nada es de la noche para el día, es fruto de todas las ideas, y del comprometimento. **Cuando llegamos, nadie conocía a nadie, fue muy difícil al principio** (Orquídea Amarela, grifo meu).*

A fala traz, consigo, o significado simbólico do conhecimento, do domínio de expressões culturais e do idioma local. A partir do acúmulo desses conhecimentos, através de tentativas, erros e acertos na busca pelo acesso aos serviços, de identificar caminhos que facilitem o processo da integração, é que se estabelece e se retroalimenta o capital de mobilidade.

O que Orquídea Amarela sinaliza, no trecho acima, é o potencial de ação coletiva entre pessoas que migram, que se constrói a partir da circulação de informação, da formação de redes de solidariedade com o uso desses conhecimentos. Para que se conheçam e compartilhem, para que as pessoas que cheguem posteriormente não necessitem refazer a trajetória de tentativas, erros e acertos nos esforços já empreendidos por outras pessoas que migraram àquela localidade antes.

No contexto de PoA, se desenvolveu uma iniciativa institucional no âmbito popular, fundamentada em um direito específico e nas possibilidades locais de garantia a ele. Se trata de uma organização local, cuja criação se deu no contexto da migração venezuelana, mas sua composição também conta com membros de outras nacionalidades da América Latina. A organização surgiu com o objetivo de apoiar na demanda por moradia e, posteriormente, apoiou na assistência às necessidades alimentares e com a captação e gestão de doações.

A organização operou com o *advocacy* por algumas temáticas da migração, ou seja, constituiu-se como um espaço na esfera pública, do qual as mulheres entrevistadas não fizeram parte ou fizeram por pouco tempo. Isso se deve, conforme afirmado por elas, a duas razões principais: a) detinham o entendimento de que aquele não era um espaço aberto a elas, por ser na esfera pública; e/ou b) possuíam um alto nível de desconfiança institucional com relação à organização.

A existência do espaço de articulação é desconhecida por algumas das mulheres e, por outras, visto como um ambiente restritivo à sua participação. Quando realizada a pergunta referente à organização, duas participantes, Hibisco e Margarida, informaram desconhecer a iniciativa. Hibisco relacionou uma das possíveis explicações para seu desconhecimento acerca da organização, situando a distância de sua residência e, por conseguinte, de sua rede, da localidade do espaço:

En Porto Alegre? No he oído hablar, pero vivo lejos, eh? Todo es allá. Voy al centro a ver algunas exposiciones de arte

gratuitas, que me gustan mucho, en PoA hay muchas, pero no conocía [essa organização]. Me gustaría tomar parte (Hibisco).

Ainda que não haja aproximação com as iniciativas comunitárias de associativismo, e mesmo que haja a privação do acesso aos espaços públicos, essas mulheres trazem o conhecimento – a partir dos filtros possíveis – dos códigos sociais no país e na comunidade de destino. Aspectos como a compreensão de que os brasileiros seriam “mais contidos”, da vestimenta que uma parcela relevante da comunidade local julgaria mais ou menos adequada, de comportamentos aceitos, entre outros que, na lógica abordada pelas entrevistadas, abririam caminhos para imaginar que a integração estaria mais próxima.

A percepção de que existe um esquema de fidelidade compreende um dos códigos de rede percebidos por Orquídea Amarela. Esse aspecto não surgiu em outras entrevistas ou no grupo focal, no entanto, entende-se que a leitura e interpretação desses códigos da rede de assistência também constrói o capital de mobilidade em maior ou menor grau para todas. Há limitações de competências e atribuições, no tratamento diplomático interinstitucional e interpessoal, na confidencialidade, e sobre as informações que podem ser compartilhadas, de acordo com a ética de cada ator da rede. Apesar da existência dos códigos informais, Orquídea Amarela ressalta que “elas [as mulheres venezuelanas] sabem deles, e que “sempre viu o comprometimento” de cada ator.

As mulheres encontram espaço para engajamento em iniciativas mais informais. Os grupos de mulheres nas redes sociais possibilitam a interação comunitária e com a rede em um contexto em que as vulnerabilidades e as crenças anteriores entram em embate. Na experiência de Margarida, há um sentimento de mudança frente ao papel que ela ocupava e que passou a ocupar com toda a vivência do projeto migratório:

*[Seu companheiro] se dio cuenta que soy una **mujer guerrera**, pero cuenta que tengo 2 buenas manos, 2 buenas piernas para echarle ganas a la vida y más que tengo 2 retoños que ven por nosotros. No tenemos que ver con ellas para que ellas puedan por nosotros cuando estemos ancianos. Y te diste cuenta que puedo valerme por mí misma sin necesidad de tener a un hombre al lado para cubrir mis gastos? El es que está en la casa haciendo las cuestiones de la casa. **Yo soy la que estoy buscando el dinero para sobrevivir** (Margarida, grifos meus)*

A retórica da “mulher guerreira” traz um embate mascarado, que é vivenciado constantemente. A necessidade de que “dar conta” de diversos afazeres simultaneamente, de ser guerreira, mascara a romantização da vulnerabilidade, que pode entrar em conflito com o fortalecimento da consciência da agência, do poder de tomada de decisão no espectro coletivo, quando centraliza a superação como relacionada à meritocracia individual.

*Soy fuerte, una mujer guerrera, sí. Y les digo eso, que son **guerreras también**, que tienen capacidad de lograr todo lo que quieran. Uno no puede ayudar con lo que no tiene. Si tengo como ayudar, que sea con un empuje, es lo que tengo y puedo dar. Entonces lo hago, y por veces es solo lo que uno necesita (Orquídea Amarela).*

Assim, o espaço das novas redes também se diferencia na experiência de homens e mulheres. Sustenta-se que mulheres, em grande parte, primeiro necessitam acessar e aprender o funcionamento e os trâmites da rede de assistência para necessidades primárias – e auxiliar a outras mulheres com isso -, ao passo que homens podem se dedicar à busca por trabalho e, concomitantemente, à ocupação de espaços de decisão com maior afinco. Mesmo em um contexto de complexas vulnerabilidades, enquanto homens desenvolvem a vida pública, às mulheres se delega, em primeiro lugar, a vida privada, o cuidado. E confirma-se que essa é a busca primária e que é expressamente atrelada às figuras femininas:

*Me siento útil porque hay días en que tener comida en la mesa es lo que es necesario y puedo ayudar a **ellas** [mulheres migrantes] con eso, y solo a **partir de la comida en la mesa es que ellas pueden pensar en hacer otras cosas por su estabilidad**. Por ese medio hice muchas amigas y amigos, mira, muchos... mejor que mi familia. Así es que empecé a irme a buscar por mi estabilidad (Orquídea Amarela, grifo meu)*

Mesmo na experiência de mulheres que tomam o papel de maiores provedoras monetárias de um lar, há um processo de tomada de consciência de agência, do poder de tomada de decisão. Esse processo se estimula quando em rede, quando em espaços de troca e de articulação que se apropriam dos estigmas e os ressignificam à postura de valorização da autoestima. Com esse entendimento, a percepção sobre si e de suas identidades como dignas de cidadania, mesmo que através do embate simbólico de “mulheres guerreiras”, inicia um processo tímido de rompimento com a categorização delas como desviantes sociais (GOFFMAN, 2007, p.122).

Pode-se tomar em conta que a categoria “guerreiras” também representa parte de um estereótipo. Na condição estigmatizada, que se mostra divergente àquelas que não assumem esse

papel social de “guerreiras” - o lugar de serem provedoras do núcleo familiar -, e sim de “donas de casa”.

Cuando solo [seu companheiro] trabajaba, siempre me cuestionaran, llegava a sus casas para preguntarles de qué necesitaban y me miraban como que cuestionando porque yo “no trabajaba”, me preguntaban “como lograba eso?” Y yo tenía que hacer como un embudo, para comprender lo que me querían decir, lo que necesitaban, interpretando lo que dician (Orquídea Amarela).

A partir dos relatos, percebe-se que um dos maiores incentivos à essa postura coletiva, com base na transformação do quadro interpretativo (TARROW, 2009, p. 155) sobre “donas de casa” vs. “guerreiras”, se dá a partir da vinculação com outros grupos de mulheres e na participação em oficinas, cursos e palestras, entre outras atividades coletivas, onde surge e se fortalece o senso de “mulheres migrantes”, sejam as que trabalham fora do âmbito familiar ou as que trabalham com ele, mesmo de forma não remunerada.

Justamente, são espaços que propiciam a troca sobre as violências vividas, as questões estigmatizantes de gênero e, nesse curso, apresentam-se as possibilidades de apoio entre mulheres, para que não se compartilhe a percepção de mulheres produtivas (trabalham de forma remunerada) vs. as que “não são produtivas” (que não trabalham de forma remunerada).

É importante frisar que, na retórica empregada da “mulher guerreira”, evidencia-se a reprodução da lógica produtivista elaborada no âmbito do sistema capitalista, esse mesmo estando como força motriz dessa forma de migração, orientada à inserção laboral em nichos e ocupações precarizadas. O fortalecimento do posicionamento ou senso crítico em relação ao lugar que se ocupa como força de trabalho não é uma tarefa de fácil construção, sendo mais viável e, dentro das ferramentas possíveis e às quais se tem acesso, empregar a lógica capitalista de “ser guerreira”, no intuito de sugerir que se pode dar conta de tudo, sem necessariamente conseguir cumprir esse objetivo.

As atividades de interação local, sendo organizadas localmente por diversos atores da rede, por lideranças comunitárias e outros atores vistos com confiança por essas mulheres, proporcionam o estabelecimento de novos vínculos e o reforço de alguns mais antigos em

rede, através do sentimento de solidariedade compartilhado em relação, especialmente, à origem nacional e ao projeto migratório. No entanto, não se mostram suficientes para sobrepor às consequências da migração nesse contexto de globalização, senão operam para fortalecer a estratégia da superação como um meio à integração e para se ajustar às adversidades.

4.4. A categoria da religiosidade: solidariedade e valores compartilhados

A presença da religiosidade como motivador de engajamento se mostra nas falas de todas as participantes, cada uma à sua maneira e de acordo com as religiões e respectivas crenças desse campo. Neste capítulo, disserta-se sobre alguns sentimentos que estimulam a vinculação e o reforço das redes religiosas: para além do pertencimento identitário, a gratidão e a impotência.

Orquídea Rosa ingressou na rede motivada, inicialmente, por sua formação em Direito e por seus valores religiosos, identificando-se com uma instituição filantrópica alinhada à sua vertente religiosa. Narra que realizava atividades similares na cidade em que residia em seu país de origem, com comunidades tradicionais. No entanto, previamente não as realizava através de uma instituição religiosa.

No caso de Orquídea Amarela, foi após o contato com representantes de “missões religiosas” que ela e seu marido iniciaram a atuação como lideranças:

*Fue tan pronto como llegamos [em PoA], en la casa de un amigo argentino que conocimos a un misionario que hacía acciones recaudando donaciones y distribuyendo en la comunidad, y uno de esos **nuestros hermanos** nos invitó a conocer a mejor a la comunidad. Mi marido siempre estuvo muy inquieto, y entonces íbamos más allá para conocer, llevar ropas y percibimos que uno se ganava muchas cosas y mucho se perdía. Empezamos a conocer la realidad y analizar quienes serían los que estarían necesitando más. Ahí bueno, vino la pandemia, conocí a ustedes... y **me enamoré por esse trabajo** (Orquídea Amarela).*

O uso da terminologia “irmãos”, uma forma de tratamento comumente utilizada para se referir a pessoas que fazem parte do mesmo grupo religioso, nesse caso, foi empregada para se referir a pessoas com quem a entrevistada e seu esposo construíram o vínculo inicial em PoA. Esse vínculo se delineou com base nas experiências com o projeto migratório e com

as experiências e percepções prévias, como os próprios valores religiosos que se mantiveram desde antes. Na comunidade de destino, eles sobressaem como ferramentas para a integração e o pertencimento e, na fala da entrevistada, levaram à descoberta da paixão pela atuação comunitária.

As experiências de Girassol e Rosa também trazem a religiosidade como uma categoria importante na escolha de ingressar em grupos de assistência. No momento em que foi perguntado sobre as práticas religiosas, Girassol trouxe a aderência ao sincretismo da religião católica com figuras locais. Apesar de não se considerar praticante, compartilhou, em sua entrevista em vídeo, a imagem de José Gregorio Hernández Cisneros, a quem tem grande devoção, em uma folha A4 colada na parede da sala de casa ao lado da imagem católica de Jesus Cristo.

A confiança de Girassol trouxe, em um momento emotivo, o compartilhamento de uma situação vivida na interação com lideranças de uma organização vinculada a outra vertente religiosa, já em PoA:

Tan pronto llegamos y empezé un curso de repostería con ellos, aprendí muchas cosas, hacer mis recetas y organizar a mi propio negocio. De hecho no tardé en salir. No me entienda mal, Ana, pero... no sé. Intentaron convertirnos, los de [instituição religiosa] (Girassol).

Assim, os espaços de atuação religiosa trazem tanto a possibilidade de estruturar novos vínculos, quanto a possibilidade de vivenciar formas de violência. Na ocasião, a entrevistada relata que não se opôs aos comentários por receio de perder o curso e as atividades que a instituição estaria promovendo.

Margarida relaciona, diretamente, o primeiro contato com o acolhimento no Brasil com uma instituição religiosa que a ofereceu abrigo nos primeiros dias em que ela e sua família chegaram ao território brasileiro. Essa abertura se deu a partir da identificação do compartilhamento das crenças, e no fato de Margarida estar grávida e viajando, à época, acompanhada de seu companheiro e de suas duas filhas:

¿Ah, soy católica, pero... de verdad, no voy a la Iglesia, no? Pero mira, eh, rezo todos los días. Cuando llegamos a Boa Vista, un hermano nos recibió en esa... es una parroquia... aquella oportunidad, pues estamos tan agradecidos, que aún todavía tenemos contacto con él, rezo por ello y su esposa todos los días (Margarida)

A presença e atuação das instituições religiosas no corredor migratório traz, mesmo para as mulheres que não incluíam atividades religiosas em suas rotinas previamente à experiência migratória, a crescente projeção da religiosidade sobre as redes. São experiências tanto de reforço do vínculo com uma vertente prévia, quanto de mudança de vertentes. A experiência coletiva das entrevistadas converge fortemente no contato com o acolhimento por instituições religiosas, principalmente nos primeiros meses em que se encontraram em outro país, de modo que a religião se fortalece como um “lugar-comum” (CARRIJO, 2022, p.12).

Quadro 7 – Engajamento em redes por laços religiosos em PoA							
	Girassol	Lírio	Margarida	Orquídea Amarela	Orquídea Rosa	Rosa	Hibisco
No Brasil	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Mudou a vertente	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
Aderiu a novos hábitos religiosos	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaboração própria para essa pesquisa.

Conforme ilustrado no quadro 7, acima, a dedicação a novos hábitos, atividades vinculadas aos espaços religiosos e o reforço da condição de praticante se mostra muito presente nas experiências:

Y bueno, la virgencita, no.. señora aparecida, también la tenemos en nuestra casa, que ya nos hemos convertido ya en sus devotos, porque desde que yo llegué aquí me encomendé mucho a la virgencita, no, señora aparecida, para que nos cuidara para que nos diera un hogar estable y lo tenemos. Entonces ella también está en nuestro hogar. Hace poco fuimos em la que era la última novena de las familias de la iglesia donde tenemos un grupo y fue un compartir muy bello, muy lindo, y el padre nos bendijo a todas las familias y bueno, fue una cosa muy emotiva, muy bonita (Lírio, grifos meus)

Da mesma forma, fazer parte de um grupo religioso e compartilhar de momentos, interpretações e sentimentos em comum, assim como em outros grupos, estimula um espaço de apoio mútuo. Esse espaço de reunião, conforme a descrição de Lírio, que envolve o compartilhamento de um momento “belo” e “emotivo”, reúne “mecanismos emocionais de compensação ao desenraizamento familiar e afetivo, contribuindo para uma reconstrução das estruturas familiares e de espaços relacionais” (VILAÇA, 2008, p. 15)

As palavras de gratidão tomam forma, geralmente, após as afirmações sobre uma vivência traumática, seguidas de um “mas... graças a Deus”, que se complementa a partir da percepção de que a situação vivida poderia estar pior. A constatação de que algo poderia estar em piores condições encontra respaldo no conhecimento sobre situações de conacionais, de outras mulheres que, comparativamente analisadas em seus espaços subjetivos, são assimiladas como mais críticas, difíceis.

O sentimento da impotência frente à situação alheia, (que poderia ser a sua) somado com a reprodução do discurso da superação e do merecimento, enriquece o solo da rede religiosa para o plantio de discursos neoliberais. Nesses espaços, a gratidão por sua “sorte” se mistura com o sentimento de impotência frente à “falta de sorte” ou de “vontade de superação” de outras pessoas.

A partir disso, pode-se relacionar o conforto propiciado no espaço de uma rede religiosa e o compartilhamento desses sentimentos como um combustível para o endosso ao discurso de aceitação e perpetuação da vulnerabilidade coletiva, mas que afeta mais aos outros que a si.

O pertencimento se alimenta a partir dessa troca com pessoas e grupos que compartilham percepções e crenças. A adesão a alguns discursos se fortalece no desejo de integrar, de encontrar um espaço de expressão de uma religiosidade conhecida, ou uma religiosidade para se enquadrar no destino, ainda que o processo desta última possa tomar um curso violento no sentido simbólico.

A construção do senso de solidariedade como algo para que se sinta bem, útil, surge nesse âmbito como uma forte ferramenta para reduzir a sensação de impotência e aliviar possíveis culpas por viver em situações “menos vulneráveis” que seus pares de origem nacional. As redes de solidariedades religiosas permitem pertencer, agradecer e lamentar em coletivo.

4.5. As redes de cuidado como base e fomento da interação

*Es un acompañamiento, pero hago
mucho más que cuidar.*

(Orquídea Rosa)

O papel de gênero atribuído ao feminino condiciona, a mulheres, as funções de exercer o cuidado. Seja de filhos (as), sobrinhos (as), pais idosos e outras pessoas que compõem grupos familiares, seja o seu ou não, assim como o próprio cuidado de um lar e as respectivas tarefas domésticas fundamentais para tanto. O cenário se torna mais desafiador quando relacionado a familiares vivendo com doenças crônicas e/ou pessoas com deficiência.

No Brasil, o cuidado possui gênero, cor, classe e local de origem. A babá, a empregada doméstica e a diarista se caracterizam socialmente pela condição de mulher, majoritariamente negra e residente da periferia, geralmente vinculadas ao exercício laboral dessa função de maneira informal. Além disso, um dos eixos mais significativos do cuidado marca o que se apresenta como padrão de grupo familiar no país: o de mães solo, responsáveis pelo cuidado de seus grupos familiares. Por vezes, as protagonistas do cuidado no âmbito privado familiar também estão vinculadas ao setor laboral do cuidado, este externo.

A "transferência de cuidados com base em eixos de poder, destacando-se o gênero, a etnia, a classe social e o lugar de procedência" (GIMENO; RODRÍGUEZ; FERRER, 2018) caracteriza, também, fortemente as experiências narradas pelas mulheres venezuelanas. Em especial no que concerne ao gênero e ao lugar de procedência, considerando que a maior parte delas exerce o cuidado intrafamiliar e a outra parte extrafamiliar, na condição de mulheres e de sua origem nacional.

O fluxo da correlação com as cadeias de cuidado vai de encontro à constatação da exclusão de mulheres do âmbito público, fundamentada esta em suas responsabilidades reprodutivas e no trabalho do cuidado exercido no âmbito privado da família (THORNE; YALOM, 1982). Esse aspecto se mostra evidente na narrativa das 7 mulheres que foram entrevistadas e participaram do grupo focal: são relações de cuidado com pessoas idosas, filhos, irmãos e sobrinhos, que ocupam um universo nas vidas e nos dizeres de cada uma delas.

Em "*Love and gold*", escrito por Arlie Russell Hochschild (2002), enfatiza-se que grande parte das mulheres que migram possuem filhos (as), que deixam no país de origem, ao mesmo passo que são condicionadas a cuidar dos filhos de outros grupos familiares no país de destino. O cenário tratado exemplifica esse movimento através da migração sul-norte, porém, as experiências permitem associar à mesma lógica a esse fluxo migratório sul-sul.

Embora o contexto global tratado por Hochschild não se aplique em totalidade ao contexto vivenciado pelas mulheres venezuelanas que participaram desta pesquisa, pois aqui se aborda a migração intrarregional (sul-americana, neste caso) e grande parte migrou acompanhada de seus filhos (as) e de seus companheiros homens, muitas exercem ou exerceram o cuidado como trabalho informal remunerado no local de destino, para além do exercício não remunerado dele no âmbito familiar.

A tendência de assumir papéis de cuidado externos ao grupo familiar com o processo migratório predomina entre as participantes de 60 e 62 anos, o que pode indicar dois aspectos centrais, conforme suscitado por ambas na ocasião das entrevistas em profundidade: o de migrar “sozinha” e do estado civil de solteiras, e o aspecto etário. Quando a definição “sozinha” foi abordada, ela foi empregada para descrever o estado civil e o sentimento de solidão advindo dele, atrelado a outros aspectos que delineiam a experiência de muitas mulheres dessa faixa etária, e não a ausência de outros vínculos no projeto migratório.

Quanto às experiências de mulheres que migram acompanhadas (ou acompanhando) seus parceiros homens, mesmo aquelas que já possuem a ocupação do cuidado com filhos (as) acabam por operar a função de cuidadoras em outros lares, em especial na condição de diaristas e babás. Nesse ponto emerge a relevância do papel das redes de cuidado como base e fomento de interação e de rede entre mulheres que compartilham da vivência migratória similar, da nacionalidade e/ou de lugar de procedência em comum, compartilhando informações e criando laços entre aquelas que se veem prestando esses serviços.

Em relação ao critério etário. As duas mulheres idosas entrevistadas, Orquídea Rosa (62 anos) e Hibisco (60), exercem o cuidado de forma remunerada: Hibisco se dedica exclusivamente à ocupação como cuidadora de crianças, e Orquídea Rosa divide a rotina entre o trabalho como caixa de uma rede de lojas de departamento e o cuidado de outra mulher idosa, brasileira.

Entre as demais mulheres entrevistadas, o exercício do cuidado intrafamiliar (não remunerado) se faz presente concomitantemente ao exercício de outras atividades remuneradas: mesmo migrando na companhia de seus parceiros, nesse recorte todos homens, é unânime as duplas e triplas jornadas de trabalho. Essa constatação alinha-se à percepção de que

a quantidade de trabalho de cuidados que cada pessoa assume ou delega/transfere está influenciada pela sua posição interseccional, a qual abarca marcadores identitários, tais como: gênero, idade, sexualidade, situação socioeconômica, pertencimento étnico-racial, lugar de procedência, status migratório, crença religiosa, nível de escolaridade, capacidades físicas, entre outras (MORENO; DUTRA, 2022, p. 209).

Ainda, entre as motivações de Orquídea Rosa para migrar ao Brasil, está a necessidade de que seu sobrinho fosse cuidado. Sua irmã, o cunhado e o sobrinho chegaram ao Brasil para que obtivessem atendimento médico adequado e solicitaram seu apoio. Apesar de aceitar e entender as necessidades que a fizeram migrar no momento e o contexto socioeconômico geral no país de origem, a entrevistada relata que pensa todos os dias em um possível retorno à Venezuela.

Essas redes de cuidado se fazem presentes tanto no país de origem quanto de destino. Na segunda situação, observou-se que a busca por pessoas a quem sintam que podem confiar já opera como fomento à interação, que, em grande parte dos casos, sobressai com base na identificação pela origem nacional. Mulheres venezuelanas criam laços com outras mulheres venezuelanas e com mulheres brasileiras, apesar de, no segundo caso, requerer um período maior e recomendação de outros vínculos próximos para que se construa um novo laço de confiança. Nesse processo de criação de laços é que se

Mantêm dinâmicas de produção e reprodução social, nas quais participam pais, mães, famílias extensas ou mesmo redes de bairro (CORDERO, 2016, p. 49, tradução minha).

Orquídea Rosa trabalha realizando o acompanhamento, como ela nomeia, de uma amiga que conheceu através de uma vizinha, por meio da rede de seu bairro.

Una vecina me habló de ella, que estaba buscando a alguien que pasara la noche con ella porque no le gustaba quedarse sola en su casa por la noche. Eso hace dos años, y estoy aquí, somos amigas, hasta tomamos el café juntas. En su casa tengo un cuarto con cama (Orquídea Rosa).

Tanto Hibisco quanto Orquídea Rosa apresentam o universo da companhia dentro do espaço do cuidado que exercem de forma remunerada, ambas possuem parte considerável da família com que tinham e mantém vínculos fortes ainda residindo na Venezuela. Para a primeira, a interação com crianças e o processo de aprendizado a remete à sua formação e antiga ocupação, pela qual nutre uma memória delicada, cujas nuances de prazer revive como

babá. Para a segunda, a companhia de outra idosa ameniza a carência de vínculos importantes, em especial o de seu companheiro, cuja ausência suplanta com uma amiga, que a paga pela companhia e o cuidado doméstico.

Quadro 8 – Disposições nas cadeias de cuidado

<i>Entrevistada</i>	<i>Intrafamiliar</i>	<i>Externo</i>
Girassol	Sim / não remunerado	Não
Hibisco	Sim / não remunerado	Sim / remunerado
Lírio	Sim / não remunerado	Não
Margarida	Sim / não remunerado	Não
Orquídea Amarela	Sim / não remunerado	Não
Orquídea Rosa	Sim / não remunerado	Sim / remunerado
Rosa	Sim / não remunerado	Não

Fonte: elaboração própria para essa pesquisa.

O trecho abaixo, retirado de um dos diálogos do grupo focal, evidencia esse traço de desconfiança no nível interpessoal:

*Es muy difícil encontrar a alguien que cuide a los niños, **no confío en nadie aquí**. Gracias a dios mi suegra vino, si no fuera por ella no sé qué sería de nosotros, imagínate, si yo no pudiera trabajar. No hay manera solo con el sueldo que tenía mi marido (Girassol, grifo meu)*

Na fala de Girassol, se mostra tanto a desconfiança interpessoal quanto o reforço do papel de outra mulher de seu grupo familiar no desempenho do cuidado dos filhos, no caso sua sogra. Essa dinâmica se fortalece com as ações de reunificação familiar. Ao mesmo passo em que há a possibilidade de grupos familiares realizarem o projeto migratório em conjunto, mantendo um dos vínculos mais importantes nos processos de integração²⁴, os papéis nas cadeias de cuidado se reproduzem e reforçam a tradicional coreografia das relações interseccionais de poder no país de destino.

²⁴ Conforme Vilaça (2008), seria “plausível concluir que quanto mais extensas são as redes familiares e as suas repercussões na diminuição do desenraizamento, maior será a possibilidade de reconstruir sentidos de comunidade (imaginários e reais) e de adquirir equilíbrios emocionais e afetivos” (p. 71), que contribuem ao sentimento de não se sentir isolado e, por conseguinte, ao processo de integração.

Margarida compartilha da mesma sensação de desconfiança interpessoal no sentido do cuidado. Para que pudesse exercer atividades que contribuíssem à renda familiar, ela e seu companheiro reuniram esforços para viabilizar o processo de interiorização da sogra por reunião familiar. O apoio oferecido a Margarida - e esperado por ela - não se concretizou da forma que esperava de outra mulher de seu grupo familiar:

*le decía a mis hijas a ir más que todo a la iglesia, les dije para quitar el desayuno, desayunar: “aquí tienen para que hagan algo de almuerzo, y digas a tu abuela que te haga el almuerzo, no que lo hagas tú. Bueno, **porque tu abuela yo la traje porque le dije que ella quería venir para acá para ayudarme a mí con el embarazo y las niñas**” (Margarida)*

No caso de Lírio, que está há mais tempo reestruturando sua vida no Brasil e em PoA, e chegou ao país com condições financeiras relativamente mais estáveis (comparadas às das participantes que chegaram a partir de 2018), o papel do cuidado atribuído a mulheres e a relação com o trabalho externo se tornaram palpáveis, desenvolvendo um reconhecimento sobre eles após ter iniciado o acompanhamento psicológico, em virtude das múltiplas ocupações e da exaustão mental:

Ella me dijo que yo llevaba en la espalda la responsabilidad de una familia, de mis hijos, aparte de que, claro, tenía a mi esposo, pero la mujer pareciera que llevaría casi todo el resto de la organización de la Casa. Organización de los niños y todo eso, que sería mejor llevarlo todo con calma (Lírio, grifo meu)

Para que seguisse trabalhando “fora de casa”, Lírio contou com conhecidos confiáveis, neste caso professores da escola que seus filhos estariam frequentando, para conseguir a recomendação de outra mulher, “uma senhora”, que poderia cuidar de seus filhos enquanto trabalhava fora:

*Por aquí está una señora, ella es muy buena, tiene años trabajando, cuidando nenes y tal, y ahí yo le dije, bueno, perfecto, voy a ir a hablar con ella y voy a ponerme de acuerdo porque yo quiero continuar el trabajo. **¿Hasta profesores de la escuela me la recomendaron, no? Y ahí llegué con ella y entonces, ahí quedaron mis hijos durante más de 3 años, ella cuidando de ellos y todo eso, mientras nosotros íbamos a trabajar. Se nos hace un poco difícil, pero este en grosso modo ella era que me cuidaba los nenês mientras yo iba a trabajar, mientras yo hacía todas mis cosas. Es uno de los grandes desafíos de las mujeres que vienen con hijos. Entonces, ahí les afecta un poco dejar los con la babá para ellas, para poder ir a trabajar y todo eso** (Lírio, grifos meus).*

Nessa perspectiva, conclui-se que, apesar de desenvolver um reconhecimento crítico sobre o impacto do acúmulo da dupla jornada de trabalho para si, Lírio sente que é ela quem deveria buscar a uma pessoa para exercer o cuidado de seus filhos e, em caso contrário, Lírio mesma é quem deveria renunciar ao direito de “poder ir trabalhar”. Não há menção da possibilidade de divisão igualitária, revezamento ou troca nos papéis com seu companheiro e pai de seus filhos.

Vendo o desenvolvimento das entrevistas e do grupo focal, me chama atenção que me foi recomendado ter um filho, depois que finalizasse meus estudos. Porque, afinal, “depois da formação, o mais sagrado é ser mãe”.



Conclusões: nexos causais e possibilidades comparativas

Esta pesquisa se justificou em constatações teóricas a partir de fatores macro e micropolíticos, bem como aspectos empíricos de uma realidade local. Analisou-se um fenômeno que impacta expressivo quantitativo de pessoas, nesse caso mulheres, pela situação socioeconômica e política vivida na Venezuela, bem como os seus aspectos causais, por sua vez pautados nos efeitos da globalização sobre a migração na América Latina.

Partindo do contexto de que, no Brasil, o tratamento da questão migratória de nacionais venezuelanos se mostra alinhado a interesses externos e não necessariamente expressam interesses a longo prazo de países latino-americanos, foram realizadas entrevistas em profundidade e um grupo focal com mulheres migrantes venezuelanas a fim de compreender como constroem redes, nesse complexo contexto, em Porto Alegre.

Essa pesquisa também provocou à dedicação a algo mais do que as experiências de mulheres latino-americanas em fluxos migratórios. Fez-se, dela e do processo de suas análises e de sua escrita, uma forma de prática epistemológica, que buscou situá-las no protagonismo de seu estudo e de sua produção do saber.

A escolha pelo Rio Grande do Sul, por se mostrar o estado geograficamente mais longínquo do principal ponto de ingresso terrestre em território brasileiro, o estado de Roraima, demonstrou a proeminência que as relações em função da rede de assistência e os espaços de trabalho tomam com o distanciamento físico. Com o afastamento gradual, é perceptível a fragilização dos vínculos, e um reforço contínuo sobre vínculos estabelecidos em função da necessidade de prestar o cuidado e do espaço de trabalho.

O trânsito por processos migratórios mexe com o balanço mutante sobre nossas identidades e, por conseguinte, com as formas e níveis de autoidentificação. Acarreta a construção interna de identidades múltiplas e simultâneas, que não se configuram como uma coisa só, como *ser* e *sentir-se* de um só lugar. Condiciona, ao mesmo tempo, as formas que construímos relações e ressignificamos o sentimento de *fazer parte* de algo, ou de algum lugar.

O contexto atravessado periodicamente pela pandemia, pelas distâncias geográficas, pelas condições como pesquisadora e trabalhadora, e pelos próprios desafios e possibilidades

advindas de alguns processos de globalização, acarretaram a escolha de mensagens via redes sociais por internet como primeira forma de abordagem das participantes.

A partir da análise de conteúdo temática, foi possível formular três eixos de conclusões preliminares acerca da construção de redes de solidariedade por mulheres migrantes venezuelanas em Porto Alegre, o primeiro em relação à micropolítica local, o segundo em relação à macropolítica, e o terceiro sobre os delineamentos coletivos psicossociais, quais sejam:

- 1) A relação com a rede de assistência humanitária se constrói a partir da instrumentalização dela com o objetivo de suprir necessidades dos grupos familiares, estando fortemente associada com a posição dessas mulheres nas cadeias de cuidado;
- 2) As narrativas permitiram inferir um grau de desnorreamento e, por vezes, ausência de consciência manifesta acerca de possíveis aspectos macropolíticos causadores da situação migratória vivenciada;
- 3) Observou-se a reconfiguração da relação do pertencimento e da autoestima, em especial com o exercício laboral e, por conseguinte, com o processo de reestruturação (quando pretendido), o que é indicado como uma das expressões padrão da migração feminina latino-americana e sua inerente repetição da vulnerabilidade.

O primeiro nicho de conclusão desta pesquisa permite avançar sobre a compreensão da relação com a rede de assistência humanitária, pautada em objetivos primariamente vinculados às cadeias de cuidado e ao papel das mulheres desempenhado nelas. Restou o entendimento de que as redes mais bem estruturadas entre essas mulheres se formam a partir do esforço em suprir necessidades alimentícias, de saúde primária, de moradia e educacionais, básicas para a reestruturação da vida do grupo familiar como um todo na localidade de destino.

Assim, essas mulheres se dedicam e encontram validação, se sentindo úteis, na instrumentalização da rede de assistência local. A partir da priorização do que seria melhor para a família, essa via de integração opera como algo que acarreta o controle das reações e/ou a supressão da percepção de injustiça para essas mulheres, frente a um papel de responsabilidade sobre o bem-estar do grupo familiar destinado a elas.

O segundo nicho engloba uma delicada temática que, apesar de exigir alguns esforços persistentes de análise e, talvez justamente devido a isso, instiga uma das reflexões mais complexas nesta pesquisa. Buscou-se captar, nas entrevistas e no grupo focal, expressões de reconhecimento e de consciência crítica acerca dos aspectos macropolíticos e coletivos que forçam o fluxo de migração de pessoas venezuelanas de orientação sul-sul.

Esse intento resultou na compreensão de que o enquadramento causal, na perspectiva das participantes, é turvo, em grande parte devido aos condicionantes da necessidade de sobrevivência enfrentada e da predominância de um discurso que é reforçado pela própria rede de assistência e de financiadores. Pode-se inferir que isso confere um grau de fragilidade da consciência manifesta referente às múltiplas causas da exponencial migração venezuelana, como percepção macropolítica.

Similarmente, sobre a percepção institucional e micropolítica, se situa a compreensão parcializada, coletiva, sobre a relação construída pela rede com as mulheres venezuelanas. Acredita-se no fluxo unilateral de benefícios, no entendimento das participantes, entende-se que apenas as pessoas migrantes adquirem algo nessa relação, como se fossem somente “ajudadas”, de todos os lados. Não se mostra presente a percepção de um fluxo bilateral de benefícios, de que as organizações da rede também se beneficiam: como em relação a recursos, por exemplo, para sua atuação, manutenção e aumento de equipe e de que a agenda migratória justificaria a continuidade do trabalho dessas instituições.

Por fim, uma das análises centrais sobre o terceiro nicho, fundamentada no discurso e nas categorias nativas empregadas pelas entrevistadas, confirmou a hipótese de que a carreira, possibilitada a partir de condições socioeconômicas e do desejo experienciados no período prévio ao processo migratório, constitui elemento essencial ao sentimento de pertencimento. Diante disso e, analisando os padrões das políticas, dos programas e projetos de apoio à integração no país de destino, conclui-se que o critério do pertencimento não é substancialmente empregado.

Do contrário, as opções de inserção laboral disponibilizadas e estimuladas para mulheres venezuelanas são majoritariamente trabalhos mal remunerados, precários e com jornadas exaustivas, que em pouco ou em nada fazem alusão ao desejo profissional e à realização que potencialmente traria. A pressão de se reinventar e o estímulo ao uso do

recurso do empreendedorismo, empregados na indústria da migração, mascaram a precarização das relações de trabalho e as restritivas opções de geração de renda.

A análise de conteúdo exploratória construída no capítulo 2.1, sobre integração e pertencimento em processos migratórios, confirma-se nos conteúdos analisados nas narrativas das entrevistadas. Dessa forma, a pesquisa permite avançar na consolidação do reconhecimento empírico sobre a reprodução da receita padrão da migração sul-norte em um tempo e um espaço construído para impelir a migração sul-sul, em que mulheres representam a mão de obra mais precarizada e exposta à informalidade.

A constante deterioração da autoestima de mulheres venezuelanas a partir dos estigmas retroalimentados externa e internamente interferem no processo do pertencimento, que, por sua vez, impacta em como o processo de integração se dá ou não nas comunidades de destino.

Retoma-se, assim, a importância de considerar a sobreposição de desigualdades estruturais sobre o processo migratório, como a de gênero, bem como seu impacto sobre a agência individual e coletiva de pessoas em situação de mobilidade. Esse aspecto norteou todo o curso dessa pesquisa, para as participantes e para a pesquisadora, pontuados na relevância da flexibilidade e da sensibilidade ao campo e recursos metodológicos.

A partir disso, convém pontuar aspectos que incitam a algumas reflexões para oportuno desenvolvimento. O primeiro, se refere à possibilidade de comparar as vivências de homens e mulheres de forma mais aprofundada, para compreender os atravessamentos das identidades de gênero ao longo do projeto migratório e os impactos da precarização do trabalho em cada grupo.

Mostra-se interessante analisar, também de forma comparada, como são construídos os programas e ações de integração em diferentes países, a fim de identificar o critério do pertencimento, seu emprego e suas implicações em cada iniciativa, a fim de identificar uma possível tendência regional e/ou global de uniformização no tratamento sobre o tema.

A relação com as redes de solidariedade, em especial no que tange aquelas construídas com a rede de assistência, redes de mulheres e redes religiosas, pode ser analisada em diferentes contextos, comparativamente, entre cidades brasileiras, entre cidades-irmãs,

entre capitais, espaços rurais ou fronteiriços de diferentes países para compreender como essas dinâmicas transitam e quais variáveis apresentam maior impacto sobre elas.

Por último, as análises sobre as redes e cadeias transnacionais de cuidado no contexto das migrações sul-sul merecem destaque. Confirma-se novas dinâmicas entrelaçadas sob essa temática, que toma delineamentos sem precedentes com relação a outros grandes fluxos migratórios. Através delas, apresenta-se um aproveitamento sistemático das funções de cuidado prévias ao projeto migratório nas sociedades de destino como meio para integração e de ajuste às novas adversidades, que leva ao discurso de superação e de romantização da vulnerabilidade, enquanto a imposição da precarização perfaz, para muitas e muitos, um novo modo de vida.



Referências

- ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Limites e desafios à integração local de refugiadas, refugiados e pessoas migrantes da Venezuela interiorizadas durante a pandemia de Covid-19*. Brasília, 2021.
- _____. *Concurso de arte “Jovens #ComOsRefugiados” movimenta a juventude ao redor do mundo*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/06/10/concurso-de-arte-jovens-comosrefugiados-movimenta-a-juventude-ao-redor-do-mundo/>, 2021b.
- _____. *Green Jobs*. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/09/EmpregosVerdes_Portugues.pdf, 2020.
- _____. *Comitê Paralímpico Internacional anuncia seis atletas refugiados que competirão em Tóquio 2020*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/06/30/comite-paralimpico-internacional-anuncia-seis-atletas-que-competirao-pela-equipe-paralimpica-de-refugiados-em-toquio-2020/>, 2020b.
- _____. *Global Report*. 2019.
- _____. *Global trends: forced displacement in 2019*. 2019b.
- _____. *Evento inovador incentiva o empreendedorismo para refugiados e brasileiros em Boa Vista*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/08/22/evento-incentiva-o-empendedorismo/>, 2019c.
- _____. *O que é um lar? Uma poeta sul sudanesa reflete sobre décadas de fuga e exílio*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/07/09/o-que-e-um-lar-uma-poeta-sul-sudanesa-reflete-sobre-decadas-de-fuga-e-exilio/>, 2019d.
- _____. *Assessoria de Empreendedorismo qualifica mulheres venezuelanas para desenvolverem seus próprios negócios*. <https://www.acnur.org/portugues/2018/12/18/assessoria-de-empendedorismo-qualifica-mulheres-venezuelanas-para-desenvolverem-seus-proprios-negocios/>, 2018.
- _____. *Refugiados concluem curso no SEBRAE e buscam financiamento para suas*

futuras empresas. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/08/15/refugiados-concluem-curso-no-sebrae-e-buscam-financiamento-para-suas-futuras-empresas/>, 2016.

ACNUDH. Human rights violations and abuses in the context of protests in the Bolivarian Republic of Venezuela from 1 April to 31 July 2017. 2017.

ALVES, Thiago A. L. *Crise humanitária venezuelana e a proteção aos direitos dos refugiados*. TRAVESSIA - Revista do Migrante - Ano XXXIX, n. 90 – Jan-Abr/2021 .

BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália; DOMENICONI, Joice. *Migrações dirigidas: estado e migrações venezuelanas no Brasil*. RELAP - Revista Latinoamericana de Población Vol. 16 - Número 30: 65-93, 2021.

BARCELLOS, Tanya; JARDIM, Maria de L. T. *Migração e divisão social do espaço na Região Metropolitana de Porto Alegre*. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-136, ago. 2007.

BAQUERO, Marcelo; BAQUERO, Rute. *Capital Social e empoderamento na produção de uma democracia social na América Latina*. Redes: Revista do Desenvolvimento Regional, vol. 12, núm. 1, janeiro-abril, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BECKER, Ana Paula S; BORGES, Lucienne M. *Impacto das redes sociais no processo de migração familiar*. Ayvu, Rev. Psicol., v. 02, n. 01, p. 161-185, 2015.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

CAMUS, Albert. *L'Etranger*. Londres: Routledge, 3ª ed., 2005.

CARREIRA, Shirley de Souza G.; BEZERRA, Paulo A. *Vivendo do terceiro espaço: uma análise das relações interculturais em Tempo de migrar para o norte, de Tayeb Salih*. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli | V. 9, N. 3, p. 395-409, set.-dez. 2020.

CARRIJO, Edilma. *Religião como um ponto de convergência: pensar as migrações e os contributos do capital social religioso no processo de integração dos imigrantes*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2022.

CASTAÑEDA, M., et al. *Otras formas de (des) aprender. Investigación feminista entiempos de violencia, resistencias y decolonialidad*. Bilbao, Hegoa: SIMReF, vol 1. 2019.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da ‘invenção do outro’”. Em: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Márcio de. O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 6, nº 12, p. 88-113, 2018. <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/235/174>.

CAVALCANTI, Leonardo; SIMÕES, Gustavo F. Assimilacionismo x multiculturalismo: reflexões teóricas acerca dos modelos de recepção dos imigrantes (2014). *Revista Esferas*, Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.

CHAUÍ, Marilena de S. *Ética e violência*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

CISTERNA, Natalia. *Ifigenia de Teresa de la Parra: Construir el "yo" desde la alteridad*. In: SALOMONE, Alicia; LUONGO, Gilda; CISTERNA, Natalia; DOLL, Darcie; QUEIROLO, Graciela. *Modernidad em otro tono: escritura de mujeres latinoamericanas, 1920-1950*. Santiago: Cuarto propio. 2004. pp. 139-152.

COAN, Marival. *Educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo*. *Revista Labor*, nº 9, vol. 1, 2013.

COLEMAN, James. *Foundations of Social Theory*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University, 1990.

CORDERO, Ana L. *Cuidar se escribe en femenino: Redes de cuidado familiar en hogares de madres migrantes*. *Psicoperspectivas* vol.15 no.3 Valparaíso nov. 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero*. Los Angeles: Universidade da Califórnia, 2002.

DÍAZ, Emma M. *Mercado de trabajo, género e inmigración*. In: Harresiak Apurtuz (org). *Mujeres, migrantes, viajeras, incansables*. Bilbao: 2006.

DURKHEIM, Émile. “The Dualism of Human Nature and its Social Conditions [1914]”. In: BELLAH, Robert N. (ed.) *Emile Durkheim: On Morality and Society. Selected Writings*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1973.

_____. *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DORNELAS, Paula D. *Mulheres migrantes: lutas por reconhecimento e formas de resistência*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021.

DUTRA, Delia. *Migração internacional e trabalho doméstico: mulheres peruanas em Brasília*. São Paulo: OJM e CSEM, 1ª ed., 2013.

_____. *Marcas de uma origem e uma profissão: trabalhadoras domésticas peruanas em Brasília*. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 181-197, Jan./Abr. 2015.

FAO. *Informaciones Estadísticas*. <https://www.fao.org/faostat/es/#country/236>. Acesso em out. 2023.

FARIA, Luiz A. E. *Interesses em Conflito: raízes internas da política externa do Brasil no século XXI*. In: Míguez, María C. (coord.) *Los condicionantes internos de la política exterior: entramados de las relaciones internacionales y transnacionales / María Cecilia Míguez; Leandro Ariel Morgenfeld. – 1a ediciónbilingüe – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: 2020.*

FERNANDES, Nathalia V. E. *Categorías, intersecciones y reflexiones sobre discriminación contra migrantes en Tijuana*. In: *Movilidad en la frontera [recurso eletrônico] : Tijuana como espacio de (re)construcción de la vida / Organizadores Tuila Botega, Delia Dutra, Igor B. Cunha. – Brasília : CSEM, 2020.*

FERNANDES, Rosana Maria Luz. *Entre o político e o subjetivo: desigualdades, migração e suicídio em Boa Vista, Roraima*. Boa Vista: UFRR, Dissertação de Mestrado, 2019.

GARGALLO, Francesca. *Las ideas feministas latinoamericanas*. Ciudad de México: Universidad de la Ciudad de México, 2004.

GARZIGLIA, Leticia. “Cruzar la frontera y ponerse un pantalón”: *mujeres migrantes en América Latina y el Caribe*, 2022. TriContinental, disponível em:

<https://thetricontinental.org/es/argentina/nuestraamerica2-garziglia/>. Acesso em out. 2023.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Coletivo Sabotagem, 2004.

GORDON, Milton M. *Assimilation in American life*. New York: Oxford University Press, 1964. GREEN, Nancy. O Tempo e o Estudo da Assimilação. *Revista Antropológicas*. Dossiê Imigração, nº25, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas: Um Estudo sobre Mulheres, Relações Violentas e a Prática Feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

HARVEY, David. *O Problema da globalização*. *Revista Quadrimestral de Cultura e Política*, nº2. Milão: Teti Editore, pp. 125-140, 1996.

HERNÁNDEZ-LEÓN, Rubén. La indústria de lamigraciónenel sistema migratório México- Estados Unidos.Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/TraceMexicoDF/2012/no61/4.pdf>. TRACE 61 (Junio 2012): págs. 41-61. 2012.

HURTADO, Liliana E. *Resenha: A globalização imaginada*. São Paulo: PUC-SP, 2012.

JAGUARIBE, HELIO. *Dependencia y autonomíaen América Latina*. In: Jaguaribe, Helioand Ferrer, Aldo andWionczek, Miguel and Dos Santos, Theotonio (2017). *La dependenciapolítico-económicaen América Latina*. Clásicos recuperados. CLACSO ConsejoLatinoamericano de Ciencias Sociales, Argentina.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista*. In: JESUS, Jaqueline Gomes de (org). *Transfeminismo: teorias & práticas*. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2015.

_____. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Autora, 2012.

JULIANO, Dolores. *Mujeresestructuralmenteviajeras: estereotipos y estrategias*. *Papers*. 60, 2000. pp 381-389.

KUCHAKJE, Samira. *Solidariedade política e constituição de sujeitos: a atualidade dos movimentos sociais*. Soc. estado. n. 23 vol. 3, Dez/ 2008.

LOLIS, Dione. *Solidariedade e política social*. São Paulo: Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP, 1999.

MARTINS, Maria C.; BÓGUS, Cláudia M. *Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde*. Saúde e Sociedade v.13, n.3, p.44-57, set-dez, 2004.

MEZZANOTTI, Gabriela. *A padronização da assistência humanitária: uma análise crítica do discurso humanitário na ordem mundial*. Unisinos: Tese de doutorado, São Leopoldo, 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOORE Jr., Barrington. *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MORGAN, David L. *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park, California: Sage Publications, 1988.

OBMigra. Relatório Anual de 2022. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/RELAT%C3%93RIO_ANUAL/Relat%C3%B3rio_Anual_2022_-_Vers%C3%A3o_completa_01.pdf. Acesso em out. 2023.

_____. Refúgio em números - 2023. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Ref%C3%BAgio_em_N%C3%BAmeros/Refugio_em_Numeros_-_final.pdf. Acesso em out. 2023.

OIM, Organização Internacional para Migração. *World Migration Report 2022*. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em mai/2022.

_____. Projeto Revoada inicia capacitações em negócios e empreendedorismo para brasileiros emigrados e retornados. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/projeto-revoada-inicia-capacitacoes-em-negocios-e-empreendedorismo-para-brasileiros-emigrados-e-retornados>. 2022b

_____. Empoderando a Diáspora Sul-americana como Agente do Desenvolvimento Sustentável (Pesquisa). Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf>. 2022c.

_____. Em parceria com a OIM, programa Salto Aceleradora abre inscrições para impulsionar MEIs venezuelanos e migrantes de países vizinhos ao Brasil. Disponível em: <https://brazil.iom.int/news/em-parceria-com-oim-programa-salto-aceleradora-abre-inscricoes-para-impulsionar-meis>. Acesso em out. 2021.

_____. Projeto para mulheres venezuelanas e de países vizinhos abre caminho na indústria de costura do Rio de Janeiro. Set/2021b.

_____. Projeto Oportunidades, Fact Sheet: Resultados 2020. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/brazil/files/Publications/Fact%20Sheet%20Resultados%2020%20Oportunidades_PT.pdf. Acesso em out/2021. 2020.

_____. USAID e OIM anunciam um novo programa de integração de venezuelanos e migrantes de países vizinhos ao Brasil. <https://brazil.iom.int/news/usaid-e-oim-anunciam-um-novo-programa-de-integra%C3%A7%C3%A3o-de-venezuelanos-e-migrantes-de-pa%C3%ADses>. 2020b.

OLIVEIRA, M.; KULAITIS, F. *Habitus imigrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios*. Mediações - Revista de Ciências Sociais. v. 22, n. 1, 2017.

OLIVEIRA, Márcio de. O tema da imigração na sociologia clássica. *Revista Dados*, vol. 57, jan/mar, pp. 73-100, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/dados/v57n1/03.pdf>.

_____. *Imigrantes brasileiros no Québec: entre integração e mobilidade*. *Sociologias*, [S. l.], v. 17, n. 39, 2015.

OLIVEN, Ruben. *Marginalidad urbana em América Latina*. Revista Eure n. 19, 1992.

ONU, Organização das Nações Unidas. *Resolution adopted by the General Assembly on 21 December 2020*. Nova York: 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas, dez., 2020.

_____. *Entrepreneurship for Sustainable Development Report of the Secretary-General*. Nova York: Assembleia Geral das Nações Unidas, jul., 2018.

ONU Mulheres. *Transferência de renda leva empoderamento e recomeço a venezuelanas refugiadas e migrantes no Brasil*. Disponível em: www.onumulheres.org.br/noticias/transferencia-de-renda-leva-empoderamento-recomeco-a-venezuelanas-refugiadas-e-migrantes-no-brasil/. Acesso em out. 2021

PARELLA RUBIO, Sònia. *Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación*. *Autores, Textos y Temas*. Ciencias Sociales, n.º 36. Migraciones, proyecto editorial Barcelona: Anthropos, 2003 Papers 79 001-326 7/6/06 10:16 Página 321

PEREIRA, Julia M. *Modelo Operário Venezuelano: uma contribuição latino-americana à formação de trabalhadores*. Belo Horizonte: UFMG. 2015.

PEREIRA, Wemerson F. *Geopolítica do petróleo e poder no território na Venezuela: das concessões ao chavismo*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/730c0107-872e-48dc-95e0-64b75c21f86c/2020_WemersonFranciscoPereira_TGI.pdf. Acesso em: out. 2023.

PERNA, Giselle H. *Elas merecem ser lembradas: migração venezuelana para Porto Alegre – uma análise a partir das interfaces gênero migração*. Porto Alegre: PUCRS, 2023.

PISCITELLI, Adriana. *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás - Revista Sociedade e Cultura, vol. 11, núm. 2, 2008, pp. 263-274.

PRATT, Mary Louise. *“No me interrumpas”: las mujeres y el ensayo latinoamericano*. Debate Feminista, v. 21, 2000, pp. 70-88.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões*. In: Reflexões sobre a pesquisa sociológica. TEXTOS: Série 2. N. 3. p. 13-24. 1999.

R4V. *O que é a Plataforma R4V?* - 2021. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/document/o-que-e-plataforma-r4v-2021>. Acesso em mai/2022.

RAMELLA, Franco. (1995), *Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios*. In: BJERG, María & OTERO, Hernán (orgs.). *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil, CEMLA – IEHS, pp. 9-21.

RUEYLING, Chiou; PACHECO, Terezinha de Souza. *Impressões de ressentimentos, valores, representações sociais no contato inicial dos refugiados venezuelanos em território brasileiro*. In: Caderno de resumos expandidos: Desafios da Pesquisa em Educação: História, Políticas, Formação. Universidade Católica de Santos: XIV Mostra de Pesquisa do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), 2020.

RUTOMGY, Vera Lúcia; BASTOS, Sênia. *Para Além do Comércio de Comida Tradicional: O Empreendedorismo Étnico de Refugiados* [São Paulo-SP, Brasil]. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, v. 12, n. 4, 2020.

SÁNCHEZ, Ana A. G. *Prácticas cooperativas y redes de relación de las mujeres migrantes*. Barcelona: Universidad de Barcelona, *Bordón* 62 (4), 2010, 37-49.

SANTOS, Alessandra R. *Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SARRIERA, Jorge C.; PIZZINATO, Adolfo; MENESES, María P. R. *Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre*. *Estudos de Psicologia* 2005, 10 (1), 5-13.

SASSEN, Saskia. *Não é imigração, é expulsão*. In: Félix, Jorge. *Ponto e Vírgula - PUCSP - No. 18*, p. 171-179, 2015.

_____. *Contrageografías de la globalización. La feminización de la supervivência*. In: Saskia Sassen – “Contrageografías de la globalización: Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos”. Madri: Ed. Traficantes de Sueños, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI. *Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19*. In: Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, vol. 8, núm. 4. 2020

SEGATO, Rita L. *Identidades políticas/ Alteridades históricas: Uma crítica a las Certezas Del Pluralismo Global*. Brasília: Anuário Antropológico, 22(1), 161–196, 2018.

SILVA, Jéssica Cunha da. *Aproximar-se para dialogar: imigrantes venezuelanos e saúde mental*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2019.

SIMMEL, Georg. *O Estrangeiro*. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE, Vol. 4, nº 12, dez/2005.

SIMÕES, Bárbara B.; MARTINI, Sandra R. *Saúde mental no trabalho humanitário: o “outro” pela visão do direito fraterno*. Brasília: Revista Brasileira de Direito Internacional, v. 3, n. 1, Jan/Jun. 2017

SØRENSEN, Ninna N.; VAMMEN, Ida Marie. *¿A quién le importa? Las familias transnacionales en los debates sobre la migración y el desarrollo*. Investigaciones Feministas. Vol. 7x, Núm 1, 2016, pp. 191-220.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Por uma concepção multicultural de direitos humanos*. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 48, jun. de 2017.

SUÁREZ, Sabrina; TREJO, Alma. *La comunidad venezolana en México: perfil, motivaciones y experiencias*. In: El éxodo venezolano: entre el exilio y la emigración. Lima: Universidad Antonio Ruiz de Montoya, 2018

TARROW, Sidney. *Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

- TAVARES, Breitner. *Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal*. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto, 2010.
- THORNE, Barrie; YALOM, Marilyn. *Rethinking the Family: Some Feminist Questions*. New York: Longman (1982).
- TONHATI, Tânia, MACEDO, Marília (2020). *Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010- 2019)*. PÉRIPLoS, Revista de Pesquisa sobre Migrações. Volume 4 - Número 2, pp. 125-155. 2020.
- TRUZZI, Oswaldo; SCOTT, Ana Silvia V. *Tipologias migratórias, cadeias, redes e um estudo de caso*. 30º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2006.
- USAID. *Crisis regional por la situación de Venezuela – Emergencia compleja*. Hoja informativa n.º 3 Año fiscal 2023. Jun. 2023. Disponível em: https://www.usaid.gov/sites/default/files/2023-06/2023-06-22_USG_Venezuela_Regional_Crisis_Fact_Sheet_3-Spanish.pdf. Acesso em set. 2023.
- _____. *Stabilization and transitions – closed programs – Venezuela*. Disponível em: <https://www.usaid.gov/stabilization-and-transitions/closed-programs/venezuela>. Acesso em set. 2023.
- VIDIGAL, Carlos E. *Alinhamento ou submissão? As relações Brasil-Estados Unidos sob Bolsonaro*. In: Míguez, María C. (coord.) *Los condicionantes internos de la política exterior: entramados de las relaciones internacionales y transnacionales* / María Cecilia Míguez; Leandro Ariel Morgenfeld. – 1a edición bilingüe – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: 2020
- VILAÇA, Helena. *Imigração, Etnicidade e Religião – O papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste*. Alto-Comissariado Para A Imigração E Diálogo Intercultural, 2008.
- WUENSCH, Ana. 2015. *Acerca da existência de pensadoras no Brasil e na América Latina*. *Problemata: R. Intern. Fil.*, v. 6, n. 1, pp. 113-150.

ZANFORLIN, Sofia C.; AMARAL, Renata M. *Empreendedorismo para migrantes: relações entre gastronomia, consumo cultural e economia criativa*. E-compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), ISSN 1808-2599, v. 22, jan–dez, publicação contínua, 2019, p. 1–27.

ZIZEK, Slavoj. *Multiculturalismo ou a lógica cultural do capitalismo multinacional*. In: DUNKER, Christian; PRADO, José (Orgs.). *Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker, 2005.



ANEXO I

Roteiro de entrevista em profundidade

Etapa da implementação	<i>I</i>
Entrevistas em profundidade	<i>Roteiro semiestruturado</i>

BLOCO A – PERFIL

1. Quando chegou ao Brasil?
2. Como chegou ao Brasil?
3. Identidade de gênero
4. Idade
5. Escolaridade

BLOCO B – TRABALHO

1. Trabalha atualmente? Se sim, qual a ocupação?
2. Como é a relação com colegas de trabalho?
3. Qual era sua profissão na Venezuela?

BLOCO C – AS CAUSAS DA MIGRAÇÃO

1. O que fez você decidir ir para o Brasil?
2. Você acha que existem mais motivos para que muitas pessoas tenham sentido a necessidade de sair da Venezuela?
3. [Se a 2 tiver resposta positiva] – Quais motivos você acha que causaram essa situação difícil para tantas pessoas na Venezuela?

BLOCO D – REDE DE ASSISTÊNCIA EM PORTO ALEGRE

1. Faz parte de grupos de bairro?
2. Faz parte de grupos de mulheres?
3. Você participa de algum grupo religioso?
4. Tem contato com a rede de apoio a migrantes?
5. Como iniciou sua relação com a rede de apoio a migrantes?
6. Você criou vínculos, fez amigos e outros laços através da rede de apoio a migrantes?
7. Atualmente, você mantém contato ou participa de ações com a rede de apoio a migrantes?
8. Você sente que pode confiar nas pessoas?

BLOCO E – DISCRIMINAÇÕES

1. Você passou por alguma situação difícil no Brasil por ouvir algo ruim sobre você, sua nacionalidade, gênero, cor da pele e outras coisas assim?
2. Você conhece ou ouviu falar de alguém que tenha passado uma situação ruim assim?